



**Instituto Politécnico de Portalegre**  
**Escola Superior de Educação de Portalegre**



**OS MEDIA SOCIAIS COMO PROPORCIONADORES DO DEBATE PÚBLICO  
SOBRE AS MINORIAS ÉTNICAS**

Autor:

Ana Beatriz Cruz

Dissertação submetida para obtenção do Grau de Mestre em “Jornalismo, Comunicação e Cultura”

Orientador:

Professor Doutor Luís Bonixe

Instituto Politécnico de Portalegre

Escola Superior de Educação de Portalegre

**Julho de 2012**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer vai para além de dizer ‘obrigado’. Agradecer é estar grato. Agradecer conjuga ajuda, amizade, boas ações.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Luís Bonixe, por todos os ensinamentos que me transmitiu não só este ano letivo como ao longo do meu percurso universitário. Agradeço-lhe também por me ter guiado, orientado e iluminado nesta fase de elaboração da tese, bem como pelas suas correções e conselhos.

Em segundo lugar agradeço a todos os professores que me instruíram e acompanharam quer na Licenciatura quer no Mestrado, principalmente àqueles com quem tive mais contato.

A todos os colegas de Mestrado e a todos os colegas da Licenciatura um muito obrigada pela troca de ideias, pelos trabalhos, amizades e companheirismo.

Aos meus amigos agradeço por tudo. Agradeço a amizade cultivada ao longo dos anos, agradeço os ‘vais conseguir’, agradeço a paciência de me ouvirem a falar sobre a tese e o interesse com que queriam perceber o que estava a fazer.

À minha família agradeço a paciência, os conselhos, a preocupação, a ajuda e a sabedoria.

Ao meu namorado agradeço o apoio, o auxílio, o acompanhamento, a preocupação, a paciência, a amizade e o amor que sempre me demonstrou.

De uma forma geral agradeço a todos aqueles que me acompanharam ao longo do meu percurso letivo, porque de uma certa forma todos contribuíram para ter seguido este caminho.

Muito Obrigada!

## **RESUMO**

Os media sociais possibilitam um novo papel de utilizador. Esse papel veio tornar-nos participantes ativos na agenda mediática.

As minorias étnicas são sub-representadas nos media, devido à hierarquia das fontes informativas e ao défice de discursos alternativos.

Com esta dissertação objetivou-se perceber se os media sociais proporcionam o debate público acerca das minorias étnicas através de três níveis de estudo: o primeiro consistiu na análise das peças jornalísticas sobre as minorias étnicas em primeiro plano; o segundo constituiu-se pelo estudo dos comentários efetuados às mesmas no site e na página do Facebook do ‘Correio da Manhã’ e do ‘Público’; e o terceiro envolveu o estudo de formatos de participação.

Conclui-se que os media sociais proporcionam o debate público, porém os utilizadores não contribuem na plenitude para a construção de uma opinião pública fundamentada.

**PALAVRAS-CHAVE:** minorias étnicas; media sociais; debate público.

## **ABSTRACT**

Social media enables a new user role. This role becomes us active participants in the media agenda.

Ethnic minorities are underrepresented in the media, because the hierarchy of information sources and the lack of alternative discourses.

This dissertation aimed to understand if social media provide public debate about ethnic minorities through three levels of study: the first consisted in the analysis of news stories about ethnic minorities in the foreground; the second consisted in the study of the comments in the site and in the Facebook page of ‘Correio da Manhã’ and ‘Público’; and the third involved the study of formats of participation.

We concluded that social media provide public debate, but users do not contribute entirely for the construction of a reasoned opinion.

**KEYWORDS:** ethnic minorities; social media; public debate.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS**

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

SEF – Serviços Estrangeiros e Fronteiras

CM – Correio da Manhã

## **ÍNDICE**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>1. MINORIAS ÉTNICAS NOS MEDIA: DEFINIÇÃO, DISCRIMINAÇÃO E REPRESENTAÇÃO .....</b>  | <b>11</b> |
| 1.1. DISCRIMINAÇÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS: RACISMO, ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS.....  | 13        |
| 1.2. REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS NOS MEDIA .....   | 17        |
| <b>2. O NOVO PARADIGMA DO JORNALISMO: JORNALISMO PARTICIPATIVO, MEDIA SOCIAIS E DEMOCRACIA.....</b>   | <b>22</b> |
| 2.1. JORNALISMO PARTICIPATIVO: DAS MUDANÇAS AO PARADIGMA ATUAL  | 23        |
| 2.1.1. O novo papel do jornalista.....  | 25        |
| 2.1.2. Mudança do papel do utilizador .....   | 28        |
| 2.1.3. Comentários e outras ferramentas/formas de participação .....  | 30        |
| 2.1.4. Paradigma atual do jornalismo participativo.....   | 31        |
| 2.2. REDES SOCIAIS COMO POTENCIADORAS DE INTERAÇÃO E DE UM NOVO ESPAÇO PÚBLICO .....  | 35        |
| 2.3. NOVOS MEDIA COMO CONSTRUTORES DA DEMOCRACIA E PROMOTORES DA CIDADANIA .....  | 39        |
| <b>3. METODOLOGIAS E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.....</b>   | <b>44</b> |
| <b>4. ANÁLISE DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE MINORIAS ÉTNICAS DOS SITES DO ‘CORREIO DA MANHÃ’ E DO ‘PÚBLICO’, E DOS COMENTÁRIOS ÀS MESMAS.....</b> | <b>50</b> |
| 4.1. ANÁLISE DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MINORIAS ÉTNICAS .....  | 50        |
| 4.1.1. Análise das peças jornalísticas sem comentários do Correio da Manhã e do Público .....   | 50        |
| 4.1.2. Análise das peças com comentários do Correio da Manhã e do Público .....   | 52        |
| 4.2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS COMENTÁRIOS FEITOS ÀS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MINORIAS ÉTNICAS .....  | 54        |
| 4.2.1. Análise e Interpretação dos comentários nos sites dos jornais em análise.....  | 54        |

|  |           |
|--|-----------|
| 4.2.2. <i>Análise e Interpretação dos comentários na página do Facebook do Correio da Manhã e do Público</i> ..... | 63        |
| 4.2.3. <i>Casos de análise específicos</i> .....   | 64        |
| 4.2.3.1. <i>Caso da cidadã Britânica</i> .....   | 65        |
| 4.2.3.2. <i>Caso Futebolístico</i> .....   | 65        |
| 4.2.3.3. <i>Caso da etnia cigana</i> .....   | 66        |
| 4.3. <i>OUTROS FORMATOS DE PARTICIPAÇÃO DOS UTILIZADORES</i> .....   | 66        |
| 4.4. <i>OBSERVAÇÕES FINAIS DOS RESULTADOS OBTIDOS</i> .....  | 67        |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>69</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....  | <b>74</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....  | <b>79</b> |

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1: Categorias de Análise das Peças Jornalísticas

Tabela 2: Categorias de Análise dos Comentários

Tabela 3: Formatos de Participação

Tabela 4: Peças Jornalísticas sem comentários

Tabela 5: Peças Jornalísticas com comentários

Tabela 6: Participação nos sites e das páginas do Facebook em análise

Tabela 7: Tipos de Linguagem

Tabela 8: Contribuição para o debate público

Tabela 9: Identificação dos Comentários



## **INTRODUÇÃO**

“A comunicação e os *media* em geral não são apenas janelas para o mundo. Pelo contrário, constituem fontes de mudança, valores, atitudes, formas de encarar o mundo, ideologias, olhares sobre o “outro”, mundos e futuros possíveis.” (Cardoso & Lamy, 2011: 74).

O presente estudo pretende ser um contributo para fomentar a reflexão e a análise acerca da participação e do debate público nos media sociais. Especificamente, pretende-se perceber se os media sociais promovem o debate público sobre questões relacionadas com as minorias étnicas.

O debate público é um discurso produtor de opiniões positivas ou negativas sobre determinado assunto ou pessoa, podendo ser apresentadas como soluções, contradições, questões, diferentes perspetivas, não considerando opiniões ‘out of context’ ou desrespeitosas, mas as que proporcionem o gerenciamento de opinião pública e a promoção da cidadania.

A escolha do tema prende-se com o interesse pessoal pelas duas temáticas subjacentes, os media sociais e as minorias étnicas. Além disso, ainda se conhecer pouco do público dos media sociais (Marwick & Boyd, *in* Francisco, 2010). Neste sentido, consideramos pertinente a escolha desta temática não só devido aos assuntos inerentes à mesma, como também ao novo paradigma do jornalismo e à crescente participação dos utilizadores nos media.

Estudar as minorias étnicas é ambicionar que o jornalismo produza discursos mais alternativos, portanto queremos perceber se os utilizadores participam contribuindo para o debate público sobre estes grupos sociais.

Desta feita, a nossa pesquisa engloba duas vertentes de investigação no âmbito do jornalismo, o estudo da representação das minorias étnicas nos media e o estudo do novo paradigma do jornalismo.

Com vista a perceber a promoção do debate público sobre temas relacionados com as minorias étnicas, efetuámos três níveis de estudo: o primeiro corresponde à análise das peças sobre as minorias étnicas em primeiro plano; o segundo diz respeito ao estudo dos comentários efetuados às peças sobre minorias étnicas no site e na página do Facebook dos jornais em análise; e o terceiro consiste no estudo de formatos de participação.

Optámos por seleccionar dois jornais diários com linhas editoriais diferentes: um ‘popular’, o Correio da Manhã; e um de ‘referência’, o Público – com vista à comparação do discurso dos mesmos e dos comentários dos seus utilizadores.

Os dados foram recolhidos nos sites dos jornais e nas suas páginas do Facebook nos meses de Novembro e Dezembro de 2011 e nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2012, diariamente às 21h00.

A tese está dividida em duas partes. A primeira parte consiste no enquadramento teórico sendo composta pelos dois primeiros capítulos. A segunda parte também composta por dois capítulos apresenta os estudos empíricos.

No capítulo I - *Minorias Étnicas nos Media: definição, discriminação e representação* – enquadramos teoricamente as minorias étnicas. Inicialmente abordamos o conceito de minoria, de etnia e de minoria étnica. De seguida, focamos a problemática da discriminação das minorias étnicas, falando de racismo, estereótipos e preconceitos. E por fim, falamos da representação das minorias étnicas nos media.

No capítulo II - *O Novo Paradigma do Jornalismo: jornalismo participativo, media sociais e democracia* – justificamos teoricamente o novo paradigma do jornalismo atual. Primeiramente teorizamos sobre o conceito de jornalismo participativo e as mudanças consequentes. Seguidamente falamos das redes sociais como potenciadoras de interação e de um novo espaço público. Por último, exploramos a construção da democracia e a promoção da cidadania pelos novos media.

O capítulo III - *Metodologias e Objetivos da Investigação* – corresponde à descrição dos objetivos de investigação e das metodologias utilizadas para a prossecução dos mesmos.

E o capítulo IV - *Análise das Peças Jornalísticas sobre Minorias Étnicas dos sites do “Correio da Manhã” e do “Público”, e dos comentários às mesmas* - diz respeito à apresentação e à análise dos dados recolhidos. Inicialmente analisamos as peças jornalísticas sem comentários. Seguidamente apresentamos e discutimos os dados acerca das peças jornalísticas com comentários. Subsequentemente, analisamos e interpretamos os comentários dos sites e das páginas do Facebook dos jornais em análise. De seguida, apresentamos e discutimos outros formatos de participação. E por fim, tecemos um conjunto de observações finais aos resultados obtidos.

O trabalho finaliza com uma conclusão geral, na qual se procedem a algumas reflexões acerca do estudo, apresentando ainda sugestões para o desenvolvimento de futuras investigações nesta área.

## **PARTE 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. MINORIAS ÉTNICAS NOS MEDIA: DEFINIÇÃO, DISCRIMINAÇÃO E REPRESENTAÇÃO**

Este capítulo visa refletir sobre as minorias étnicas e a sua representação nos media, assim sendo iremos focar a sua definição, os problemas de integração social das mesmas e a imagem que estas têm nos media sociais.

Com a finalidade de enquadrar conceptualmente minoria étnica, importa determinar dois conceitos-chave: o conceito de minoria e o conceito de etnia.

O conceito de minoria diz respeito à possibilidade de ter voz ativa e de intervir em questões decisórias do poder, logo as minorias são setores ou frações sociais comprometidas pelas lutas em volta das questões sociais (Sodré, 2005). Assim, a minoria é um grupo social que procura ter uma posição ativa na sociedade, procura ter voz para contribuir, intervir e participar na cidadania.

De acordo com Sodré (2005: 12), o conceito de minoria “é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação com o poder”, referindo ainda que “implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual.” (*idem*).

Portanto, um grupo minoritário pode ser definido como um grupo em desvantagem, desprivilegiado ou oprimido (Berghe, 1996), já que as minorias lutam para conquistar o poder da fala (Sodré *in* Barbalho, 2005). Também podendo ser visto como “um grupo de indivíduos numericamente inferiores ao resto da população de um Estado e numa posição de não dominância” (Viegas & Pereira, 2006: 168).

Algumas vezes estes grupos são considerados como menores em termos de importância (Wilson, Gutiérrez & Chao, 2003), sendo rotulados negativamente no sentido em que são tidos como “inferiores” ou menos importantes perante o resto da sociedade.

Os grupos minoritários destacam-se por algumas características que vão para além de questões físicas, psíquicas e/ou culturais. Sodré (2005) determinou quatro características básicas para definir minoria, entre as quais: vulnerabilidade jurídico-social, já que não são institucionalizados pelo sistema vigente; identidade ‘*in statu nascendi*’, pois apresentam-se

sempre na condição de uma entidade em formação; luta contra-hegemónica, isto é luta contra a redução do poder; e por fim, as estratégicas discursivas, ou seja os seus principais recursos de luta.

Por outro lado, o conceito de etnia refere-se a um grupo de pessoas ou a uma nação (Cashmore, 1996: 119), por isso “um grupo étnico não é um mero agregado de pessoas ou um sector da população, mas uma coleção auto-consciente de pessoas unidas, ou intimamente relacionadas, por experiências partilhadas.”<sup>1</sup> (*idem*). Assim, os membros de uma minoria étnica têm características religiosas ou linguísticas que diferem da restante população, tendo também um sentido de solidariedade no que diz respeito à “preservação da sua cultura, das suas tradições, credos religiosos ou linguagem” (Perruchoud *in* Viegas & Pereira, 2006: 168). Pois, um grupo étnico é um grupo social minoritário, percebido e classificado como diferentes da cultura dominante (Cabecinhas & Amâncio, 2004).

Já para Martiniello (*in* Torres, 2004: 25) a etnicidade “não é uma questão de parentesco e de ascendência biológica, mas antes uma questão de construção social e política”.

Apesar de alguns autores preferirem a utilização do termo ‘raça’, nós preferimos o termo ‘etnia’, uma vez que é mais contemporâneo. Tal como refere Martiniello (*in* Torres, 2004: 24) “as raças humanas não existem de um ponto de vista físico e biológico”. Além disso, a UNESCO recomendou a não utilização do termo ‘raça’ e o uso de conceitos menos discriminatórios, já que não se identificou qualquer gene ligado às supostas raças humanas (Cabecinhas & Amâncio, 2004).

Posto isto, ao falarmos de minorias étnicas estamos a falar de grupos desprivilegiados, pois, como vimos anteriormente, as minorias são definidas como grupos em desvantagem social e os grupos étnicos são tidos como diferentes da maioria.

Wilson et. al. (2003) consideram que o conceito de minoria étnica diz respeito a algo pouco numeroso, menor que a maioria, referindo que: “no passado, o termo era frequentemente aplicado a pessoas de cor nos Estados Unidos porque o número total de negros, latinos, americanos asiáticos do pacífico, e nativos americanos era menor do que a maioria branca.”<sup>2</sup> (Wilson et. al., 2003: 5).

De acordo com Smith (*in* Carvalho, 2007) existem algumas características que definem os grupos étnicos, como por exemplo: nome próprio coletivo; mito de linguagem comum;

---

<sup>1</sup> “an ethnic group is not a mere aggregate of people or a sector of a population, but a self-conscious collection of people united, or closely related, by shared experiences.” (*idem*).

<sup>2</sup> “in the past, the term was often applied to people of color in the United States because the total number of Blacks, Latinos, Asian Pacific Americans, and Native Americans was smaller than the White majority.” (Wilson et. al., 2003: 5).

memórias históricas partilhadas; elementos diferenciadores de cultura comum; associação a uma terra natal; e um sentido de solidariedade em sectores significativos da população.

O autor (Smith *in* Carvalho, 2007) refere ainda que as minorias étnicas só existem porque consideram que têm determinados atributos que os diferenciam que outros grupos. Assim sendo, as comunidades étnicas afastam-se e excluem-se não só pela forma como são tratadas pela restante sociedade, mas também porque pretendem viver em comunidade, tornando a sua integração mais difícil.

Deste modo, ao longo desta investigação, ao falarmos de minorias étnicas, não podemos deixar de focar os imigrantes, uma vez que também podem ser um grupo étnico e que partilham as mesmas características. Além disso, tal como os grupos étnicos, os imigrantes nem sempre se conseguem integrar na sociedade devido a vários fatores, como pelo “desconhecimento da língua, por diferenciações religiosas...” (Carvalho, 2007: 17).

Logo, a imigração pode ser vista como um processo pelo qual indivíduos ‘não-nacionais’ se descolam para um país a fim de se estabelecerem no mesmo (Perruchoud *in* Viegas & Pereira, 2006). Portanto, para Viegas & Pereira (2006), imigrantes são indivíduos que se deslocam para um país diferente do seu, podendo ser identificados através da sua cidadania, residência, tempo ou duração da estadia, propósito da estadia e lugar de nascimento.

## **1.1. DISCRIMINAÇÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS: RACISMO, ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS**

Tal como referimos anteriormente as minorias étnicas são grupos em desvantagem social, sendo um dos sectores mais discriminados e marginalizados. Portanto, ao falarmos de minorias étnicas não podemos deixar de falar de discriminação, racismo e estereótipos.

A discriminação é tida como um comportamento supostamente observável e relativamente mensurável, com vista a beneficiar um indivíduo ou um grupo social em vez de outro (Taguieff *in* Zhang, 2005; Zhang, 2005). Logo, ao falarmos de discriminação não podemos esquecer que esta não é exclusiva de um determinado grupo, existindo em todos os sectores da sociedade.

Segundo Dijk (2000a), o racismo e as ideologias são reproduzidos pelas práticas sociais, especialmente através do discurso. Sendo assim, para o autor, as “ideologias racistas e os preconceitos étnicos/raciais ideologicamente controladas podem ser finalmente expressas no texto e na fala. Por notícias concretas, histórias do quotidiano, ou discussões de causas

específicas”<sup>3</sup> (Dijk, 2000a: 98). Assim, se considerarmos que os media têm um papel fundamental na produção e reprodução de discursos, podemos dizer que também têm responsabilidade da reprodução das ideologias e dos preconceitos racistas. Além disso, tendo em conta que os discursos produzidos pelos ‘poderosos’ e pelos media influenciam a opinião das pessoas comuns, podemos considerar que estes sectores também podem ser responsáveis pela criação e manutenção dessas ideologias.

Viegas & Pereira (2006) referem que o problema da discriminação face aos imigrantes está por vezes relacionado com políticas de imigração desajustadas. Pois, apesar das vantagens que a imigração traz para os países, os aspetos negativos são tidos em conta a maioria das vezes. Isto é, aspetos como a perda de recursos humanos e as tensões económicas, políticas e sociais são tidos como mais relevantes, apesar dos saberes, conhecimentos e culturas que a imigração proporciona aos países (Internacional Migration Report *in* Viegas & Pereira, 2006).

Os estereótipos são vistos por Lippmann (*in* Cabecinhas, 2002: 2) como “imagens mentais sobre a realidade que se interpõem, sob a forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade”. O autor considera ainda que, indiretamente, os estereótipos negativos sobre as minorias étnicas justificavam a discriminação (Lippmann *in* Cabecinhas, 2002). Apesar de alguns autores, considerarem que são inevitáveis (Bruner, *in* Cabecinhas, 2002), tornando assim os media sujeitos a comunicá-los, o que não deve explicar a sua presença nos media já que estes devem manter a objetividade e a imparcialidade.

De facto, os estereótipos têm um papel muito importante na vida em sociedade pois ajudam-nos a julgar os outros, sendo importante que os media façam retratos positivos das minorias étnicas objetivando influenciar a perceção que a restante sociedade tem destes grupos, e consequentemente atenuando o preconceito (Zhang, 2005). Assim, os estereótipos são vistos como auxiliares de simplificação e organização da vida dos indivíduos (Cabecinhas, 2002), por isso também podemos considerá-los positivos.

Dijk menciona que os preconceitos em relação às minorias étnicas não têm só uma dimensão negativa, referindo que não são apenas um ‘estado mental’ e não envolvem somente a (trans)formação de atitudes étnicas (Dijk, 1987). Porém, considera que há uma tendência para selecionar informações positivas sobre ‘nós’ e negativas sobre os ‘outros’ (Dijk, 2000a).

---

<sup>3</sup> “racist ideologies and ideologically controlled ethnic/racial prejudices may finally be expressed in text and talk. For concrete news reports, everyday stories, or discussions about specific causes” (Dijk, 2000a: 98).

Logo, se as representações forem maioritariamente negativas, as ideologias sociais também são, o que acaba por condicionar determinadas atitudes, e vice-versa.

O autor (Dijk, 1987) diz ainda que os preconceitos étnicos não vêm só das opiniões pessoais sobre outras pessoas, sendo que a partilha de ideias é importante para criar, reforçar ou terminar com essas ideologias e atitudes.

Ao falamos de discriminação face aos grupos étnicos, interessa também focar o conceito de racismo.

Por vezes, o racismo é associado a fatores biológicos, como a origem étnica e a cor da pele, falando-se de ‘superioridade’ ou ‘inferioridade’ biológica (Torres, 2004). Pois, apesar de a hierarquização racial não ser socialmente aceite os comportamentos e perceções racistas persistem, porém as pessoas têm o cuidado de disfarçar essas suas ideias (Cabecinhas & Amâncio, 2004). Podemos assim dizer que o racismo existe mas permanece disfarçado e consequentemente indiscutível.

Uma outra aceção de racismo assenta na ideia de que “há sociedades inferiores a outras, que são, assim, desvalorizadas, discriminadas, estereotipadas e não raro coisificadas” (Sá, 2004: 127).

Segundo Dijk (2000a) o racismo não se manifesta apenas por um componente ou fator, considerando que combina os seguintes componentes: ideologias baseadas em representações sociais de (ou sobre) grupos; imagens mentais sobre eventos étnicos; discursos e outras práticas sociais discriminatórias; estruturas e atividades institucionais e organizacionais; e, relações de poder entre a maioria e as minorias.

Assim, o problema da discriminação face aos grupos étnicos minoritários deve-se aos “resultados do julgamento erróneo de uma falha de som informativo quando se tenta defender cegamente a nossa identidade social em oposição aos outros”<sup>4</sup> (Tajfel & Turner *in* Zhang, 2005: 4). Deste modo, os media podem ser associados a esta falha de informação e consequentemente à falha de aceitação destes grupos pela sociedade em geral. Pois, os media tem um papel central na reprodução do racismo devido às relações que têm com outras elites e devido há sua influência em moldar e alterar as ‘mentes’ sociais (Dijk, 1995).

A reprodução do racismo nos media deve-se igualmente à sub-representação e à discriminação dos jornalistas dos grupos étnicos (*idem*), que têm consequências profundas nas rotinas e nas estratégias do newsmaking, como por exemplo: a falta de conhecimento dentro das comunidades étnicas dos jornalistas brancos (Daniel & Allen *in* Dijk, 1995); os jornalistas

---

<sup>4</sup> “erroneous judgment results from a lack of sound information when one tries blindly to defend one’s social identity into us as opposed to other” (Tajfel & Turner *in* Zhang, 2005: 4).

de grupos étnicos são menos promovidos, cobrem mais vezes temas étnicos, e não têm tanto poder em controlar/definir as suas histórias; os jornalistas de minorias étnicas são vistos como menos competentes, credíveis e imparciais (Dijk, 1995). Porém, apesar de Dijk argumentar que este facto traz consequências, não considera que seja intencional ou conspiratório (*idem*).

Ao falarmos de discriminação face aos grupos étnicos minoritários interessa-nos perceber de que forma é que essas ideologias estão (mentalmente) organizadas. Para Dijk (1987) existem determinadas categorias hierárquicas que organizam as nossas atitudes perante as minorias étnicas: a aparência, a origem, a posição socioeconómica, as propriedades socioculturais e as características pessoais. A aparência tem um papel fundamental na identificação e categorização, já que é uma propriedade física visível, tornando-se o ‘cartão-de-visita’ de determinado grupo (*idem*). Já a origem define os limites territoriais ou espaciais, neste caso as ‘conversas de café’ estão repletas de frases como ‘eles não pertencem aqui’ que acabam por condicionar a nossa aceção (*ibidem*). Relativamente, à posição socioeconómica das minorias, como estas se situam normalmente nas classes mais baixas são caracterizadas pela falta de inteligência, maneiras, discursos, e pela preguiça, agressão, violência ou crime – nas entrevistas realizadas pelo autor nota-se uma culpabilização das mesmas pela situação económica do país (*ibidem*). As propriedades socioculturais são bastantes importantes já que também são características visíveis, manifestando-se através das roupas, religião, estruturas familiares e relacionamentos, etc. – a pesquisa do autor demonstrou que a ‘maioria’ gostava de moldar os grupos minoritários à sua semelhança (*ibidem*). Por fim, a sociedade em geral costuma autodeterminar-se como ‘superior’ atribuindo características pessoais negativas aos grupos étnicos (*ibidem*).

Posto isto, o investigador (Dijk, 1987) concluiu que o conhecimento base da discriminação e do racismo não pode ser adquirido ou partilhado socialmente sem os múltiplos processos de comunicação pública e interpessoal, como podemos ver:

“As pessoas brancas “aprendem” sobre as minorias principalmente através da fala e do texto. Eles ouvem e lêem sobre os grupos minoritários existentes ou novos imigrantes no país, cidade e comunidade através de tipos de discurso miríade que definem as linhas de comunicação da nossa sociedade (...)”<sup>5</sup> (Dijk, 1987: 383 - 384).

---

<sup>5</sup> “White people “learn” about minorities mainly through talk and text. They hear and read about extant minority groups or new immigrants in country, city, and community through myriad discourse types that define the communication lines of our society (...)” (Dijk, 1987: 383 - 384).



Com vista a minimizar o preconceito, Oskamp (*in* Zhang, 2005) sugeriu alguns argumentos, entre os quais: leis, regulamentos e normas; influenciar processos de massa, quer normativos como informativos; psicoterapia para modificar características da personalidade – sendo que o autor considera que o primeiro argumento é mais efetivo.

Desta feita, ao longo da nossa investigação, interessa-nos perceber se os estereótipos, o racismo, o preconceito e a discriminação condicionam a representação das minorias étnicas nos media.

## **1.2. REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS ÉTNICAS NOS MEDIA**

Quanto falamos de representações de minorias étnicas, devemos ter em conta que os media são responsáveis pelas mediações sociais, já que regulam a relação do indivíduo com os seus pares e com o mundo (Paiva, 2005). Sendo assim, consideramos que os media têm um papel fundamental na imagem dos grupos étnicos.

Estudos realizados pelo *European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia* (*in* Ferin, Torres, Filho & Santos, 2008) sobre as atitudes face aos imigrantes e às minorias étnicas, concluíram que os media têm impacto na formulação da opinião e nos comportamentos perante estes grupos (*European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia*), pois:

“(…) tendem a acentuar a função de reforço cultural que os Media podem exercer na sociedade, ora acentuando as diferenças culturais e étnicas em detrimento da integração e da diversidade, ora veiculando imagens, valores e modelos de uma sociedade mais inclusiva.” (*European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia in* Ferin & Santos et. al., 2008: 24).

Concluindo também que existem estereótipos associados às minorias étnicas nos media (Ferin et. al., 2008), tal como referimos anteriormente.

Para Dijk (1995) os media têm um papel central na modelação dos conhecimentos sociais. No entanto, se considerarmos os recetores ativos e até certo ponto independentes podemos dizer que a influência dos media não é imediata, porém as crenças pessoais são estrategicamente moldadas e mudadas (Downing et. al.; Grabel; Harris; Dijk *in* Dijk, s/d). Contudo este controlo pode ser particularmente efetivo quando:

“(…) os seus utilizadores não se apercebem da natureza ou das implicações de tal controlo e

quando “mudam as suas mentes” de forma voluntária, como ocorre quando aceitam os relatos noticiosos como sendo verdadeiros, ou as opiniões jornalísticas como sendo legítimas ou correctas.” (Dijk, 2005: 75).

Este facto não descarta o importante papel dos media, mas ‘atenua’ a sua responsabilidade, já que apesar da sua influência os recetores têm poder de decisão e não são totalmente passivos.

A representação da minorias étnicas nos media pode ser influenciada por acontecimentos de tal modo emblemáticos que passam a ser tidos como acontecimentos-padrão. Ferin & et. al. (2008), referem que acontecimentos como o ‘arrastão de Carcavelos’<sup>6</sup> fazem com que estes grupos sejam tratados como ‘inimigos’, e com que haja um senso comum sobre os comportamentos desviantes destes mesmos grupos. Assim, determinados acontecimentos ‘comuns’ podem ser ampliados de tal forma ao ponto de se tornarem uma referência em situações semelhantes, ou seja criam-se estereótipos que podem influenciar a imagem de determinados grupos.

O facto de os media procurarem o irregular, o bizarro e o incomum, faz com que a cobertura das minorias étnicas seja inclinada para temas negativos, tal como mencionaram Wilson et. al. (2003): “a cobertura mediática das pessoas de cor focou várias vezes a atenção excessiva nos mais bizarros ou incomuns elementos das comunidades minoritárias, como os gangs jovens, imigração ilegal, e violência inter-racial.”<sup>7</sup> (Wilson et. al., 2003: 29).

Os constrangimentos das rotinas de produção jornalística também podem condicionar a investigação de determinados acontecimentos (Ferin et. al., 2008), e consequentemente a representação de determinados sectores ou grupos sociais.

Um outro aspeto que pode condicionar a representação dos grupos étnicos é a falta de credibilidade que estes têm como fontes de informação. Pois, as minorias têm menos acesso aos media, uma vez que não controlam o ‘discurso das fontes’ em que é baseado o newsmaking: conferências de imprensa, press releases, briefings, brochuras informativas, documentos, entrevistas, etc. (Dijk, 2000b).

---

<sup>6</sup> O “arrastão de Carcavelos” foi um acontecimento selecionado para um estudo mais cuidado por parte dos investigadores. Este acontecimento refere-se a um assalto coletivo feito por um grupo de jovens de descendência maioritariamente africana, no dia 10 de Junho de 2005.

<sup>7</sup> “The media coverage of people of color has often focused inordinate attention on the more bizarre or unusual elements of minority communities, such as youth gangs, illegal immigration, and interracial violence.” (Wilson et al., 2003: 29).

O problema do retrato destes grupos começa na falta de debate sobre imigração e sobre os problemas que lhe estão adjacentes entre autoridades políticas e económicas, sendo que esse debate depende de eventos pontuais (Viegas & Pereira, 2006). O que vai, à partida, condicionar o agendamento desta temática, devido ao poder que as ‘elites’ (neste caso políticas e económicas) têm para condicionar a agenda dos media.

Assim, a maioria das notícias sobre imigrantes e sobre minorias étnicas assentam nos seguintes eventos: novos imigrantes (ilegais) que chegam; respostas políticas sobre imigração; problemas de receção e problemas sociais; caracterizações culturais (como são diferentes?); complicações e caracterizações negativas (como eles são desviantes?); violência, crime, drogas e prostituição; e conflitos na integração (Dijk, 2000b).

Portanto, além da seleção estreita de tópicos sobre grupos étnicos minoritários há uma tendência global para uma cobertura mediática em termo de ‘problemas’ ou até de ‘ameaças’ (Dijk, 2005). Sendo que o fator notícia relativamente aos grupos minoritários centra-se, muitas vezes, em duas categorias:

“(…) por um lado, focam-se intrigas particulares, como crimes ou acidentes, onde a comunidade imigrante tem um papel central ou secundário, mas onde o tópico primário não é imigração; por outro lado, trabalham-se temas centrados nas preocupações levantadas pela imigração, como a educação, o trabalho, a inserção na sociedade de acolhimento, as diferenças sociais.” (Viegas & Pereira, 2006: 175).

Como podemos verificar, a maior parte das temáticas focadas nos media aborda aspetos negativos, o que tem efeitos negativos nas ‘mentes’ dos recetores, tal como refere Dijk (2000b).

A representação das minorias étnicas pelos media pode estar/ser condicionada pela discriminação social de que são alvo, pois como as minorias étnicas estão afastadas dos grupos maioritários, também estão ‘longe’ do acesso aos media. Além disso, a falta de representantes dos grupos minoritários também pode influenciar a sua representação e consequentemente a existência de discursos alternativos.

De facto, a representação dos grupos étnicos minoritários nos media determina a forma como estas são vistas pela sociedade, uma vez que:

“(…) embora os *media* não determinem o modo de pensar dos indivíduos, constituem-se, hoje em dia, como elementos fundamentais na definição daquilo que é a realidade social. Em muitos aspectos da vida em sociedade, os media são a

única forma de as pessoas acederem a certas informações.” (Carvalho, 2007: 72).

Carvalho (2007) percebeu na sua investigação que as temáticas sobre imigração e minorias étnicas na imprensa popular portuguesa tendem para a criminalidade. Podemos assim associar a comunicação de estereótipos aos media, o que indiretamente ou não vai influenciar a sociedade. Pois, as mudanças culturais nas sociedades europeias têm sofrido influência dos media e das novas tecnologias da informação e da comunicação (Viegas & Pereira, 2006):

“influência na forma como percebemos e representamos o OUTRO, influência na etnicização do OUTRO pela sua cor ou realidade sócio-económica, influência na formação das identidades linguísticas e culturais, influência na formação directa ou indirecta da imagem e da percepção dos grupos étnicos minoritários e dos mitos ligados ao grupo minoritário” (Perotti *in* Viegas & Pereira, 2006: 176).

Logo, se considerarmos a importância que os media têm na sociedade atual percebemos que o poder de dar voz aos cidadãos parte dos mesmos (não esquecendo as redes sociais, os blogues, etc.).

Importa ainda referir que algumas pesquisas sobre a opinião dos Portugueses face a grupos minoritários nos dizem que: são mais próximos dos Brasileiros (devido à escala cultural); reconhecem a competência profissional dos cidadãos de leste; e que são desconfiados em relação aos cidadãos originários de países africanos (Ferin et. al., 2008). Já nas sondagens sobre os Europeus (realizadas pelo Euro barómetro, publicado em 2007), verificou-se que estes consideram que há desvantagem social em se ser imigrante e/ou pertencer a uma minoria (*idem*).

Tal como refere Barbalho “a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria.” (Barbalho, 2005: 37). Portanto, os media têm um papel importante na inclusão das minorias étnicas, sendo fundamental que a sua representação seja objetiva e vasta.

Assim, a fim de melhorar a imagem que as pessoas têm dos grupos étnicos, alguns autores têm desenvolvido alguns argumentos a esse respeito. Viegas & Pereira (2006) defendem que:

“(…) será fundamental que a informação transmitida seja compreensível, adequada (e também acessível!) às expectativas do(s)

receptor(es). Isso só será possível se houver uma vontade mútua de comunicar e em consequência uma tolerância pelo outro, pela diferença, e não apenas por aquilo que pode aproximar.” (Viegas & Pereira, 2006: 171).

Pois, se a informação for mais objetiva e positiva possivelmente as condições de vida das minorias étnicas vão ser melhores ou menos complicadas. Contudo, os estereótipos estão de tal forma impregnados que até os tópicos neutros são vistos como negativos: “como a habitação dos imigrantes, emprego ou imigração cultural, cedo tendem a ter uma dimensão negativa”<sup>8</sup> (Dijk, 2000b: 38).

Perotti (*in* Viegas & Pereira, 2006) apresenta uma forma de solucionar/atenuar o problema de diferença e desigualdade existente nos media, propondo:

“ «a formação de uma inteligência crítica face aos media, o desenvolvimento de uma responsabilização das audiências, essencial à criação e à manutenção de uma democracia activa. (...) Uma política de acesso aos meios de comunicação é um dos elementos essenciais para verificar e medir a vontade da maioria relativamente ao respeito dos direitos das minorias.»” (Perotti *in* Viegas & Pereira, 2006: 179).

Já Ferin et. al. (2008) concluíram na sua investigação que há necessidade de um rigor informativo pautado pela:

“ (...) valorização e diversidade temática, na relação com a actualidade, na confrontação, identificação e diversidade das fontes, bem como na diversificação dos géneros jornalísticos, na adequação dos formatos aos temas focados, nos estilos de discurso que privilegiam o tom neutro, a argumentação assertiva e o enquadramento factual.” (Ferin et. al., 2008: 113).

Como vimos, ao longo deste capítulo, a representação das minorias étnicas nos media é/está condicionada por vários fatores - como a falta de minorias nas redações, falta de discursos alternativos, falta de acesso, falta de credibilidade, falta de interação social, etc. - contudo os media devem sempre tentar ser objetivos e imparciais.

---

<sup>8</sup> “such as immigration housing, employment or cultural immigration, soon tend to have a negative dimension” (Dijk, 2000b: 38).

## **2. O NOVO PARADIGMA DO JORNALISMO: JORNALISMO PARTICIPATIVO, MEDIA SOCIAIS E DEMOCRACIA**

No decurso deste capítulo pretendemos abordar as mudanças que a internet e as novas tecnologias produziram no jornalismo, centrando a nossa atenção no conceito de jornalismo participativo. Assim, inicialmente vamos focar a mudança do paradigma da comunicação com a chegada da internet, para posteriormente falarmos de um novo conceito de utilizador e de jornalismo.

A literatura menciona que não se pode falar de um desaparecimento dos meios tradicionais mas sim de uma diminuição de atenção dos leitores para com os mesmos, e consequentemente de uma maior dedicação aos novos media (Freire, Cepeda & Santiago, 2010).

Nos media tradicionais os jornalistas é que elaboravam as notícias, pois decidiam “(...) o que querem cobrir, que fontes usar, o que escrever ou dizer ou fotografar, e o que “jogo” o item deve ter quando estiver pronto (por sua conta) para o consumo público. Em suma, eles controlam tudo sobre a estória.” (Singer, 2011b: 121).<sup>9</sup>

Com a internet, os meios de comunicação passaram do paradigma de ‘um-todos’ para o modelo de ‘todos-todos’ (Lemos *in* Amaral, 2005), ou seja da comunicação passiva para a ativa.

A internet surge assim com um grande potencial para a interação e a participação devido a possibilidade de trazer novas vozes para os media (Herminda, 2011), de conectar o mundo e de disseminar informação.

Essa conexão em rede faz com que os media tenham a colaboração de fontes alternativas o que ajuda a dar forma aos fluxos caóticos de informação, portanto quanto maior for a rede de colaboradores melhor é o resultado jornalístico (Primo, 2011).

Assim, à medida que a internet se foi tornando um meio de informação vital os níveis gerais de educação e de comunicação aumentaram nas sociedades democráticas (no global) (Heinonen, 2011), logo a sociedade democrática tornou-se mais informada e talvez se tenha tornado mais conhecedora.

---

<sup>9</sup> “(...) what to cover, what sources to use, what to write or say or photograph, and what “play” the item should get when it is ready (by their reckoning) for public consumption. In short, they control everything about the story.” (Singer, 2011b: 121).

Posto isto, de seguida iremos desenvolver este novo conceito e as mudanças subjacentes ao mesmo; falaremos das redes sociais e do alargamento do espaço público; e por fim, abordaremos os novos media como construtores de democracia.

## **2.1. JORNALISMO PARTICIPATIVO: DAS MUDANÇAS AO PARADIGMA ATUAL**

A internet fornece um vasto conjunto de possibilidades. Essas possibilidades já alteraram o paradigma da comunicação e vão continuar a fazê-lo à medida que a tecnologia vai evoluindo.

Os processos informativos do jornalismo enquanto discurso unilateral “de produtores de notícias para consumidores de notícias, dos jornalistas para leitores, ouvintes, espectadores, estão a ser substituídos por processos multilaterais, em que a informação evolui para uma espécie de «conversa» ou «seminário» onde todos fazem ouvir a sua voz” (Fidalgo, 2009: 220). Isto é, a troca de informação deixou de ser apenas de jornalista-para-utilizador passando também a efetuar-se de utilizador-para-jornalista, tornando a comunicação entre ambos mais conversacional (Gillmor, 2004).

Assim, a comunicação atual acaba por estar relacionada “(...) com termos como ‘partilhar’, ‘participar’, ‘associar’, ‘camaradagem’ e ‘a posse de uma fé comum’” (Carey, *in* Reich, 2011: 99).<sup>10</sup>

A mudança na comunicação refletiu-se tanto na informação, como no jornalismo. Pois, a diluição da fronteira entre quem faz ou transmite as notícias para quem as recebe ou consome levou a uma alteração desses mesmos papéis (Fidalgo, 2009). De modo que, podemos agora falar de ‘jornalismo do cidadão’, de ‘conteúdo gerado pelo utilizador’ ou até de ‘jornalismo participativo’ (Singer, 2011a).

Tal como Singer, preferimos o termo ‘jornalismo participativo’ já que transmite a ideia de colaboração e de ação coletiva (*idem*). Sendo que, associamos esse termo aos comentários, aos fóruns de discussão e aos blogues dos utilizadores (Lasica *in* Singer, 2011a), bem como aos micro-blogues e às redes sociais (Singer, 2011a).

Desta feita, jornalismo participativo “(...) significa que o que o jornalista cria é apenas uma parte da estória, literalmente bem como metaforicamente.” (Singer, 2011: 122).<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> “(...) to terms such as ‘sharing’, ‘participation’, ‘association’, ‘fellowship’ and ‘the possession of common faith’” (Carey, *in* Reich, 2011: 99).

Por outro lado, Bowman & Willis (*in* Rogrigues, 2006: 64) referem que o jornalismo participativo “é o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que têm um papel ativo no processo de recolha, análise, produção e distribuição de notícias e informações.”.

Ao considerarmos o jornalismo como uma forma de comunicação pública, temos de considerar o jornalismo participativo como uma forma de comunicação do público para o público (Quandt, 2011).

A participação dos cidadãos no jornalismo já vem de alguns anos atrás. Pois, já em Inglaterra, no séc. XVII, os jornais deixavam um espaço para comentários dos leitores que depois eram enviados para as redações (Wiles *in* Hermida, 2011a). Porém, quando o jornalismo se profissionalizou esses espaços resumiram-se às cartas para o editor (Hermida, 2011a).

Com os media online, os utilizadores voltam a ter essa página em branco, podendo participar e interagir com as notícias ou com a publicação (Hermida, 2011a), além disso com a evolução da tecnologia surge a possibilidade de os próprios utilizadores criarem conteúdos. Assim, os media têm agora a oportunidade de fazer com que o público, outrora inaudível, tenha voz (Francisco, 2010).

Deste modo, já não podemos apenas falar de audiência, uma vez que muitos dos cidadãos não recebem apenas informação, mas pesquisam e produzem a sua própria informação e interagem com outros participantes envolvidos neste processo (Heinonen, 2011).

Como referem Primo & Trasel (2006), as tecnologias digitais têm motivado a uma maior interferência popular no processo noticioso. Para os autores (*idem*) esse facto está relacionado com a expansão das formas de acesso à internet, com a simplificação na publicação e com cooperação na rede que algumas tecnologias web 2.0 proporcionam.

Tal como mencionam Zhuo, Wellman & Yu (*in* Primo, 2011: 133), “(...) os media sociais permitiram aos jornalistas cidadãos contornar o monopólio dos media estatais, resistir a censura estatal, transmitir experiências pessoais universalmente, e aceder a fontes informativas alternativas.”.<sup>12</sup> Portanto, atualmente os jornalistas são uma das muitas vozes na comunicação pública (Deuze *in* Hermida, 2011b).

Importa referir, que a prática de um jornalismo mais aberto e inclusivo traz dois benefícios primários, que estão relacionados com a norma dos media servirem o interesse do

---

<sup>11</sup> “(...) means that what the journalist creates is only one part of the story, literally as well as metaphorically.” (Singer, 2011: 122).

<sup>12</sup> “(...) social media enabled citizen journalists to circumvent the monopoly of state media, resist state censorship, broadcast personal experiences worldwide, and access alternative news sources.”. (Zhuo, Wellman & Yu *in* Primo, 2011: 133)



público, a saber: gera mais vozes; e os cidadãos podem ser vistos como ‘watchdogs’ (Singer, 2011b).

De tal forma que para termos uma ideia mais alargada do jornalismo participativo e das mudanças que este trouxe ao jornalismo e à comunicação, analisaremos nos itens seguintes: o novo papel do jornalista; as mudanças no papel do utilizador; os comentários e outras ferramentas/formas de comunicação; e o paradigma atual do jornalismo participativo.

### **2.1.1. O novo papel do jornalista**

O jornalismo participativo veio alterar as redações e o próprio conceito de jornalismo, assim:

“o novo jornalista já não decide o que o público deve saber. Ajuda-o, antes, a ordenar as informações. Isto não implica o simples acréscimo de uma interpretação ou análise ao relato das notícias. A primeira tarefa do novo jornalista/explicador é verificar quais as informações que são fiáveis para que as pessoas possam aprendê-las de modo eficaz.” (Kovach & Rosenstiel, 2004: 23).

Desta feita, “o jornalista transforma-se em «líder de um fórum» ou em mediador, deixando de ser simplesmente um professor ou conferencista.” (Brown *in* Kovach & Rosenstiel, 2004: 23).

Rodrigues (2006) também menciona que o papel do jornalista enquanto mediador é fundamental, uma vez que está em causa a análise, interpretação, composição e transmissão da informação.

Os jornalistas, que sempre preservaram a distância para com a audiência e as fontes de informação, encontram-se agora interligados: “as distâncias físicas foram apagadas pela rede global que instantaneamente entrega informação em todo o lado e em qualquer lado, enquanto as sociais foram apagadas pela abertura inerente e pela total natureza participativa desta rede.” (Singer, 2011a: 7).<sup>13</sup>

Por conseguinte, o conceito de gatekeeper tornou-se indefinido, deixando de ser exclusivo do jornalista, editor, etc., tal como referencia Heinrich (*in* Primo, 2011: 132) “a tecnologia digital aumenta as opções de news gathering, muda os modelos de produção e os

---

<sup>13</sup> “physical distances have been erased by a global network that instantaneously delivers information everywhere and anywhere, while social ones have been erased by the inherently open and wholly participatory nature of that network.” (Singer, 2011a: 7).

impactos da disseminação de notícias não só para os media online, mas para *todas as plataformas que operam com a sociedade em rede*.”<sup>14</sup>

O jornalista como gatekeeper tinha acesso privilegiado aos meios de produção e de disseminação da informação, porém as novas tecnologias modificaram este conceito ao permitirem que os utilizadores criassem e distribuíssem informação baseada nas suas próprias observações ou opiniões (Hermida, 2011a). Logo, as novas tecnologias além de trazerem um novo conceito de gatekeeper mudaram o poder e a responsabilidade do jornalista pelas informações.

De acordo com Bruns (*in* Primo & Trasel, 2006), cada utilizador pode ser o seu próprio gatekeeper, pois:

“(…) online os portões estão nas mãos dos produtores de informação (no limite, qualquer um que publique um website com informação com potencial valor de notícia), bem como nas mãos do usuário final, que navegando pela web age constantemente como seu próprio gatekeeper — mas não necessariamente com as organizações midiáticas de notícias.” (Bruns *in* Primo & Trasel, 2006: 43).

Ou seja, atualmente, os jornalistas podem ter o papel de: “(…) filtros de informação que guiam os seus destinatários através de um ambiente de informação cada vez mais complexo em que a rede se torna uma parte inevitável do trabalho (...)”<sup>15</sup> (Heinrich *in* Primo, 2011: 134), o que demonstra que o cidadão comum cada vez tem mais poder na comunicação e consequentemente na modelação de ideologias.

Jenkins (*in* Herminda, 2011a) argumenta ainda que os produtores e consumidores de informação têm agora um novo papel, como podemos ver: “ao invés de falarmos sobre os produtores de media e os consumidores ocuparem papéis separados, podemos agora vê-los como participantes que interagem uns com os outros de acordo com um novo conjunto de regras que nenhum de nós compreende totalmente.” (*in* Herminda, 2011a: 15).<sup>16</sup>

Ao longo da sua investigação Heinonen (2011b) determinou três papéis do jornalista atual, entre os quais: o papel do jornalista convencional, uma vez que alguns jornalistas entrevistados enfatizavam a necessidade de preservar a linha que separa o jornalismo

---

<sup>14</sup> “Digital technology enhances the options of news gathering, changes production modes and impacts news dissemination not only for online media, but for *every single journalistic platform that operates within network society*.”.

<sup>15</sup> “(…) filterers of information who navigate their recipients through an increasingly complex information environment in which networking becomes an inevitable part of the job (...)” (Heinrich *in* Primo, 2011: 134).

<sup>16</sup> “rather than talking about media producers and consumers occupying separate roles, we might now see them as participants who interact with each other according to a new set of rules that none of us fully understands.” (Jenkins *in* Herminda, 2011a: 15).

produzido por jornalistas e o conteúdo gerado pelo utilizador; o papel do jornalista como dialogador, com a perspectiva de que o jornalismo é um processo colaborativo; e o papel do jornalista como ambivalente, na medida em que alguns jornalistas têm uma atitude intermediária face a este novo paradigma.

O papel do jornalista convencional defende a profissão não dando muito valor à participação dos utilizadores, sendo o argumento central desta perspectiva a impossibilidade de substituir os jornalistas, apesar de considerarem que a participação pode ser uma tendência positiva (Heinonen, 2011b). Por outro lado, alguns jornalistas defendem que deve haver uma abertura do jornalismo aos cidadãos, contudo não deve ser encarada como uma entrega do jornalismo aos utilizadores (Heinonen, 2011b), ou seja os jornalistas devem trabalhar em diálogo com os utilizadores – papel do jornalista como dialogador. Por fim, o jornalista pode ter um papel ambivalente aceitando a participação e salvaguardando o jornalismo, isto é: “uma vez que [utilizadores participativos] estão aqui, eles não vão desaparecer. Isto não significa que eles vão substituir a produção de conteúdo profissional. (...) Ambos irão viver lado a lado.” (jornalista do El País *in* Heinonen, 2011b: 51).<sup>17</sup>

Assim, os jornalistas continuam a ter a primeira palavra no que toca as notícias “(...) incluindo as tarefas de identificar, gathering, filtrar, produzir e distribuir notícias.” (Hermida, 2011a: 27)<sup>18</sup>, ou seja o jornalista continua a ter a última palavra apesar do ‘poder’ dado ao utilizador (Hermida, 2011a).

Lopez (*in* Francisco, 2010) também considera que a gestão dos conteúdos dos utilizadores deve ser mediada e interpretada pelo jornalista, com a finalidade da informação ser verdadeira e adequada ao serviço da sociedade. Todavia, “quando os seus clientes lhe oferecem a sua assistência especializada, o movimento mais inteligente é dizer Obrigado.” (Gillmor, 2004: 55).<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> “once [participatory users] are here, they are not going to fade away. This does not mean that they are going to replace professional production of content. (...) Both will live side by side.” (jornalista do El País *in* Heinonen, 2011: 51).

<sup>18</sup> “(...) including the tasks of identifying, gathering, filtering, producing and distributing news.” (Hermida, 2011a: 27).

<sup>19</sup> “when your costumers offer their expert assistance, the smart move is to say Thanks.” (Gillmor, 2004: 55).

### **2.1.2. Mudança do papel do utilizador**

A nova vaga de participação no jornalismo leva-nos àquilo que Kovach & Rosenstiel (2004) denominaram de ‘instinto do conhecimento’. Segundo os autores “as pessoas precisam de saber o que se passa lá na rua, de tomar conhecimento de eventos que se passam para além da sua experiência direta.” (Kovach & Rosenstiel, 2004: 19), o que pode ter condicionado o desejo de participar, de contar experiências pessoais e novas estórias.

O cidadão de hoje não se limita às informações de organizações jornalísticas de renome ou às opiniões de terceiros com boa reputação, dado que consome toda a informação a que tiver acesso (Primo *in* Primo, 2011). Tanto se informa através de sites jornalísticos como através de blogues, redes sociais, e-mails, etc., e é ele que vai decidir a importância que dará a cada veículo (*idem*).

Deste modo, o cidadão contemporâneo tem poder de decisão perante as informações que consome, sem ter que se guiar por aquilo que os outros consideram credível ou interessante, tirando as suas próprias conclusões.

A lógica do utilizador mudou com o meio e o próprio meio está em constante mudança:

“(...) the mere behavior of receiving “journalism” is different in a digital network than in analogue media. Clicking to play an online news video and taking time to rank a set of online news stories are conscious acts. They require more determination and engagement than simply watching the flow of a television show or seeing a static newspaper headline. Again, readers, listeners and viewers all become “users”: they have many more options in deciding when, where and how they consume journalists’ products.” (Heinonen, 2011: 36).

Este novo público é um público interessado em participar, em partilhar informação e em desenvolver materiais informativos (Lopez *in* Francisco, 2010), visto que está a aprender a integrar os processos jornalísticos, ajudando a criar conversação e nalguns casos a fazer um trabalho melhor que os profissionais (Gillmor, 2004).

Com a democratização dos media toda a gente passou a ser um potencial criador, tornando-se colaborador (Gillmor, 2010). Podemos então dizer, que estamos perante ‘prosumers’, na medida em que os utilizadores são produtores e consumidores de informação (Kovach & Rosenstiel, 2004). Uma vez que o novo paradigma da comunicação faz com que muita gente já esteja a ‘criar media’:

“If you have a Facebook account, you’re a media creator – at least in the sense I’m talking about here. If you send emails to more than one person at a time to let them

know about interesting things, or participate in any kind of online forum, you're a media creator. If you post photos or videos anywhere online, you're a media creator. If you do any number of things with the digital tools at your disposal, count yourself in the creative ranks." (Gillmor, 2010: 61).

Porém, a maioria das pessoas vão continuar a ser mais consumidores do que criadores (Gillmor, 2004; Gillmor, 2010).

Atualmente, os utilizadores podem colaborar com os jornalistas como: 'guardiões da qualidade', visto que filtram a qualidade dos comentários e de outras intervenções alertando os jornalistas; e como 'repórteres auxiliares' (Heinonen, 2011).

Gillmor (2010) define cinco princípios para consumir os media mais ativamente: o primeiro consiste em ser céptico, uma vez que nunca devemos ter como garantido que aquilo que lemos, vemos ou ouvimos das fontes dos media é fidedigno; o segundo está relacionado com exercitar o julgamento; o terceiro passa por abrir a mente, pois para estarmos bem informados devemos ter em atenção as fontes de informação com perspetivas diferentes das nossas; o quarto consiste em continuar a fazer questões, ou seja devemos pesquisar, reportar, ir mais ao fundo da questão; e o quinto em aprender técnicas dos media.

Como refere Murthy (*in* Primo, 2011) se os cidadãos não colaborassem com os media, não se teria o mesmo conhecimento dos factos em eventos como a amargem do US Airways no rio Hudson. O que demonstra o potencial que os cidadãos podem ter ao fornecer informações aos media e a importância que essas mesmas informações poderão ter para o conhecimento social.

Os utilizadores acabam também por fazer juízos de valor sobre os conteúdos/comentários criados por outros, ajudando os jornalistas no seu trabalho de filtragem. Domingo (2011) refere que esta ajuda advém da possibilidade de reportarem os comentários ou conteúdos abusivos que quebram as regras de participação. Contudo, Reich (2011) salienta que só uma minoria de utilizadores é que lê os comentários.

As contribuições dos utilizadores apresentam dois problemas éticos: o desconhecimento da informação, pois não se sabe muito sobre a sua origem e veracidade; e a natureza abusiva dos conteúdos produzidos pelos utilizadores (Singer, 2011b).

Apesar dos limites, que os jornalistas colocam aos utilizadores, de postar conteúdos racistas, sexistas e outros conteúdos eticamente problemáticos, estes continuam a ter dificuldade em tomar decisões acerca desses mesmos conteúdos (Singer, 2011b).

A este propósito, Gillmor (2010) expressa que algumas pessoas estão a espalhar ‘lixo’, deliberadamente ou inadvertidamente, contudo outras dão-nos a esperança de um futuro rico em informações confiáveis e oportunas.

É de referir que os utilizadores devem ser motivados a melhorar os seus conteúdos, por exemplo através da seleção dos melhores de conteúdos, por parte das redações (Domingo, 2011). Tal como refere Singer (2011b: 136): “ultimamente, acreditamos que a qualidade das contribuições só vai aumentar quando os utilizadores sentirem que são parte de uma comunidade que não é apenas um rótulo moderno mas uma entidade real (mesmo que virtual).”<sup>20</sup>

Ainda que os media não monopolizem a atenção de todos, a rede não se tornou igualitária (Primo, 2011), logo nem todos os cidadãos têm a mesma importância/relevância na rede, o que poderá salvaguardar o crédito depositado no jornalismo e nos seus profissionais.

Gillmor (2004: 241) deixa assim um repto para todos os utilizadores: “A tua voz importa. Agora, se tens alguma coisa que vale dizer, podes ser ouvido. Tu podes fazer as tuas próprias notícias. Todos nós podemos.”<sup>21</sup>

### **2.1.3. Comentários e outras ferramentas/formas de participação**

As ferramentas mais comuns para os cidadãos se expressarem sobre as notícias são os comentários e os fóruns, sendo os comentários vistos como uma das formas de interação com a audiência com mais sucesso (Hermida, 2011a). Esta popularidade dos comentários atribui-se à ideia de que todos queremos ‘falar’ e ser ‘ouvidos’.

Os comentários são uma boa forma de dizer o que se quer sem consequências (pelo menos imediatas). Pois, muitos dos utilizadores usam pseudónimos para ser difícil de apurar a responsabilidade dos mesmos, já que algumas vezes contêm difamações, incentivos, conteúdos abusivos, e até discursos de racismo e ódio. (Reich, 2011). Isto é, alguns utilizadores não se preocupam minimamente com a linguagem e mensagem ou assunto que estão a tratar tornando os seus comentários e conteúdos impróprios ou indevidos.

O anonimato é visto pelos psicólogos, que estudam o comportamento online, como um ‘efeito desinibidor’ (Mckenna & Greene *in* Reich, 2011). O que pode justificar a ligeireza

---

<sup>20</sup> “ultimately, we believe the quality of contributions will increase only when users feel that they are part of a community that is not just a trendy label but a real (even if virtual) entity.”

<sup>21</sup> “Your voice matters. Now, if you have something worth saying, you can be heard. You can make your own news. We all can.” (Gillmor, 2004: 241).

com que os utilizadores comentam, publicam desabafos e opiniões pessoais, em diversos espaços online, mas principalmente nas redes sociais.

Por estes motivos, muitos dos media online evitam o anonimato obrigando os utilizadores a registarem-se. O registo acaba por ter um ‘efeito inibidor’ e por reduzir o número de participações (Reich, 2011), acabando por ser uma barreira à participação.

A mais-valia dos comentários é o aumento do tráfego do site e fortalecimento da lealdade para com a marca (Reich, 2011), além disso ajudam os jornalistas a saberem as referências dos seus utilizadores e auxiliam a melhorar a exatidão dos conteúdos (*idem*).

Reich (2011) menciona que existem cinco razões principais para examinar os comentários, entre as quais: a evolução dos espaços de participação, já que o número de pessoas que quer que a sua voz seja ouvida é um número nunca visto; a responsabilidade das notícias; a natureza híbrida das notícias online, pois para alguns utilizadores os comentários não são menos interessantes e informativos que os textos jornalísticos; a sua grande popularidade; e por fim, a controvérsia que criam.

As redes sociais também fazem parte destas novas ferramentas de participação permitindo que os meios de comunicação tenham uma atitude proactiva e possibilitando que estes decidam o que oferecer aos seus leitores, dado que não são os utilizadores que acedem à informação mas a informação que os procura (Álvarez, Rodriguez & Talavera, 2010).

Logo, uma das grandes vantagens que as redes sociais trouxeram ao jornalismo é a possibilidade da interatividade e do feedback instantâneo (Álvarez et. al., 2010).

#### **2.1.4. Paradigma atual do jornalismo participativo**

Atualmente, como argumenta Hermida (2011b) é virtualmente impossível estarmos online sem nos depararmos com mecanismos de participação, como podemos ver:

“It has become virtually impossible to visit a news website without stumbling across a call for participation. Exhortation to users to speak their minds, express their opinions, upload a photo, take a poll or share a story with their friends, among other participatory options, have all become common features of the online news landscape.”  
(Hermida, 2011: 177).

Porém, apesar do advento da participação, os órgãos de comunicação social tendem a ser cuidadosos em relação à inovação (Domingo, 2011).

Os jornalistas não estão apenas preocupados com os conteúdos gerados pelos utilizadores, mas também com a sua adaptação a esta mudança (Quandt, 2011).

Não obstante à possibilidade do utilizador participativo “qualquer contribuição que possa acabar a ser usada na redação tende a ser pré-moderada, avaliada por jornalistas e integrada no ciclo de produção de notícias como outra fonte a ser verificada.” (Domingo, 2011: 81).<sup>22</sup>

Este ‘checar’ das informações antes da publicação pode estar relacionado com: a falta de conhecimentos/preparação que os jornalistas assumem que os utilizadores têm; ou com o ‘medo’ que os jornalistas têm de aceitar os conteúdos gerados pelos utilizadores. Esse ‘medo’ tanto pode ser o receio de ‘futilizar’ a informação como o receio de transmitir uma informação fraca e/ou pouco interessante.

Por exemplo, algumas redações monitorizam o conteúdo submetido pelos utilizadores e outras fazem pedidos específicos aos utilizadores para estes recolherem informações (Domingo, 2011). Além disso, alguns media criam espaços específicos já que: “(...) os espaços separados parecem proteger o cerne da marca do jornal da possível perda de qualidade que os visitantes podiam perceber se as contribuições da audiência estiverem misturadas com o conteúdo produzido pelos profissionais.” (Domingo, 2011: 87).<sup>23</sup>

A lógica da participação parece mudar consoante os órgãos de comunicação social. Domingo (2011) refere que os jornais de elite tendem a criar espaços específicos para os utilizadores, enquanto que a imprensa popular e a tradicional tendem a ter mais abertura em relação à ideia dos utilizadores como fontes de informação.

No entanto, como refere Hermida (2011a) os media ainda estão relutantes em permitir que os membros da audiência definam a agenda mediática, uma vez que esta noção ainda é um tabu para os jornalistas entrevistados na sua investigação. Acrescentando que os media estão pouco abertos às histórias dos cidadãos, e quando permitem a submissão das mesmas sujeitam-nas a controlos editoriais ou a determinados tópicos (*idem*).

Francisco (2010: 23), diz que “as redações de jornalismo online em Portugal ainda estão se ajustando, acomodando-se e criando suas rotinas face a tantas novas possibilidades, como ferramentas e plataformas.”.

Apesar das características de participação que os media online oferecem aos utilizadores, a maioria dos órgãos de comunicação social ainda não está a tirar proveito das mesmas (Lopez in Francisco, 2010): “(...) os recursos como palestras, fóruns e debates além de

---

<sup>22</sup> “any contribution that might end up being used in newsroom reporting tended to be pre-moderated, evaluated by journalists and integrated into the news production cycle as another source to be fact-checked.” (Domingo, 2011: 81).

<sup>23</sup> “(...) separat spaces seemed to be protecting the core newspaper brand from the possible loss of quality that visitors might perceive if audience contributions were mixed whit professionally produced content.” (Domingo, 2011: 87).



facilitar o contacto mais pessoal entre os jornalistas e as pessoas ou entre as entidades requeridas são também oportunidades para o intercâmbio de dados.” (Lopez *in* Franscisco, 2010: 3).

Por outro lado, Hermida (2011a) salienta que até os órgãos de comunicação social mais reticentes veem o valor dos utilizadores como fontes de informação. Ou seja, apesar dos conteúdos gerados pelos utilizadores ainda não serem aceites por todos a sua importância já é reconhecida. Pois, como refere Gillmor (2004) os utilizadores coletivamente sabem mais do que os profissionais dos media, e os profissionais devem reconhecê-lo e usar o seu conhecimento.

Alguns jornalistas já consideram a hipótese de um jornalismo participativo na sua plenitude, no entanto pensam que muitos dos conteúdos gerados pelos utilizadores ainda não são interessantes ao ponto de serem publicados (Heinonen, 2011), tal como menciona o editor online do ‘Le Monde’ (França):

“In terms of production of news, there should a multiplication of calls to the audience, but this doesn’t mean getting readers to write articles or forcing them to enter classic journalistic formats. Maybe finding other ways to interact with the audience and offer them possibilities to contribute, but that maybe won’t be to directly contribute articles. One must acknowledge that few people have the time and resources to do so, and it’s not their goal, either.” (editor online do ‘Le Monde’, *in* Heinonen, 2011: 42).

A aceitação deste novo paradigma depende também da idade dos próprios jornalistas, sendo que os mais novos tendem a apoiar mais esta ideia (Quandt, 2011).

Na hipótese do público atribuir a mesma importância aos conteúdos gerados pelos utilizadores que atribui às informações produzidas pelos jornalistas, poderão surgir casos de desinformação, isto porque à partida os cidadãos sem formação jornalística estão menos preparados para separar os factos das opiniões e para serem objetivos. Ainda que o jornalismo profissional e as empresas mediáticas não estejam livres de falhas e ações de má-fé (Primo & Trasel, 2006).

Os utilizadores precisam então de desenvolver filtros e de criar uma hierarquia de confiança (Gillmor, 2004). Além disto, as normas e regras deontológicas que são seguidas pelos jornalistas podem não ser cumpridas pelos cidadãos (Rodrigues, 2006).

De facto, o jornalismo exige uma formação específica que o cidadão comum não tem:

“A qualificação específica para se ser jornalista é o domínio de determinadas técnicas de aquisição e averiguação de notícias, de saber contextualizar a

informação obtida, e a obediência a determinados princípios éticos para se orientar no terreno conflituoso do espaço mediático, onde concorrem múltiplos interesses.” (Fidalgo, 2009: 222).

Acresce que os jornalistas tornam a informação passível de ser destinada a todos, com a finalidade de induzir um conhecimento coletivo de determinado acontecimento (Fidalgo, 2009), o que os utilizadores por vezes não fazem ou não pretendem fazer. Ainda para mais, a notícia “(...) tem a especificidade de chegar à consciência social, de ser falada e discutida em diferentes contextos sociais” (Fidalgo, 2009: 228), o que as ‘opiniões’ e os ‘desabafos’ muitas vezes referidos nas redes sociais não têm.

Hoje em dia o jornalismo e os seus profissionais são postos em causa constantemente, o que pode aumentar a credibilidade dos conteúdos gerados pelos utilizadores e desacreditar o papel do jornalista.

Esta nova ‘era’ informativa tornou a informação passível de ser criada, transmitida e partilhada por todos. Todavia, a noção de participação em que os utilizadores passam a fazer parte do processo informativo acaba por ser apenas uma teoria (Hermida, 2011a).

Apesar de falarmos de um novo conceito de utilizador e de jornalismo, a transição parece ainda não estar completa, já que se nota a relutância dos jornalistas face aos utilizadores, e a crise económica não permite o desenvolvimento necessário desses novos meios.

Para que a participação na sua plenitude deixe de ser uma teoria os jornalistas precisam de aceitar o facto de que os seus leitores podem saber mais do que eles próprios (Gillmor *in* Heinonen, 2011); e os cidadãos devem reconhecer o valor individual e social da sua participação (Souza *in* Francisco, 2010).

Com o tempo, o jornalismo vai tornar-se cada vez mais participativo (Lopez *in* Francisco, 2010), assim:

“(...) as redacções dos media online têm de estabelecer sistemas organizacionais renovados para assegurar uma boa gestão dessas vias de participação para que, sob a coordenação de profissionais da informação, tenham sempre informações de melhor qualidade, comprometidas com a cidadania e a serviço da comunidade” (Lopez *in* Francisco, 2010: 25).

Apesar da abertura para com os utilizadores, os jornalistas vão continuar a considerar-se os atores definidores no processo de criação de notícias (Heinonen, 2011). Podemos assim afirmar que existe uma liberdade controlada na participação dos utilizadores, ou seja, os cidadãos comuns marcam presença nos media porém a sua presença é condicionada.

No futuro, “(...) expandir a participação pode conduzir a profissão em direção a uma ainda mais mútua e recíproca forma fluída de jornalismo, com os jornalistas a procurar o seu lugar numa cultura colaborativa de media. Pelo menos, essa é a nossa esperança.” (Hermida, 2011b: 190).<sup>24</sup>

Por fim, interessa referir as questões que McNair (*in* Francisco, 2010) levanta perante este novo jornalismo:

“No século 21, quando tantos estão produzindo tanto 'jornalismo', a maior parte online e gratuito, como vamos reconhecer a qualidade em meio a quantidade de informação disponível? Se a fronteira profissional-amador se dissolve, quem ou o quê vai fazer a produção de sentido e as mudanças da complexa realidade que tem sido uma das principais funções do jornalismo? Simplificando, como vamos saber em quem confiar?” (McNair *in* Francisco, 2010: 5).

## **2.2. REDES SOCIAIS COMO POTENCIADORAS DE INTERAÇÃO E DE UM NOVO ESPAÇO PÚBLICO**

A expansão da internet remete-nos para a realidade das redes sociais já que estas se constituem como um novo espaço com grandes potencialidades.

De acordo com Freire et. al. (2010), as redes sociais podem definir-se como:

“(...) formas de interacción social, como un intercambio dinámico de personas, grupos e instituciones en contextos de complejidad. Un sistema abierto y en construcción permanente que involucra a conjuntos que se identifican en las mismas necesidades y problemáticas y que se organizan para potenciar sus recursos.” (Freire et. al., 2010: 7).

Para Boyd & Ellison (*in* Recuero, 2009), os sites de redes sociais definem-se como sistemas que permitem: a construção de uma *persona* através de um perfil ou página pessoal; a interação feita pelos comentários; e a exposição pública da rede social de cada ator.

Já Recuero (2009) considera que as redes sociais são constituídas por vários elementos designadamente:

---

<sup>24</sup> “(...) expanding participation may drive the profession toward an even more mutualized and reciprocal, fluid form of journalism, with journalists finding their place in a collaborative media culture. At least, that is our hope.” (Hermida, 2011b: 190).

- atores, ou seja pessoas envolvidas na rede, sendo que no ciberespaço se trata da representação dos atores sociais;
- conexões, compostas pelos laços sociais (que são formados através da interação social entre os atores);
- interação, relação e laços sociais.

A autora (*idem*) apresenta também determinados valores relacionados com os sites de redes sociais, entre os quais: a visibilidade, pois permitem que aos atores estejam mais conectados; a reputação, compreendida como a perceção de alguém por outros atores, o que implica o ‘eu’, o ‘outro’ e a relação entre ambos; a popularidade, que está associada à audiência; e a autoridade, isto é o poder de influência.

As redes sociais mudaram o paradigma da comunicação, pois: “a inclusão das redes sociais mudou por completo o panorama dos meios de comunicação de massas. Na atualidade, nenhum media pode contradizer a necessidade de estar presente nas redes sociais, especialmente no Facebook.” (Álvarez et. al., 2010: 425).<sup>25</sup>

A principal característica das redes sociais é o conceito de comunidade, pois consistem numa rede de utilizadores que interagem, dialogam e transmitem comunicação e conhecimento (Freire et. al., 2010).

As redes sociais fizeram com que o cidadão comum ganhasse voz e pudesse dar a sua opinião para todo o mundo. Assim, com a emergência e a globalização dessas mesmas plataformas, os cidadãos tornaram-se participantes.

Estes aspetos levaram Cardoso & Neto (Cardoso & Neto *in* Cardoso & Lamy, 2011: 83) a afirmarem que “não existem dúvidas que as redes sociais vieram permitir um debate mais aberto e pluralista, oferecendo-se enquanto fomentadores de uma participação cívica e política que parece esmorecer”.

Porém, importa perceber o porquê desta predileção dos cidadãos pelas redes sociais como meio de expressão:

“No fundo, a verdadeira questão reside em saber se os utilizadores fazem das comunidades virtuais um meio para se fazerem ouvir quando mais nenhum outro o permite, se apenas repercutem online as atitudes que apresentam offline, ou se os anteriores desinteressados no debate público criam novos interesses e aptidões para participarem socialmente.” (Cardoso & Lamy, 2011: 90).

---

<sup>25</sup> “la eclosión de las redes sociales ha cambiado por completo el panorama de los medios de comunicación de masas. En la actualidad, ningún medio puede obviar la necesidad de estar presente en las redes sociales, especialmente en Facebook.” (Álvarez et. al., 2010: 425).

Esta nova preferência pela rede deve-se à possibilidade de esta permitir uma maior intervenção dos cidadãos no debate social e na formação de opinião pública (Freire et. al., 2010).

Para Habermas (*in* Rieffel *in* Rodrigues, 2006) o espaço público grego da Pólis era comum a todos os cidadãos livres e estava separado da esfera privada. Já a esfera pública burguesa era entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em público (Habermas *in* Rodrigues, 2006).

Rodrigues (2006) relaciona este modelo de esfera pública com a blogosfera, porque em ambas todos podemos falar, questionar e debater sobre tudo – assim sendo, relacionamos também este modelo com as redes sociais, na medida em que possuem a mesma configuração.

Segundo Rodrigues (2010: 4), “(...) o Espaço Público foi alargado às inúmeras possibilidades do virtual e é nos Ciberespaços Públicos que os problemas da sociedade são atualizados e resolvidos, pois o ciberespaço ganhou uma visibilidade nunca alcançada por uma outra ágora territorial.”.

Hoje em dia falamos de um espaço público heterogéneo na medida em que ‘todos’ temos acesso ao mesmo. Contudo, para Esteves (2010) essa heterogeneidade não deve só ser compreendida em termos sociais mas ainda em termos simbólicos, ou seja em relação às linguagens e aos processos de sentidos que constituem a comunicação pública.

O ciberespaço permite assim uma maior abertura à opinião, na medida em que é um lugar onde qualquer cidadão pode ser produtor e consumidor (Rodrigues, 2010).

Desta forma, as novas tecnologias atribuem prioridade a um espaço público global, que na perspetiva de Sparks passa por “saber, primeiro, se existe realmente algum medium que possa ser pensado como veículo de um processo [de espaço público] global e, em segundo lugar, saber se esse tipo de media são estruturados de modo a promover uma discussão inclusiva entre iguais e a estabelecer um acordo comum” (Sparks *in* Esteves, 2010: 175).

Assim, podemos associar a noção de espaço público às redes sociais por possibilitar a participação, a descentralização das vozes e a promoção da cidadania.

Os media devem proporcionar aos cidadãos informações que contribuam para um debate racional (Rodrigues, 2006), mas “(...) será que favorecem a consolidação de um espaço público onde os cidadãos trocam argumentos racionais com vista ao bem comum, ou provocam, como sugere Habermas, uma diluição dos ideais democráticos?” (Rieffel *in* Rodrigues, 2006: 16).

Alguns autores consideram os novos media em geral e as redes sociais em particular uma forma de atingir o debate e um modo de realização da participação cívica (Cardoso & Lamy, 2011).

Pois, “o ciberespaço é um lugar, por excelência, de afirmação das individualidades e da subjetividade.”, podendo criar consenso e dissenso de opinião (Rodrigues, 2010: 13).

O conjunto de vozes individuais presentes na internet promove um debate coletivo através da troca de argumentos, onde é acrescentada informação e se desenvolve a interação entre os intervenientes (Rodrigues, 2006). Os novos media parecem alargar os espaços de participação dos cidadãos criando novos espaços públicos que podem ou não ser ampliados pelos media (Rodrigues, 2006).

Todavia, a utilização que alguns cibernautas fazem das redes sociais não contribui para o debate público. Já que, as redes sociais permitem que qualquer um possa dizer o que pensa, podendo ser vistas como um espaço público de conversação, de troca de informações e de partilha.

Notemos que, as redes sociais representam “um papel extremamente relevante no tocante a grupos social, económica ou politicamente excluídos, dando voz a minorias ou permitindo a angariação de meios e a constituição de redes que partilhem os seus fins.” (Cardoso & Lamy, 2011: 82).

Possivelmente a internet promove uma discussão mais alargada, o que não quer dizer que essa discussão seja mais significativa e que acrescente algo do interesse público. Acresce que, estas novas conversas poderão nada contribuir para a prática da cidadania.

É de frisar que, ainda se conhece pouco do público dos media sociais, e além disso quem está dentro de uma rede social geralmente têm uma audiência imaginada (Marwick & Boyd, *in* Francisco, 2010).

Como afirma Boyd (*in* Cardoso & Lamy, 2011) as novas tecnologias permitem um fórum público tal não significa que as opiniões sejam ouvidas. Logo, o facto de o público participar ativamente não faz com que este seja ouvido, nem com que as suas mensagens tenham importância na construção da opinião pública.

Deste modo, podemos ter um espaço público que não contribui para a construção de opinião pública pelo menos massificada, e até ter um espaço público que acaba por não ter qualquer poder na mudança de opiniões.

### **2.3. NOVOS MEDIA COMO CONSTRUTORES DA DEMOCRACIA E PROMOTORES DA CIDADANIA**

Desde já, importa referenciar que “a democracia é um projeto histórico, atravessado por confrontos entre forças que, de diversas formas, inibem as estruturas de oportunidades e outras forças que procuram alargar e aprofundar a participação democrática.” (Dahlgren, 2010: 17).

No contexto do presente trabalho, interessa-nos perceber se os novos media são construtores da democracia e promotores da cidadania, na internet, nas redes sociais e no jornalismo.

Apesar das potencialidades da internet anteriormente referidas, esta não deve ser vista como um instrumento usado para cativar os cidadãos que não estão envolvidos na vida democrática, porque a participação democrática nunca atua num vazio (Dahlgren, 2011).

No entanto, a internet permite uma sociabilização mais alargada e uma integração na vida ativa mais ampla. Esta abertura da participação a todos além de alargar a esfera pública, remete-nos para o conceito de democracia “que só existe se os cidadãos puderem expressar-se, trocar argumentos e dar a sua opinião livremente, sendo que estas posições podem ser criticadas por outros de forma igualmente livre.” (Rodrigues, 2006: 24).

A internet surge então ligada a uma idealização da democracia:

“(…) uma espécie de fantasia ou ilusão que nos pretende fazer acreditar que, como que por milagre, com esta nova tecnologia se tornará possível (ou nos deixará na eminência) que todos nós, de um momento para o outro, passemos a poder conhecer, discutir e decidir sobre tudo.” (Esteves, 2010: 173).

A expansão da participação cívica na internet e as inúmeras possibilidades que esta dispõe aumentou as expetativas dos cidadãos face ao seu eventual poder de decisão (Dahlgren, 2011). Porém, esse poder pode não ser tão ‘decisivo’ como se pressupõe.

Os investigadores Bowman & Willis (*in* Rodrigues, 2006: 64) defendem que “o objetivo desta participação é oferecer a informação independente, fidedigna, variada, precisa e relevante que uma democracia requer.”.

Com os media sociais e a possibilidade de todos termos uma palavra a dizer, será que os utilizadores estão a fornecer a informação necessária para os restantes cidadãos se autogovernarem?

A internet poderá trazer mais práticas deliberativas devido ao seu potencial de armazenar e difundir informação. Pois, mais e melhor informação, ou uma maior facilidade de acesso à informação significa práticas discursivas mais enriquecidas o que leva um enriquecimento da deliberação, já que esta é indissociável do discurso (Esteves, 2010).

Podemos também questionar se os conteúdos gerados pelos cidadãos vão ter a mesma credibilidade e impacto na sociedade que os gerados pelos media.

Apesar da crise da democracia, da experiência mediática e da cidadania, a sociedade em rede emergente está a reconfigurar a participação cívica, passando de modelos tradicionais assentes numa esfera pública crítica para redes sociais autonomizadas com competências que as colocam no plano das ‘redes deliberativas’ (Cádima, 2009).

Ao empregarmos o conceito de redes sociais como redes deliberativas estamos a falar de redes de pessoas, empresas, etc., que tomam decisões por elas próprias, ou seja redes decisórias.

Para explicarmos as capacidades democratizadoras da internet temos de recorrer a Esteves (2010: 180) na medida em que o autor argumenta que: “(...) não é a Internet que neste caso mina a democracia, mas antes uma dada ordem social e política que vir (e está) a limitar a Internet nas suas potencialidades democratizadoras.”. Este facto vai para além daquilo que estamos a discutir, clarificando as potencialidades atribuídas a este media.

O investigador (Esteves, 2010) considera também que a internet pode reforçar as formas de vida democrática devido a dois atributos da mesma: o seu potencial comunicacional, ou seja as suas capacidades de armazenamento, processamento e difusão das informações; e a sua potencialidade interativa, em termos de interação social. Contudo, Esteves (2010) acrescenta que a hipótese por ele formulada:

“ (...) ‘limita-se’ a reconhecer que este novo meio reúne condições e atributos que lhe permitem um certo aperfeiçoamento da democracia, se os seus próprios recursos forem mobilizados para uma comunicação pública e interação social mais fluidificadas e, por conseguinte, politicamente também mais relevantes.”  
(Esteves, 2010: 186).

Dahlgren (2011) refere que atualmente as esferas públicas democráticas são maioritariamente constituídas pelos media, sendo que a função democrática das mesmas é facilitar a comunicação aos cidadãos para que possam influenciar a tomada de decisão. Portanto, os media são atores nesta tomada de decisão.

Podemos então dizer que:



“em resultado das novas tecnologias, a participação dos cidadãos na vida pública se pode tornar agora mais directa, assim como, de um modo geral, também maior a sua capacidade de influência nos processos de decisão – através do exercício de um poder comunicacional de deliberação.” (Esteves, 2010: 186).

O ciberespaço pode alargar a democracia na medida em que é menos controlado e menos hierarquizado, porém as comunidades virtuais são hierarquizadas, sendo que os utilizadores não são ouvidos da mesma maneira (Rodrigues, 2010).

Possivelmente, a internet vai tornar-se numa esfera sem regras onde os limites não interessam (Gillmor, 2004).

Dijk (*in* Rodrigues, 2010) considera que a comunicação mediada por computador e as tecnologias de informação e comunicação proporcionam vantagens no que diz respeito ao exercício da cidadania e da participação democrática, entre as quais:

- a escala e a velocidade de informação existente, que contribui para a formação e informação dos cidadãos;
- a participação política é facilitada sendo os obstáculos apatia e tempo reduzidos;
- a comunicação mediada por computador cria novas formas de organizar a informação e grupos específicos de discussão;
- a rede possibilitará novas comunidades políticas de livre intervenção;
- um sistema hierárquico político torna-se mais horizontal;
- os cidadãos vão ter mais voz na criação das agendas do governo;
- a comunicação mediada por computador ajudará a remover mediadores de distorção;
- os políticos tornam-se mais aptos a responder e interagir diretamente com os cidadãos;
- e a comunicação mediada por computador e as tecnologias de informação e comunicação vão ajudar a resolver problemas da democracia representativa.

A possibilidade de mais vozes, discursos alternativos e de uma conexão global que os media sociais permitem, pode auxiliar os cidadãos a exercer a cidadania, pois: “quanto mais variadas forem as vozes, maior é a probabilidade do povo conhecer a verdade e, desta forma, ser capaz de se autogovernar” (Bollinger *in* Kovach & Rosenstiel, 2004: 22).

Fenton (2010) destaca que há uma relação intrínseca entre o jornalismo e a democracia, uma vez que a ética e a vocação do jornalismo está inserida numa relação com a democracia e a sua prática.

Kovach & Rosenstiel (2004) defendem assim que é impossível dissociar as notícias da comunidade, especificamente de uma comunidade democrática.

As notícias desencadeiam um processo comunicativo provocando discussões, tensões psicológicas e sociais, que a diferença de opiniões e sentimentos provocam, acabando numa espécie de consenso ou opinião coletiva, ou seja em opinião pública (Fidalgo, 2009). Estas discussões e tensões têm vindo a ser ampliadas pelos media sociais devido à sua popularidade, o que pode desencadear uma maior participação na cidadania, isto pelo facto de todos termos uma palavra a dizer. Assim, os jornalistas “ (...) devem fazer com que os leitores integrem a discussão de questões públicas (...)” (Leonard *in* Reich, 2011: 99).<sup>26</sup>

Em contrapartida, Kovach & Rosenstiel (2004) defendem que o jornalismo de mercado do séc. XXI está cada vez mais divorciado da ideia de responsabilidade cívica, apontado três forças que estão na origem do afastamento deste face à construção da cidadania. A primeira está relacionada com a natureza das novas tecnologias, já que a internet dissociou o jornalismo da geografia e consequentemente da comunidade; a segunda é a globalização; e a terceira consiste na conglomeração (*idem*).

Segundo Fenton (2010), este novo jornalismo: está aberto aos principiantes, às falhas de controlo editorial, pode vir de qualquer lugar (sem ser a redação), envolve novas técnicas de escrita, etc., ou seja a internet revigorou a democracia.

Apesar da expansão da internet, tal não significa que o conceito de juízo crítico aplicado às notícias esteja obsoleto, pois tentativa de o jornalismo decidir o que as pessoas querem e precisam saber para se autogovernarem tornou-se ainda mais necessária (Kovach & Rosenstiel, 2004). Logo, há uma necessidade do gatekeeper, pois quanto mais formas de expandir a informação existirem mais filtragem é necessária, se bem que a filtragem também pode ser uma tarefa do utilizador.

A ideia de que esta nova tecnologia vai trazer algo positivo ao jornalismo nem sempre é aceite. Assim, importa focar dois pontos de vista principais: o dos tecno-otimistas, que veem a internet como revigorizadora da democracia, permitindo uma cidadania ativa e conexões além-fronteiras; e os tecno-pessimistas, que veem os novos media como mercadoria (Fenton, 2010).

Um dos problemas que pode por em causa o papel do jornalismo como construtor da democracia é a falta de confiança depositada nos media. Essa falta de confiança está relacionado com questões críticas do sistema de media português que Cádima (2009) colocou em quatro níveis: primeiro ao nível do pluralismo, do debate público e das práticas

---

<sup>26</sup> “(...) making readers count in the discussion of public questions (...)” (Leonard *in* Reich, 2011: 99).

jornalísticas; segundo ao nível da alternativa exigida aos media públicos; o terceiro nível diz respeito a estrutura económica do mercado; e o quarto respeita a legislação e a regulação.

Em suma, espera-se que esta nova cultura participativa contribua “(...) para uma nova experiência da cidadania, da participação cívica e política no contexto dos novos media, das redes sociais e, também, no plano da e-democracia.” (Cádima, 2009: 85).

## **PARTE II - ESTUDOS EMPÍRICOS**

### **3. METODOLOGIAS E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO**

“A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao de pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido.” (Quivy & Campenhoudt, 1995: 15).

Assim, durante o presente capítulo pretendemos descrever as metodologias e os objetivos da investigação.

O objetivo central desta investigação é perceber se a representação das minorias étnicas suscita debate público, ou seja se os media sociais são proporcionadores e impulsionadores de discussão pública.

De acordo Quivy & Campenhoudt (1995) organizar uma investigação em torno de hipóteses de trabalho é a melhor forma de a guiar com ordem e rigor, não descurando o espírito de descoberta e curiosidade. Os autores aludem ainda que as hipóteses são fundamentadas por uma reflexão teórica e um conhecimento preparatório do fenómeno estudado (*idem*).

Desta feita, com o propósito de concretizar esse objetivo e atendendo à revisão da literatura supra apresentada desenvolvemos quatro pressupostos e as suas respetivas hipóteses, como podemos observar:

1º. Pressuposto: Os media promovem o debate público;

- Hipótese 1: Os media sociais promovem o debate público sobre as minorias étnicas.
- Hipótese 2: Os utilizadores do Público e o Correio da Manhã fazem comentários nas peças jornalísticas sobre as minorias étnicas.

2º. Pressuposto: Os media portugueses contêm ferramentas de participação;

- Hipótese 3: Os jornais em análise permitem a participação dos seus utilizadores de diversas formas.

3º. Pressuposto: Existem peças jornalísticas sobre as minorias étnicas nos media, com frequência;

- Hipótese 4: O Público e o Correio da Manhã noticiam temas relacionados com as minorias étnicas frequentemente.

4º. Pressuposto: As redes sociais são um meio com muitas potencialidades de interação.

- Hipótese 5: Os utilizadores dos jornais em análise comentam mais nas redes sociais do que nos sites.

Como a metodologia científica engloba abordagens, técnicas e procedimentos utilizados, passamos a explicitar a metodologia empregue neste trabalho.

O nosso estudo contempla uma abordagem qualitativa e com uma abordagem quantitativa, dado que analisámos quantitativamente o número de peças recolhidas e o número de comentários; e interpretámos o discurso das peças jornalísticas e dos comentários dos utilizadores.

Tal como menciona Herscotivz (2007) a integração da análise quantitativa com a qualitativa traduz-se na averiguação de melhores resultados. Considerando a autora que a abordagem quantitativa consiste na contagem de frequências do conteúdo em análise; e que a abordagem qualitativa diz respeito à avaliação do conteúdo latente através do sentido dos textos, do contexto onde se insere, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos-alvo (*idem*).

Assim, para enquadrar teoricamente o presente trabalho de investigação recorreremos à pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa é desenvolvida com base em material já elaborado, por exemplo livros e artigos científicos (Gil, 2002).

Em contrapartida, na parte prática da dissertação recorreremos à análise de conteúdo, na medida em que analisámos as peças jornalísticas e os comentários feitos às mesmas. Este método de análise engloba “obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, actas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco directivas” (Quivy & Campenhoudt, 1995: 226). Sendo cada vez mais utilizado na investigação social porque permite tratar de forma metódica informações e testemunhos com um certo grau de profundidade e complexidade (Quivy & Campenhoudt, 1995).

A análise de conteúdo aliada às pesquisas sobre jornalismo “pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos.” (Herscotivz, 2007: 123). Desse modo, a análise de conteúdo dos media ajuda-nos a perceber um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e a estabelecer

parâmetros culturais implícitos, bem como a entender a lógica organizacional por trás das mensagens (Shoemaker & Reese, *in* Herscovitz, 2007).

Optámos pela escolha de dois jornais diários procurando adquirir um leque variado de comentários que nos permitirá perceber se os media sociais impulsionam o debate público acerca das minorias étnicas. Seleccionámos dois jornais diferentes quer em termos das políticas editoriais quer relativamente aos seus públicos-alvo, um ‘popular’ e um de ‘referência’, o Correio da Manhã e o Público.

A recolha de dados dos sites e das páginas do Facebook do Correio da Manhã e do Público foi efetuada diariamente às 21h00 nos meses de Novembro e Dezembro de 2011 e nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2012. Esta opção metodológica prende-se com a organização cronológica das várias etapas do desenvolvimento da tese.

Decidimos seleccionar as peças jornalísticas que focavam as minorias étnicas em primeiro plano quer na página inicial dos sites dos jornais em análise, como nas secções que passamos a indicar:

- secções do site do Público: Mundo, Política, Economia, Desporto, Sociedade, Educação, Local e Media;
- secções do Correio da Manhã que se seguem: Última Hora; Nacional, dentro da qual escolhemos as secções Portugal, Saúde, Ensino, Política e Economia; Internacional, dentro da qual seleccionámos a secções Mundo; e Sport, tendo seleccionado a subsecção Desporto.

Como o Facebook é uma rede social em expansão, com um elevado número de utilizadores, decidimos analisar também os comentários nas páginas do Facebook de ambos os jornais em estudo.

Para uma elucidação dos critérios utilizados na análise das peças jornalísticas sobre as minorias étnicas, organizámos os mesmos na seguinte tabela:

| Categorias de análise | Subcategorias de análise      | Descrição das categorias em análise   |
|-----------------------|-------------------------------|---|
| <b>Temas</b>          | Políticos                     | Nesta categoria inserem-se todos os temas relacionados com políticas de imigração.            |
|                       | Discriminação étnica e racial | Nesta categoria inserem-se peças jornalísticas sobre casos racismo e de discriminação étnica. |
|                       | Imigração Ilegal              | Este ponto diz respeito a peças sobre extradição ou outros casos de imigração ilegal.         |

|  |                                  |  |
|--|----------------------------------|--|
|  | Crimes                           | Na presente categoria inserimos peças sobre tráfico de pessoas e peças sobre outros crimes (como por exemplo: crimes passionais, posse de estupefacientes, assaltos, etc.) |
|  | Outros Temas                     | São temas relacionados com as minorias étnicas porém sobre assuntos que não estão supracitados.  |
| <b>Fontes de Informação</b>            | Membros das minorias             | Este critério consiste na identificação das fontes de informação utilizadas nas peças jornalísticas em análise.  |
|  | Fontes Políticas                 |  |
|  | SEF                              |  |
|  | Fontes Policiais                 |  |
|  | Fontes Judiciais                 |  |
|  | Especialistas                    |  |
|  | Associações/Instituições         |  |
|  | Cidadãos-comuns                  |  |
| <b>Género Jornalístico</b>             | Outras                           | Este grupo serve para percebermos os diferentes géneros jornalísticos encontrados nas peças selecionadas.  |
|  | Notícias                         |  |
|  | Breves                           |  |
|  | Reportagens                      |  |
| <b>Âmbito</b>                          | Local                            | Na presente categoria separamos as peças pela sua abrangência geográfica.  |
|  | Nacional                         |  |
|  | Internacional                    |  |
| <b>Total de peças disponibilizadas</b> | Peças sem Comentários            | Quantificação do número total de peças disponibilizadas.   |
|  | Peças com Comentários            |  |
| <b>Total de Comentários</b>            | Total de Comentários no Site     | Quantificação do número total de comentários disponibilizados.   |
|  | Total de Comentários no Facebook |  |

**Tabela 1 Categorias de Análise das Peças Jornalísticas**

Os comentários dos utilizadores feitos às peças sobre minorias étnicas, nos sites e nas páginas do facebook de ambos os jornais, foram igualmente selecionados.

Para analisarmos os comentários elaborámos uma lista de critérios, adaptada da investigação de Silva (2004) aos comentários dos leitores da TSF Online sobre as notícias da Cimeira de Copenhaga, como podemos verificar na tabela abaixo apresentada:

| Crítérios de Análise                                 | Subcrítérios de Análise | Descrição dos critérios de Análise         |
|--|-------------------------|--|
| <b>Interpelação direta ao trabalho do Jornalista</b> | Retificação             | Retifica erros do jornalista.              |
|  | Crítica positiva        | Critica positivamente à peça jornalística. |
|  | Crítica negativa        | Critica negativamente à peça jornalística. |
| <b>Linguagem</b>                                     | Informal                | Abreviaturas.                              |
|  |                         | Repetição de termos.                       |

|   |                       |   |
|---|-----------------------|---|
|   |                       | Pontuação marcada pelos pontos de exclamação, interrogação e reticências. |
|   |                       | Expressões coloquiais (gíria e calão).                                    |
|   |                       | Erros ortográficos, de acentuação e gramaticais.                          |
|   |                       | Expressões próximas do discurso oral.                                     |
|   | Formal                | Linguagem característica de locais públicos.                              |
| <b>Características do Utilizador</b>                  | Identificado          | Identifica-se pelo nome; nome e apelido; apelido.                         |
|   | Não identificado      | Anónimos.   |
|   |                       | Uso de pseudónimos.   |
| <b>Interatividade</b>                                 | Jornalista-utilizador | Interação entre o jornalista e o utilizador.                              |
|   | Utilizador-utilizador | Interação entre utilizadores.   |
| <b>Contributo do comentário para o debate público</b> | Não contribui         | Desvio do assunto da peça.  |
|   |                       | Comentário inadequado.  |
|   | Contribui             | Apresenta soluções.   |
|   |                       | Apresenta outros pontos de abordagem.                                     |
|   |                       | Coloca questões fundamentadas.  |
|   |                       | Acrescenta conteúdo à peça.   |

**Tabela 2 Critérios de Análise dos Comentários**

Importa referir que no site do Público os comentários só são publicados depois de lidos, podendo até ser editados se não cumprirem os critérios de publicação (disponíveis em <http://static.publico.pt/homepage/nos/criteriosPublicacaoComentarios.aspx>), além disso os comentários mais votados pelos leitores e os enviados via Facebook e Twitter terão maior destaque em relação às mensagens anónimas. Por sua vez, os comentários do site do Correio da Manhã são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, sendo que o jornal assume o direito de eliminar os comentários abusivos e os que contêm uma linguagem inadequada (tal como o Correio da Manhã explica abaixo da caixa de texto que permite comentar as peças jornalísticas).

As páginas do Facebook de ambos os jornais contêm ‘posts’ de peças jornalísticas sobre várias temáticas, sendo atualizada várias vezes durante o dia. Os utilizadores que ‘gostam’ da página podem comentar, partilhar e ‘gostar’ dos artigos.

Além de contabilizarmos os comentários às peças recolhidas, também incluímos outros formatos de participação presentes nos sites em análise.

De forma a estabelecermos claramente os formatos de participação dos utilizadores a ter em conta neste estudo, adaptámos uma tabela de Hermida & Thurman (*in* Hermida, 2011a), que passamos a apresentar:



| <b>Formato de Participação</b> | <b>Descrição do Formato de Participação</b>  |
|--------------------------------|--|
| <b>Blogues dos cidadãos</b>    | Blogues dos utilizadores que partilham as peças.   |
| <b>Comentários</b>             | Opiniões sobre uma estória ou outro item online que os utilizadores submeteram (Hermida & Thurman <i>in</i> Hermida, 2011a).                                     |
| <b>Redes sociais</b>           | Distribuição de links através do Facebook, Twitter ou outras plataformas (Hermida & Thurman <i>in</i> Hermida, 2011a), ou seja ‘partilhas’, ‘gostos’ e ‘tweets’. |
| <b>Votos aos artigos</b>       | Votação dos artigos pelos utilizadores.  |

**Tabela 3 Formatos de Participação**

Assim, para cada uma das peças seleccionadas procedemos à quantificação do número de blogues, comentários, partilhas nas redes sociais e votos nos artigos. Pois, apesar de estarmos a verificar a promoção do debate público, a participação e a interação dos utilizadores constituem aspetos demonstrativos de interesse da parte dos mesmos.

#### **4. ANÁLISE DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE MINORIAS ÉTNICAS DOS SITES DO ‘CORREIO DA MANHÃ’ E DO ‘PÚBLICO’, E DOS COMENTÁRIOS ÀS MESMAS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os dados recolhidos, ou seja as peças jornalísticas dos sites do ‘Correio da Manhã’ e do ‘Público’ sobre as minorias étnicas, bem como analisar os comentários feitos às mesmas nos sites e nas páginas do Facebook dos respetivos jornais.

Como referimos anteriormente, a participação no jornalismo vai além dos comentários, por isso optámos por contabilizar também outros formatos de participação, nomeadamente: partilhas nos blogues dos cidadãos; ‘partilhas’, ‘gostos’ e ‘tweets’ nas páginas do Facebook e no Twitter; e votos nos artigos.

Desta feita dividimos o capítulo em várias secções, nomeadamente: análise das peças jornalísticas sobre as minorias étnicas; análise e interpretação dos comentários feitos às peças jornalísticas sobre as minorias étnicas; outros formatos de participação dos utilizadores; e observações finais dos resultados obtidos.

##### **4.1. ANÁLISE DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MINORIAS ÉTNICAS**

Dijk (2000a) refere que o racismo e as ideologias podem ser reproduzidas através do discurso. Logo, ao analisarmos o discurso dos jornais selecionados importa perceber se esse discurso é reprodutor de racismo. Além disso, interessa-nos ainda perceber se de alguma forma os media ajudam a reproduzir este tipo de estereótipos.

Posto isto, passamos a apresentar a análise as peças jornalísticas sem comentários e as peças jornalísticas com comentários.

###### **4.1.1. Análise das peças jornalísticas sem comentários do Correio da Manhã e do Público**

Ao longo do período de recolha dos dados recolhemos 11 peças sem comentários no Público e 21 peças sem comentários no Correio da Manhã (ver tabela 4 em Anexo 1).

Os temas com mais destaque em ambos os jornais foram os crimes e a imigração ilegal, que habitualmente são enfoques temáticos relacionados com as minorias étnicas, tal como refere Carvalho (2007). A autora averiguou na sua investigação que as temáticas sobre imigração e minorias étnicas tendem para a criminalidade. Além disso, Wilson et. al. (2003) mencionam que a cobertura mediática destes grupos se centra nos mais bizarros ou incomuns elementos das comunidades minoritárias.

As fontes de informação mais utilizadas foram os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) no Correio da Manhã e as fontes policiais no Público, devido ao carácter oficial de ambas. No entanto, não houve nenhum membro de uma minoria étnica como fonte de informação, o que pode relacionar-se com a falta de credibilidade dada aos mesmos, uma vez que os grupos minoritários não controlam o ‘discurso das fontes’ (Dijk, 2000b).

O Correio da Manhã recorreu a cidadãos-comuns para fontes de informação o que demonstra o seu cariz mais popular.

Na totalidade a maioria das peças jornalísticas eram notícias de âmbito local, possivelmente devido ao valor-notícia da proximidade. O Correio da Manhã também redigiu algumas breves, o que pode ser explicado com a opção ‘ler mais na edição impressa’ que o site disponibiliza.

Algumas das peças sem comentários identificam os cidadãos das minorias ou expressam tentativas de identificação, verificando-se com mais frequência em peças cujo enfoque diz respeito à imigração ilegal e aos crimes. Como podemos constatar na peça 4 de novembro do Público há uma referência ao nome, à idade e à nacionalidade de um suspeito de crimes racistas na Alemanha (ver Anexo 3). Um outro exemplo é a identificação do nome, da idade, da nacionalidade e da residência de um cidadão ilegal na peça 4 de novembro do Correio da Manhã (ver Anexo 2).

Um outro dado aferido é a referência à nacionalidade que ambos os jornais fazem em algumas das peças, pois segundo o Código Deontológico dos Jornalistas de 1993 “O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo.” (alínea 8, Código Deontológico dos Jornalistas de 1993), logo a nacionalidade dos cidadãos não deve ser referenciada a não ser que seja de interesse público. Alguns exemplos desta prática são a peça 6 de Janeiro e a peça 6 de novembro do Correio da Manhã (ver Anexo 2); bem como, as peças 6 e 7 de Janeiro do Público (ver Anexo 3).

É ainda de referir que algumas das peças jornalísticas das duas publicações são assinadas pela Lusa ou por outra agência, ou até redigidas por um jornalista e pela Lusa. No jornal Público 6 das 11 peças sem comentários estão assinadas pela agência Lusa.

Das peças jornalísticas sem comentários analisadas apenas uma aborda um tema positivo, designadamente a peça 3 de dezembro do Correio da Manhã ‘Portugal é dos que mais reconhece a importância dos imigrantes’.

#### **4.1.2. Análise das peças com comentários do Correio da Manhã e do Público**

Relativamente aos dados das peças jornalísticas com comentários sobre as minorias étnicas, no total recolhemos 9 peças com comentários no Público online e 38 peças com comentários no site do Correio da Manhã (ver tabela 5 em Anexo 1).

Recolhemos 7 peças jornalísticas com comentários no site do Público e 2 peças com comentários no site e na página do Facebook do órgão de comunicação social (ver em Anexo, tabela 5). No que respeita ao número de peças jornalísticas no Correio da Manhã, recolhemos 31 peças com comentários no site, 3 peças com comentários na página do facebook do jornal e 4 peças com comentários no site e na página do facebook (ver em Anexo 1, tabela 5).

Na globalidade, o tema com mais destaque foram os crimes, podendo assim afirmar que tal como refere Wilson et. al. (2003) a representação as minorias étnicas foge para o incomum. Porém, no Público o tema que mais se destacou foi a discriminação racial e étnica, o que pode demonstrar a importância desta problemática (ver em Anexo 1, tabela 5).

Em relação às fontes de informação, a maioria corresponde ao SEF e às fontes policiais (ver em Anexo, tabela 5), provavelmente pelo facto de estas serem fontes oficiais e de fácil acesso por parte das redações, porque muitas das vezes comunicam com os media através de comunicados facilitando a cobertura mediática.

No Público as fontes mais utilizadas foram as associações/instituições de apoio às minorias étnicas (ver em Anexo, tabela 5), o que difere da generalidade dos resultados. Ao contrário da análise das peças sem comentários, demonstrando assim rigor jornalístico na medida em que permite discursos alternativos.

Os membros das minorias étnicas continuam sem assumir um papel preponderante como fontes de informação, uma vez que só registámos um membro de uma minoria étnica como fonte no Correio da Manhã (ver em Anexo, tabela 5). Este facto explica-se com a falta de credibilidade que têm na hierarquia das fontes de informação nos media (Dijk, 2000b).

A maior parte das peças jornalísticas são notícias, cerca de 85%, o que demonstra o tipo de cobertura que os media fazem sobre as minorias étnicas.

Apenas seleccionámos uma reportagem no Público, intitulada ‘Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”’ (peça 3 de janeiro do Público) que retrata a aceleração na concessão de vistos para imigrantes qualificados.

Relativamente ao âmbito podemos observar que: cerca de 43% das peças jornalísticas são de âmbito nacional; aproximadamente 32% são de âmbito local; e que cerca de 26% correspondem a peças de âmbito internacional (ver em Anexo, tabela 5). Contudo, no jornal Público esta tendência não se verifica, registando-se mais peças de âmbito internacional (cerca de 56%) (ver em Anexo, tabela 5).

Como ambos os objetos de análise são jornais de carácter nacional é natural que a maioria das peças seja de âmbito nacional, contudo no jornal Público há mais peças jornalísticas de âmbito internacional, possivelmente porque o jornal aposta na expansão e na globalização da sua informação. Relativamente aos comentários, a maioria também diz respeito a peças jornalísticas de âmbito nacional (581 comentários).

A maior parte dos comentários referem-se ao tema discriminação racial e étnica quer no site quer na página Facebook de ambas as publicações em análise, o que ilustra a extensão desta problemática.

Em algumas das peças seleccionadas verifica-se a referência à nacionalidade dos cidadãos envolvidos no evento (em 10 das peças), por vezes essa alusão acontece nas peças sobre crimes. Alguns exemplos desta prática são a peça 1 de dezembro do Público (ver Anexo 3) e a peça 13 de Janeiro do Correio da Manhã (ver Anexo 2).

Duas das peças jornalísticas com comentários analisadas retratam temas positivos: a peça 11 de novembro do CM ‘Vítimas de crimes racistas terão homenagem na Alemanha’ e a peça 3 de janeiro ‘Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”’.

As peças mais comentadas do Público foram a peça 1 de novembro intitulada ‘Alan acusa Javi Garcia de insultos: “Chamou-me preto de merda”’; a peça 2 de dezembro de título ‘Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar Natal na prisão’; e a peça 3 de janeiro ‘Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”’. A peça 3 de janeiro destaca-se pelo facto de ser a única reportagem seleccionada, por tratar um tema positivo e por dizer respeito a uma política facilitadora da imigração. Já as outras duas peças destacam-se pelo mediatismo da sua temática.

Já as peças mais comentadas do Correio da Manhã foram: a peça 5 de novembro ‘Alan: “Javi García chamou-me preto de merda”’; e a peça 12 de dezembro ‘Ciganos vítimas de discriminação laboral’.

## **4.2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS COMENTÁRIOS FEITOS ÀS PEÇAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS MINORIAS ÉTNICAS**

Para a análise e interpretação dos comentários feitos às peças jornalísticas do Público iremos separar os comentários do site dos comentários do Facebook, porque: o ambiente online é diferente; as redes sociais têm mais utilizadores que os sites dos media; as redes sociais são um sistema de gestão de conteúdos prediletos; e há uma inclinação para dizer o que se quer nas redes sociais.

Ao todo recolhemos 999 comentários, 354 nos sites e 645 nas páginas do Facebook de ambos os jornais, sendo que:

- 382 comentários correspondem à página do Facebook e 135 comentários ao site do Público;
- 263 comentários correspondem à página do Facebook e 219 comentários ao site do Correio da Manhã.

Salientamos que os comentários apresentados nos subcapítulos seguintes, a título de exemplo, estão transcritos na íntegra.

### **4.2.1. Análise e Interpretação dos comentários nos sites dos jornais em análise**

Antes de iniciarmos a análise dos comentários importa dar a conhecer as ferramentas de participação do Público.pt e do Correio da Manhã Online.

O Público dispõe de um inquérito na página inicial do site que é modificado consoante a cobertura mediática e a atualidade; possibilita também a adesão ao canal do Youtube, ao Facebook e ao Twitter da publicação; permite ainda aderir ao jornal através de outros formatos (cegos, rss, pdf, iPhone, Movel); além disto tem um link para o blogue do provedor do leitor e permite enviar feedback através do e-mail.

Em cada peça jornalística do site do Público pode-se efetuar um comentário; partilhar a peça no Facebook e no Twitter; ‘gostar’ da peça através do Facebook e marca-la no Google+; votar; partilhá-la em blogues pessoais; dar feedback; ‘corrigir’; contactar o provedor do leitor; enviá-la por e-mail; e ainda partilhá-la em outras redes sociais. Em todas as peças encontramos ainda a opção ‘Siga-nos’ que permite seguir o Twitter, Facebook e RSS do jornal. Porém, as secções de Desporto e Economia têm algumas diferenças no design e formatos de participação.

O Correio da Manhã (CM) possibilita na sua página inicial seguir o perfil do Facebook e do Twitter do jornal; dispõe de um ‘plugin’ do Facebook, que permite observar a quantidade de ‘amigos facebookianos’ do utilizador que ‘gostam’ do jornal, e as partilhas que fazem das peças jornalísticas do mesmo. Contém também uma sondagem que é sobre questões da atualidade; e possui ainda uma opção de personalização da página inicial facultando ver o site no seu formato normal, por ordem cronológica, por região e pelas notícias da manhã.

Nas peças jornalísticas do Correio da Manhã os utilizadores podem efetuar comentários; partilhar a peça no perfil do Facebook e do Twitter; ‘gostar’ da peça através do Facebook ou fazer um ‘tweet’ através do Twitter; votar a peça; dar feedback; ‘corrigir’; enviá-la por e-mail; e ainda partilhá-la em outras redes sociais.

Os comentários são a ferramenta-chave do nosso trabalho, portanto vamos explorá-los e interpretá-los de acordo com os critérios previamente mencionados (ver tabela 1, capítulo 3), ou seja:

- Interpelação direta ao trabalho do jornalista;
- Linguagem;
- Características do Utilizador;
- Interatividade;
- Contributo do comentário para o debate público.

Dos comentários analisados são poucos os que fizeram uma interpelação direta aos jornalistas e aos media em geral, sendo que algumas interpelações são críticas negativas, como por exemplo o comentário 14 da peça 1 de novembro do Público que retrata a discriminação no futebol:

“Benfica perde oportunidade de chegar à liderança! Esta é a ideia do jornalismo oficial. Braga perde quarto lugar para o Marítimo e não aproveita deslize do Porto. Esta seria a noticia, caso o nosso jornalismo desportivo fosse jornalismo de factos e não de estados de alma dos próprios profissionais.” (Comentário identificado, Público, em 07/11/2011, às 16:51).

O utilizador refere-se ao jornalismo desportivo como um jornalismo com falta de rigor e objetividade não contribuindo para a discussão pública em causa, pois desvia-se do assunto da peça.

O comentário 18 da peça 12 de novembro do Correio da Manhã também é um exemplo de uma interpelação negativa, neste caso dirigida ao autor do artigo, como se pode verificar:

“Ao ler esta noticia sobre os ciganos minha alma fica parva pois nota-se que quem fez este artigo não tem o

mínimo de conhecimentos do que está a escrever sobre a vida dos ciganos pois é fácil de verificar a realidade” (comentário não identificado, Correio da Manhã, em 21/11/2011, às 17:15).

O autor do comentário menciona que o jornalista não tem conhecimentos sobre a etnia cigana e curiosamente não se identifica.

Um outro exemplo de interpelação ao jornalista é a retificação, que nos comentários analisados assume um registo irónico, como podemos ver no comentário 10 da peça 1 de novembro: “(...) Quanto a questão da temática jornalística, caros amigos notícia é o facto de o Benfica não ter chegado ao primeiro lugar, porque o segundo é o primeiro dos últimos em qualquer campeonato. (...)” (comentário não identificado, Público, em 07/11/2011, às 19:13).

O utilizador quer corrigir ou retificar a notícia num tom irónico já que se desvia do assunto e deprecia um clube, contrariando o seu pseudónimo ‘Adepto Isento de Futebol’.

Relativamente às críticas positivas aos jornalistas/media considerámos apenas três comentários, como é o caso do comentário 1 da peça 5 de novembro do Público sobre a saída de imigrantes de Portugal que faz uma sugestão aos jornalistas: “szeria interessante que informaszdem ao msmo tempo quantos portugueses emigraram desde 2007 para cá( com indicação dos nºs por ano) e também já agora as suas habilitações académicas.” (comentário identificado, Público, em 25/11/2011, às 16:46). Este comentário demonstra interesse pelo tema, vontade de estar bem informado, acabando por ser um exemplo da importância que os media têm para a formação de uma opinião pública informada e para a construção da cidadania. Pois, a ética e a vocação do jornalismo está relacionada com a democracia e a sua prática (Fenton, 2010).

No Correio da Manhã não se observou nenhuma retificação ou crítica positiva ao trabalho jornalístico.

Em termos gerais não se verificou uma correção fundamentada ao trabalho jornalístico, notando-se apenas algumas sugestões e críticas negativas.

Na generalidade a linguagem dos comentários recolhidos é informal assinalando-se em 55% dos mesmos. Apesar da tendência ser para a informalidade, no Público o número de comentários redigidos com uma linguagem formal é superior (cerca de 55% dos comentários).

A linguagem informal distingue-se pelas “(...) abreviaturas de palavras, repetições de termos, uma pontuação marcada pelos pontos de exclamação, de interrogação e reticências, expressões coloquiais (gíria e calão) e por vezes erros ortográficos, de acentuação e gramaticais.” (Silva, 2004: 65).



Um exemplo de um comentário com linguagem informal que faz uso de pontos de exclamação, reticências, erros ortográficos e abreviaturas é o comentário 32 da peça 2 de dezembro do Público: “Não haverá racismo tb em Portugal?? a diferença para mim, é que neste caso a mulher será responsabilizada pelo que fez... já em Portugal, o mesmo não se passaria...” (comentário não identificado, Público, em 07/12/2011, hora não especificada). E o comentário 2 da peça 17 de novembro do CM, que se caracteriza pelos erros ortográficos e de acentuação, como podemos notar: “Portugueses, acordem e organizem-se e actuem um refrendo ao povo soubre se concordam com as fronteiras sem controlo e as leis que protegem os criminosos, assim como a destruissam da agricultura e industria nacional” (comentário não identificado, CM, em 28/11/2011, às 19:01).

As expressões tipicamente orais como ‘tlim, tlim, tlim’ e ‘bla, bla, bla’ também estão presentes no discurso dos utilizadores. Bem como abreviaturas do género ‘pq’ e ‘q’, e ainda as particularmente online como ‘LOL’ e os ‘smiles’.

Alguns comentários contêm vocábulos específicos do calão e da gíria, como os comentários 42 e 44 da peça 1 de novembro do Público: “(...) e depois disse fiteiro de merda. E tu, só ouviste preto de merda.” (comentário não identificado, Público, em 07/11/2011, às 14:03); “(...) é uma grande “pulha” (...) não fosse tu mais um “biltre” (...)” (comentário não identificado, Público, em 07/11/2011, às 13:58); e o comentário 16 da peça 6 de fevereiro do CM: “Está mais que na hora de varrer Portugal destes parasitas.O governo não tem tomates para fazer o que é necessario.Só pensam como podem meter a mão no bolso dos tugas, e chamar o povo de resmongões. Cambada de ordinários” (comentário não identificado, CM, em 11/02/2012, hora não especificada).

Por sua vez, a linguagem formal é particular dos locais públicos, sendo mais cuidada que a informal. A título de exemplo deste tipo de linguagem temos o comentário 7 da peça 1 de janeiro do Público:

“Ainda bem que os delinquentes que cometeram este crime brutal foram finalmente condenados. A pobre família teve que esperar tanto tempo para que alguma justiça pudesse ter sido feita.Só não dá para perceber porque é que de prisão perpétua (para sempre) se aplicam sómente penas minimas de 14 e 15 anos. Tem isto a ver com libertação condicionada por bom comportamento?Alguém me poderá explicar porquê.” (comentário não identificado, Público, em 04/01/2012, às 14:48).

O comentário 43 da peça 12 de novembro do Correio da Manhã também ilustra a linguagem formal, tal como podemos ver: “Estranho não tirarem fotos aos "meios de transporte" destes senhores... é uma pena que se defendam que não têm condições, mas que a falta de educação esteja sempre presente em tudo o que dizem e fazem !” (comentário não identificado, CM, em 21/11/2012, às 15:13).

A linguagem formal caracteriza-se por ser mais cuidada gramaticalmente, na ortografia e na pontuação, todavia alguns comentários com este género linguístico que não contribuem para o debate público, como: o comentário 4 da peça 1 de janeiro do Público: “Um País civilizado com certeza. Uma lição para a medíocre justiça Portuguesa. Aprendam, copiem! Não é necessário inventar nada! Copiem os bons exemplos.” (comentário identificado, Público, em 04/01/2012, às 16:34); e o comentário 1 da peça 2 de dezembro do CM, que retrata a acusação de imigração ilegal e lenocínio a imigrantes chineses: “Que tal legalizar a prostituição e vigiar de perto a actividade?” (comentário não identificado, CM, em 02/12/2012, às 17:07).

Um outro aspeto em análise é a identificação dos comentários, que na generalidade apresenta os seguintes resultados:

- 46% estão identificados com o nome; apelido; e nome e apelido;
- 54% não são identificados, logo são anónimos (28%); ou pseudónimos (26%).

Este facto vem confirmar a literatura, na medida que tal como Mckenna & Greene (in Reich, 2011) há uma tendência para o anonimato devido ao ‘efeito desinibidor’.

Contudo, no Público temos ligeiramente mais comentários identificados do que não identificados, o que corresponde a uma percentagem de aproximadamente 51% e 49% respetivamente.

Os pseudónimos são uma forma de personalizar a identidade ou até de criar uma nova identidade virtual, como refere Silva (2004: 66) “(...) no ciberespaço, a identidade acaba por ser uma performance ou um jogo, que se constrói à medida das interações estabelecida.”. Assim, pseudónimos como ‘Emigra’, ‘rezaf’, ‘É FARTAR, VILANAGEM’, ‘Desportista’, ‘ex-lampião’, ‘Alfa’, ‘big bang’, e ‘TrolhaDsempregado’ são comuns no jornal Público. Bem como, ‘Atento’, ‘Tuga’, ‘Anjo’, ‘Jesus Cristo laico’, ‘dignoFP’ são usais no Correio da Manhã.

Como menciona Reich (2011) a não identificação é característica da internet porque permite uma desresponsabilização dos utilizadores. Algumas vezes os comentários contêm difamações, incentivos, conteúdos abusivos, e até discursos de racismo e ódio (*idem*),

havendo uma associação do anonimato a comentários que não contribuem para o debate público.

Interessa referir que alguns utilizadores participam ativamente nos espaços de comentários dos jornais em análise, comentando várias peças e até várias vezes na mesma peça, como é o caso dos utilizadores: ‘Atento’ e ‘Rui Lolo’ no CM; e de ‘rezaf’ e ‘jf’ no Público.

No que diz respeito à interatividade, apenas 17 comentários no total, ou seja 5%, se dirigem particularmente a outros utilizadores, apesar de alguns se referirem aos comentários no geral. Por exemplo:

- o comentário 4 da peça 3 de novembro do Público:

“Experimente fazer-se passar por cigano, e com o seu (Alexandre Cardoso) curriculum vitae procurar emprego, tente alugar uma casa simulando um sotaque cigano, independente dos seus rendimentos e veja o resultado, só assim percebe o que é a discriminação, assim vai conhecer a realidade.” (comentário identificado, resposta ao comentário 3, Público, em 21/11/2011, hora não especificada).

- o comentário 1 da peça 15 de novembro do Correio da Manhã: “Concordo com este anonimo... e ainda completo.. deveriam fazer isto no mundo todo, mandar de volta os tugas ai equilibrava... saia umas esculmalhas e entrava outras” (comentário não identificado, resposta ao comentário 2, CM, em 25/11/2011, hora não especificada).

### • **Contribuição para o debate público**

O debate público consiste na contribuição de conhecimento através da argumentação e da construção de ideias, logo pretendemos perceber se há promoção de debate em temas relacionados com as minorias étnicas. Assim, analisámos os comentários consoante a contribuição ou a não contribuição para a discussão pública. Verificámos então que 54% dos comentários contribui para o debate público na generalidade, no entanto no Correio da Manhã a maioria dos comentários não contribui para o debate público (cerca de 56%).

Os comentários que contribuem para o debate público normalmente apresentam soluções, outros pontos de abordagem, colocam questões fundamentadas, acrescentam conteúdo e/ou contam experiências pessoais.

O relato de experiências pessoais e a proposta de soluções é comum nos comentários analisados, como nos mostra o comentário 1 da peça 3 de janeiro do Público:

“(...) é so preciso formar mais pessoas em quadro 59ietname, criar mais escolas 59ietname. Doutores,

engelheiros, etc., já tem de mais. É preciso incentivos para se levantarem da cadeira e botar pernas para trabalhar. Um amigo, meu que é quadro superior, anda por todo mundo, china, japão, australia, russi, europa, etc., em negocio, disse-me que em são paulo onde el vive, tem todo o tipo de gente que veio no pós guerra e guerra do 60ietname, para a sua terra. (...) tem muita gente dentro de Brasil a precisar de um oportunidade que não chegou.” (comentário identificado, em 18/01/2012,m Público, às 11:16).

Por outro lado, os comentários 1 e 2 da peça 19 de novembro do Correio da Manhã exemplificam a sugestão de que todos os estrangeiros cadastrados devem sair do nosso país: “so um deviaio ir todos aqueles que praticam roubos e ma conduta em portugal” (comentário não identificado, CM, em 28/11/2011, às 13:24); “Todos os estrangeiros com cadastros em Portugal deviam ser todos postos fora do nosso pais.” (comentário não identificado, CM, em 28/11/2011, às 12:57).

Gillmor (2004: XIV) que o público está a aprender a integrar os processos jornalísticos, está a ajudar a criar conversação e nalguns casos a fazer um trabalho melhor que os profissionais, o que se verifica por exemplo no comentário 4 da peça 3 de janeiro do Público:

“Pessoas sem qualificação saem de toda a parte do mundo e não só do Brasil, limitar a imigração justamente para que a grande massa pobre e que não tem para onde ir seja a beneficiada é a política correta e além do mais, esta medida não é adotada pela primeira vez no BR, visto que, aqui na Europa a política de imigração do Cartão Azul, onde só entrará pessoas altamente qualificadas já aprovada e em vigor em alguns países, faltando apenas Portugal, Alemanha, Itália e se não me engano a França fazerem a transposição para o regime interno. (...)” (comentário identificado, Público, em 18/01/2012, hora não especificada).

Na peça 2 de novembro do Correio da Manhã, o comentário 1 confirma que os utilizadores têm conhecimento do que se trata nos media: “O Sr. João Seabra se é quem eu penso ser frequentou pelo menos o ensino secundário complementar quando não havia subsídios, isto é, ele queria evoluir e é um exemplo creio que faria o mesmo se não os houvesse agora.” (comentário identificado, CM, em 04/11/2011, hora não especificada).

Este comentário demonstra que o utilizador tem conhecimento pessoal do caso, o que poderia fazer dele uma mais-valia para uma informação mais completa.

O comentário 1 da peça 1 de novembro do CM também demonstra conhecimento de caso, tal como se pode notar: “Foram os Bombeiros de Vila Real de Santo António que socorreram esta família e não o INEM.... Sempre o Inem sempre o INEM até chateiam.... Ficam sempre

com os louros e nunca participam em nada.... Merito aos Bombeiros PF” (comentário não identificado, CM, em 04/11/2011, hora não especificada).

Relativamente, aos comentários que não contribuem estes geralmente desviam-se do tema em si ou são inadequados (por exemplo contêm insultos, expressões típicas da internet). O comentário 6 da peça 1 de janeiro do Público e o comentário 1 da peça 13 de janeiro do CM por exemplo desviam-se do assunto da peça, como se pode verificar:

- “que sirva de lição à justiça portuguesa. um crime destes nunca pode prescrever. vejam o ridículo do caso do estripador de lisboa. Se se provar que foi aquele maluquinho que foi preso recentemente, não pode ser julgado pelos crimes por terem prescrito. Ridículo.” (comentário não identificado, Público, em 04/01/2012, às 15:20);
- “grande canoa era essa as veses dou-me a pensar que grande bronca” (comentário identificado, CM, em 30/01/2012, hora não especificada).

Já o comentário 34 da peça 1 de novembro do Público é inadequado, visto que não está relacionado com o tema e é insultuoso, vejamos: “Lindo! Tudo declarações ao nível do orelhas e do masca chicletes de fossa aberta!” (comentário identificado, Público, em 07/11/2011, às 14:29). Assim como, o comentário 3 da peça 1 de janeiro do CM, que também é insultuoso e não foca o tema da peça: “Tiro na testa destes gajos pá!!!!” (comentário não identificado, CM, em 05/01/2012, às 16h06).

Tanto o Público.pt como o Correio da Manhã online possuem ainda uma opção que permite votar os comentários, no entanto por vezes os mais votados não contribuem para o debate público, como por exemplo o comentário 46 da peça 12 de novembro do CM, que tem 40 votos: “Há bonitas maneiras de dizer que os ciganos passam os dias a roubar, a traficar droga e armas, a receber rendimentos sociais, criar confusões com a policia e que se estão a lixar para a escola.” (comentários não identificado, CM, em 21/11/2011, às 14:57).

Importa referir alguns aspetos que estão constantemente presente nos comentários:

- a ironia, como exemplo podemos mencionar o comentário 2 da peça 12 de fevereiro do CM: “Portuguese apanhados a roubar em outro País, são recambiados, como são estrageiros em Portugal, vão receber uma casa (prisão) se não aguardarem em liberdade, e comida, paga com os meus impostos. welkome to paradise.” (comentário identificado, CM, em 24/02/2012, às 15h52).
- a crítica à justiça presente no comentário 4 da peça 1 de novembro do CM: “É fartar vilanagem...enquanto a nossa justiça jaz moribunda..á espera que haja alguém com

coragem que a ressuscite e a possa trazer de volta á vida para bem de ( TODOS ) nós...!” (comentário identificado, CM, em 04/11/2011, hora não especificada).

- e a crítica ao governo português e aos políticos presente no comentário 11 da peça 6 de fevereiro do CM: “A montanha pariu um rato. Como é que a escumalha política só descobriu isto agora?,isto apenas vai prejudicar quem compra pois é fácil vender em Espanha.” (comentário identificado, CM, em 11/02/2012, hora não especificada).

Também denotámos que alguns comentários ilustram uma propensão para estereotipar, questionando qual a nacionalidade do cidadão focado na peça, é o caso dos comentários que se seguem:

- “Induzir que eram "estrangeiros" sem mencionar origem, é caminho propício à xenofobia indiscriminada. Nós gostamos de os catalogar por índice criminal! Alguns,até são boa gente, mas assim ficamos sem saber ("quem"?).” (comentário identificado, CM, em 24/02/2012, às 14h15);
- “É imperioso que se comece a divulgar as caras (quando possível), nomes e nacionalidades desta escumalha. Fica-se a saber quem é quem, não se preocupem com o arcismo, temos é de nos defender e estar precavidos.” (comentário identificado, CM, em 04/11/2011, hora não especificada).

É de salientar uma tendência clara para a discriminação das minorias étnicas que se manifesta através de comentários racistas, preconceituosos e estereotipados. Alguns desses comentários demonstram ainda uma associação das minorias étnicas a crimes, apelidando-as de ‘criminosos’, como se apresenta no comentário 12 da peça 14 de fevereiro do Correio da Manhã: “Vê-se bem que este comissário não vive nem convive com eles e fala sem conhecimento de causa.” (comentário não identificado, CM, em 27/02/2012, 18:02 – a peça foca o racismo de que a etnia cigana e os nómadas sofrem na Europa). Este facto alude ao que Dijk (2005) chama de tendência global para uma cobertura mediática em termo de ‘problemas’ ou até de ‘ameaças’.

Em suma, a percentagem os comentários que contribuem para o debate público e dos que não contribuem é praticamente igual. Notando-se uma tendência clara para a discriminação dos grupos étnicos minoritários, mesmo em comentários que contribuem para o debate com informações, conhecimentos e conteúdos relevantes.

#### **4.2.2. Análise e Interpretação dos comentários na página do Facebook do Correio da Manhã e do Público**

Ao longo da investigação recolhemos apenas nove peças jornalísticas com comentários nas páginas do Facebook dos jornais em análise, o que corresponde a 20% das mesmas: 3 das peças contém comentários na página do Facebook do Correio da Manhã; 6 das peças têm comentários nos sites e nas páginas do Facebook do jornais, sendo que 2 correspondem ao Público e 4 ao Correio da Manhã.

Estes comentários caracterizam-se por uma maior interatividade e troca de ideias entre utilizadores, e uma linguagem mais informal.

Assim, 71% dos comentários têm uma linguagem informal, que apresenta com mais frequência o uso de abreviaturas, gíria, calão e expressões típicas da internet, como é o caso dos comentários que se seguem:

- no Correio da Manhã temos o comentário 12, peça 10 de novembro: “Com o histórico que este animal tem entre eles o crime de violação para mim era cabeça fora, chega de andarmos a sustentar estes animais sejam eles portugueses ou estrangeiros...” (comentário identificado, facebook do CM, em 11/11/2011, 18:07);
- no Público temos o comentário 11, peça 2 de dezembro: “hahah feliz natal minha senhora!!1 muahhaha” (comentário identificado, facebook do Público, em 07/12/2011, hora não especificada).

Em relação à interação entre os utilizadores é frequente a resposta a outros, que por vezes chega a ser insultuosa, como se pode observar no comentário 33 da peça 5 de novembro do CM e no comentário 63 da peça 1 de novembro do Público: “sim david ..lisboa é uma provincia moçambicana...mas portugal é praticamente um Estado brasileiro” (comentário identificado, facebook do CM, em 07/11/2011, hora não especificada); “pedro contreira o comentario de trampa começou no alan... devia estar preocupado com saber jogar e nao ser fiteiro. pq que ele é preto é uma verdade e deve ser o javi saber dos filhos dele. vê-se logo que é mentira... mas só não vê quem nao quer” (comentário identificado, facebook do Público, em 07/11/2011, hora não especificada).

- **Contribuição para o debate público**

No que diz respeito ao contributo para o debate público cerca de 58% dos comentários não contribuem, apresentando argumentos que não correspondem ao tema ou são inadequados, tal como se verifica nos seguintes comentários: “Este :::::::::::::::,devia ter mais

respeito !!!!!!!!! pois nós sabemos onde aprendeu a dizer estas coisas ,, ,, ,, ,, ,, ,, triste ,, ,, ,,insurreto” (comentário 8 da peça 1 do facebook do Público, identificado, em 07/11/2011, hora não especificada); “AGUENTA O ZE GUARDA” (comentário 6 da peça 10 do facebook do CM, identificado, em 11/11/2011, às 17h50).

Contudo, ainda que a maioria dos comentários não contribua para o debate público, no Público as percentagens estão muito próximas (51%).

No Facebook há uma tendência para a identificação pois grande parte dos utilizadores usam o seu perfil pessoal para comentar, o que não significa que não haja uma distorção/personalização dos dados pessoais dos mesmos.

Apesar da maioria de os comentários do Facebook não contribuírem para o debate público e do caráter menos rigoroso e espontâneo que apresentam, existe um uso mais eficaz da página da rede social de ambos os media, notando-se uma predileção pelas redes sociais como os autores Freire et. al. (2010) referem.

Ainda assim, a diferença entre o número de comentários que não contribuem para o debate e o número de comentários que contribuem não é muito diferente, podendo estar condicionado pelo mediatismo de algumas peças que levam a uma ‘explosão’ de sentimentos e emoções, e consequentemente a uma opinião menos pensada e fundamentada.

#### **4.2.3. Casos de análise específicos**

Optámos por seleccionar três casos específicos que correspondem a cinco peças jornalísticas (duas do Público e três do Correio da Manhã) que têm comentários no site e na página do facebook devido: à sua exclusividade; ao mediatismo dos temas; ao elevado número de comentários que têm. Assim, sentimo-nos motivados para a elaboração de um estudo mais detalhado sobre os casos em apreço.

O ‘caso da cidadã Britânica’ refere-se à detenção de uma cidadã britânica que foi acusada de racismo após ter sido filmada no metro a insultar outros passageiros. O ‘caso futebolístico’ diz respeito à acusação de racismo de Alan (jogador do Sporting Clube de Braga à data da peça) a Javi Garcia (jogador do Sport Lisboa e Benfica à data da peça). E o ‘caso da etnia cigana’ que foca a discriminação laboral de que esta minoria é alvo.

Todos os casos específicos de análise correspondem ao tema ‘discriminação racial e étnica’ e despertaram polémica na opinião pública: o primeiro porque o vídeo da cidadã britânica circulou na internet; o segundo porque se trata de dois clubes de futebol da primeira liga; e o terceiro porque retrata a etnia cigana.



#### **4.2.3.1. Caso da cidadã Britânica**

Este caso diz respeito a uma peça que dá conta da detenção de uma cidadã britânica devido a comentários racistas que proferiu no metro de Londres, que corresponde à peça 2 de dezembro do Público intitulada ‘Racista presa por insultos’ (ver Anexo 3); e à peça 20 de novembro do CM intitulada ‘Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar o Natal na prisão’ (ver Anexo 2). No Público contém um total de 220 comentários e 10 no site Correio da Manhã.

A peça apresenta um conjunto de fatores que podem ter originado a elevada adesão aos comentários: 1º a cidadã foi filmada e o vídeo circulou pelo Youtube; 2º a cidadã tinha o filho consigo; 3º a pena atribuída à mesma em tribunal ‘passar o natal na prisão’.

No CM a peça apresenta uma conotação negativa ao apelidar a cidadã de ‘racista’; identifica-a; redige as frases por ela referidas; e disponibiliza o vídeo do acontecimento – o que pode ‘condicionar’ as opiniões públicas e apelar ao sensacionalismo.

Destes comentários 68% contribuíram para o debate público, todavia 63% continham linguagem informal, talvez porque a maioria foi feita na página do Facebook. Verificando-se uma grande interação entre os utilizadores sobre este tema na página do Facebook do Público.

Os comentários a esta peça caracterizam-se por: insultos entre utilizadores e à cidadã (acusações de ser racista e negligente em relação à educação do filho); ‘ataques’ à justiça; discursos racistas e estereotipados; e também pela defesa das minorias étnicas.

#### **4.2.3.2. Caso Futebolístico**

A peça 1 de novembro de 2011 do Público denominada ‘Alan acusa Javi Garcia de racismo: “Chamou-me preto de merda”’ (ver Anexo 3) e a peça 5 de novembro do Correio da Manhã designada ‘Alan: “Javi García chamou-me preto de merda”’ (ver Anexo 2) retrata uma acusação de racismo de um jogador do Sporting Clube de Braga a um jogador do Sport Lisboa e Benfica. A peça foca ainda outras questões relativas a um jogo entre as duas equipas.

Os assuntos relacionados com o futebol normalmente são muito comentados pela sociedade em geral devido à predileção portuguesa pelo desporto, além disso ambas as equipas encontram-se nos primeiros lugares da ‘Liga Zon Sagres’ (à data da análise).

Um outro fator que pode ter originado o elevado número de comentários é o facto de os jogadores envolvidos serem titulares. Além disso, a discriminação étnica e racial também desenvolve discussões, ainda para mais quando estão em causa duas celebridades futebolísticas.

Os comentários a esta peça usam na sua maioria uma linguagem informal (79%) e a maior parte deles não contribui para o debate público (71%).

Relativamente à argumentação denotam-se: ataques clubísticos; acusações e insultos a ambos aos jogadores; e outros assuntos futebolísticos.

A discriminação racial e étnica também está presente nos comentários dos jornais em estudo, bem como o preconceito, as ofensas entre utilizadores, e as rivalidades Norte-Sul (no Público). Porém alguns comentários defendem a igualdade e repudiam o racismo.

Posto isto, os comentários a esta peça acabam por não acrescentar muito ao debate público e ao exercício da cidadania devido à sua linguagem, ao desvio do assunto, à discriminação e às ofensas entre utilizadores.

#### **4.2.3.3. Caso da etnia cigana**

Este caso representa a peça 12 de novembro do Correio da Manhã, ‘Ciganos vítimas de discriminação laboral’ (ver Anexo 2).

A peça representa um tema polémico visto que envolta da etnia cigana não há consenso de opiniões.

A maioria dos comentários possui um linguagem informal (70%) e não contribui para o debate público (72%), na medida em que: a discriminação está presente em muitos dos comentários; alguns comentários referem que a etnia não se quer incluir; outros falam na isenção de impostos e dos apoios do estado que a minoria recebe; e alguns ainda relatam experiências pessoais com a etnia, que muitas das vezes são referidas como negativas. Contudo, verificam-se alguns comentários que valorizam a etnia, apesar de alguns terem votos negativos.

Os comentários a esta peça jornalística não contribuem para um debate público fundamentado apresentando falta de conhecimento, falta de soluções e falta de levantamento de questões pertinentes.

### **4.3. Outros formatos de participação dos utilizadores**

A participação vai muito além dos comentários portanto decidimos incluir na nossa investigação outros formatos de participação.

Assim, resolvemos dividir a tabela de participação (ver tabela 6, Anexo 1) em quatro categorias:

- Blogues: que corresponde ao número de partilhas nos blogues dos cidadãos;
- Participação no Site: onde quantificámos o número de partilhas no Facebook, o número de ‘tweets’ e o número de ‘gostos’ no Facebook;
- Participação no Facebook: que se subdivide no número de ‘gostos’ e no número de partilhas no Facebook;
- Votos nos artigos: que diz respeito ao número de votos nas peças jornalísticas selecionadas.

Apesar de pretendermos verificar a contribuição dos utilizadores para a promoção do debate público, a participação e a interação dos mesmos demonstram interesse e auxilia os jornalistas a perceber a opinião dos utilizadores sobre os temas e sobre as peças jornalísticas.

Relativamente aos blogues, poucos foram os utilizadores que partilharam as peças jornalísticas em análise nos seus blogues (ver tabela 6, Anexo 1). Contudo, não podemos afirmar que não houveram mais partilhas além das contabilizadas, visto que: o Correio da Manhã não dispõe da ferramenta de partilha nos blogues; os utilizadores podem partilhar a peça através do link ou copiá-la sem recorrer à ferramenta disponível no Público.

A participação no site foi superior no Correio da Manhã, no entanto a participação no Facebook foi mais elevada no Público (ver tabela 6, Anexo 1). Estes valores podem explicados com os seguintes argumentos: o Correio da Manhã teve mais peças com comentários do que o Público; as peças com comentários na página do Facebook do Público têm mais comentários e tratam temas mediáticos.

Face ao número de peças jornalísticas e ao número de comentários podemos dizer que a participação só foi elevada no número de ‘gostos’ e no Facebook, o que se pode explicar com as seguintes razões: primeira, por um ‘gosto’ é apenas clicar; segunda, há uma preferência dos utilizadores pelas redes sociais; e a terceira está relacionada com o facto o Facebook ter utilizadores que recebem no seu mural as atualizações do Correio da Manhã, podendo clicar ‘gosto’ e ‘partilhar’ essa informação.

#### **4.4. Observações finais dos resultados obtidos**

Wilson et al. (2003) menciona que a representação as minorias étnicas foge para o incomum, daí o tema com mais destaque ter sido os crimes.

As fontes de informação mais utilizadas foram os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras e as fontes policiais.

Tal como referimos anteriormente, os membros das minorias étnicas continuam sem assumir um papel preponderante como fontes de informação, uma vez que só registámos um membro de uma minoria étnica como fonte quer nas peças sem comentários como nas peças com comentários (ver em Anexo 1, tabela 4 e tabela 5).

Na generalidade a maioria das peças jornalísticas são notícias, e se por um lado nas peças sem comentários a maioria é de âmbito local, por outro lado nas peças com comentários a maior parte é de âmbito nacional.

Importa ainda mencionar que das peças jornalísticas analisadas apenas três retratam temas positivos.

No que respeita aos comentários, aferimos que no Facebook a interatividade é maior, há mais trocas de ideias entre utilizadores, e a linguagem tende a ser mais informal.

A maioria dos comentários refere-se ao tema discriminação racial e étnica, o que ilustra a extensão desta problemática.

Na globalidade, a linguagem dos comentários recolhidos é informal, quer nos sites dos jornais em análise como nas páginas do Facebook.

Apesar de a maioria dos comentários nos sites não serem identificados, no Facebook há uma tendência para a identificação, o que não significa que não haja uma distorção/personalização dos dados.

Ao contrário da totalidade dos comentários feitos nos sites, a maior parte dos comentários do Facebook não contribuiu para o debate público.

Singer (2011b) referencia que apesar das proibições, que os jornalistas colocam aos utilizadores, de postar conteúdos racistas, sexistas e outros conteúdos eticamente problemáticos, continuam a ter dificuldade em tomar decisões acerca desses mesmos conteúdos. Pois, na nossa investigação há uma tendência clara para a discriminação das minorias étnicas que se manifesta através de comentários racistas, preconceituosos e estereotipados.

Em suma, a interatividade entre os utilizadores é uma potencialidade explorada pelos órgãos de comunicação social em análise, contudo ainda não é preponderante para os utilizadores. Ou seja, os media em análise disponibilizam ferramentas para que os utilizadores possam debater e formar uma opinião pública, no entanto nem sempre há um uso apropriado dessas ferramentas.

## **CONCLUSÃO**

Nesta investigação aprofundámos conhecimentos acerca da promoção do debate público que os media devem proporcionar aos cidadãos. Desenvolvemos teórica e empiricamente conhecimentos sobre as minorias étnicas e a sua representação nos media. Estudámos o novo conceito de utilizador e as formas de participação quer no enquadramento teórico como na fase empírica do trabalho.

Como já referido, esta dissertação conjuga a representação das minorias étnicas nos media e a participação nos media sociais.

Para isso, o conceito de minoria étnica foi fundamental no nosso trabalho e corresponde a um grupo pouco numeroso relativamente à maioria (Wilson et. al., 2003). Apresentando-se com as características que Smith (*in* Carvalho, 2007) determinou: nome próprio coletivo; mito de linguagem comum; memórias históricas partilhadas; elementos diferenciadores de cultura comum; associação a uma terra natal; e um sentido de solidariedade em sectores significativos da população.

O racismo e as ideologias são especialmente produzidos através do discurso, quer por notícias, histórias do quotidiano quer por discussões específicas (Dijk, 2000a). De referir ainda que tendencialmente selecionamos informações positivas sobre ‘nós’ e negativas sobre os ‘outros’ (Dijk, 2000a).

A revisão da literatura permitiu constatar dois aspetos principais que explicam a sub-representação das minorias étnicas nos media, designadamente: a cobertura das minorias étnicas está inclinada para temas negativos, visto que os media procuram o irregular, o bizarro e o incomum (Wilson et. al., 2003); e a falta de credibilidade que estes grupos têm como fontes de informação (Dijk, 2000b).

A segunda linha literária principal da nossa investigação é a participação dos utilizadores nos media sociais.

O avanço das tecnologias da comunicação e da informação possibilita um maior acesso e uma maior propagação da informação, o que levou ao aparecimento de novas vozes nos media (Herminda, 2011).

Assim, um outro conceito com presença relevante no nosso trabalho é o de jornalismo participativo, aqui assumido como a participação ativa dos cidadãos “no processo de recolha,

análise, produção e distribuição de notícias e informações.” (Bowman & Willis *in* Rodrigues, 2006: 64).

Este novo paradigma do jornalismo tornou os cidadãos potenciais criadores (Gillmor, 2010), tornou-os ‘prosumers’ (Kovach & Rosenstiel, 2004).

Contudo, a literatura aponta para a pouca abertura dos jornalistas às histórias dos cidadãos (Hermida, 2011a), apesar de indicar um reconhecimento do valor dos utilizadores como fontes (Hermida, 2011a).

Os novos media vieram assim alargar os espaços de participação dos cidadãos (Rodrigues, 2006). Além disso, o ciberespaço pode desenvolver mais a democracia visto que é menos controlado e menos hierarquizado (Rodrigues, 2010).

Reafirmamos que o objetivo primordial do presente trabalho consistia em perceber se os media sociais são proporcionadores e impulsionadores de discussão pública sobre temas relacionados com as minorias étnicas.

Com vista a concretizar esse objetivo orientamo-nos em quatro pressupostos, a saber: os media promovem o debate público; os media portugueses contém ferramentas de participação; existem peças jornalísticas sobre as minorias étnicas nos media, com frequência; as redes sociais são um meio com muitas potencialidades de interação.

Assim, seguidamente passamos a avaliar as hipóteses decorrentes dos pressupostos enunciados.

No que diz respeito à primeira hipótese, esta referia que os media sociais promovem o debate público sobre as minorias étnicas. A análise dos dados permitiu verificar que os media sociais promovem a discussão pública sobre as minorias étnicas, contudo os cidadãos ainda não veem estes espaços como uma ‘ágora’ que os permite democratizar a opinião pública e construir a cidadania.

Esta afirmação justifica-se com os seguintes factos: a maior parte das peças jornalísticas recolhidas aborda aspetos negativos, o que tem efeitos negativos nas ‘mentes’ dos recetores (Dijk, 2000b), e consequentemente pode levar os utilizadores a não contribuírem; e a discriminação racial e étnica está presente nos comentários.

Além disso, os media sociais deparam-se com dois problemas éticos principais: o desconhecimento da informação e a natureza abusiva dos conteúdos (Singer, 2011b), o que nos faz acreditar de este novo paradigma ainda tem um longo caminho a percorrer.

Por outro lado, os comentários analisados expressam opiniões e sugestões dos utilizadores decidindo/julgando a conduta do envolvido no acontecimento. Logo, a expansão

da participação cívica na internet aumentou as expectativas dos cidadãos face ao seu eventual poder de decisão (Dahlgren, 2011).

A segunda hipótese ‘Os utilizadores do Público e o Correio da Manhã fazem comentários nas peças jornalísticas sobre as minorias étnicas.’ foi aferida ao longo da recolha de dados, tendo nós observado que há diversos comentários feitos nos sites dos jornais em análise sobre as minorias étnicas. O que vem confirmar o ‘instinto do conhecimento’ de que Kovach & Rosenstiel (2004) falavam, pois os utilizadores têm a necessidade de querer saber mais, de ir mais além das suas experiências diretas, de dar a sua opinião.

Como mencionado na parte teórica da dissertação existem diversas ferramentas de participação nos media. De modo que, a terceira hipótese refere-se a permissão da participação dos utilizadores de diversas formas pelos jornais em análise.

Tal como vimos na análise dos resultados, o Correio da Manhã e o Público permitem a participação dos utilizadores através de vários formatos de participação, como os comentários, os votos, as partilhas e gostos nas redes sociais, e as sondagens.

A quarta hipótese, ‘O Público e o Correio da Manhã noticiam temas relacionados com as minorias étnicas frequentemente’, também foi averiguada na recolha dos dados. Vindo a nossa investigação confirmar a ideia de Dijk (2000b) sobre o enquadramento das peças jornalísticas sobre as minorias étnicas, denotando-se uma tendência para focar a imigração ilegal, a discriminação e os crimes.

Por último, a hipótese 5 corresponde à suposição de que os utilizadores dos jornais em análise comentam mais nas redes sociais do que nos sites. De facto, a nossa investigação confirma que há mais comentários nas redes sociais, número que possivelmente aumentaria caso os jornais publicassem todas as peças sobre minorias étnicas no Facebook e caso estudássemos outras redes sociais.

No decurso da nossa investigação efetuámos três níveis de estudos centrados na promoção do debate público sobre temas relacionados com as minorias étnicas, que passamos a relembrar: o primeiro consiste na análise das peças sobre as minorias étnicas em primeiro plano; o segundo na análise dos comentários efetuados às peças sobre minorias étnicas no site e na página do Facebook dos jornais em análise; e o terceiro no estudo de alguns formatos de participação.

Concluímos assim que as minorias étnicas são sub-representadas nos media, visto que: verificámos um défice de discursos alternativos, com uma cobertura mediática que aposta nos temas negativos, geralmente na imigração ilegal, na discriminação e nos crimes; e denotámos que as minorias étnicas não são consideradas fontes de informação credíveis.

O jornalismo está sempre condicionado às inovações tecnológicas, logo não surpreende que se verifiquem variadas opiniões sobre aquilo que são os media sociais e sobre a promoção do debate público nos mesmos.

O debate público enquanto objetivo/dever central do jornalismo deve ser promovido em todos os media. O debate pode-se assim considerar o propósito final da informação.

Logo, objetivo dessa participação devia ser oferecer a informação independente, fidedigna, variada, precisa e relevante que uma democracia requer, tal como Bowman & Willis (*in* Rodrigues, 2006) defendem. Contudo, a ideia dos autores acaba por ser utópica, pois além de não pudermos avaliar a fidelidade e a independência dos conteúdos gerados pelos utilizadores, essa informação não consegue ser na totalidade aquilo que uma democracia requer.

Atualmente, a opinião pública no ciberespaço está longe de ser massificada, devido aos diferentes nichos de utilizadores. No entanto, perante os resultados alcançados podemos salientar que a diferença entre os utilizadores do jornal popular e do jornal de referência acaba por não ser significativa.

Importa aqui levantar novamente a questão de Rieffel (*in* Rodrigues, 2006: 16) “(...) será [os media] que favorecem a consolidação de um espaço público onde os cidadãos trocam argumentos racionais com vista ao bem comum, ou provocam, como sugere Habermas, uma diluição dos ideais democráticos?”. Através das conclusões da nossa investigação podemos apenas afirmar que os media fornecem um espaço para os cidadãos trocarem argumentos racionais, porém muitas das vezes há uma diluição dos ideais democráticos com opiniões estereotipadas, preconceituosas, insultuosas, discriminatórias e inapropriadas.

Não se averiguando assim a ideia de Bollinger (*in* Kovach & Rosenstiel, 2004) que defende que quanto mais variadas forem as vozes, maior é a probabilidade do povo ser capaz de se autogovernar.

Assim, tal como Cádima (2009: 85) esperamos que esta nova cultura participativa contribua “(...) para uma nova experiência da cidadania, da participação cívica e política no contexto dos novos media, das redes sociais e, também, no plano da e-democracia.”.

Apesar de verificarmos todas as hipóteses formuladas, um trabalho desta envergadura não deixa de ter limitações e pontos que podiam ser mais explorados.

Uma das limitações desta dissertação encontra-se nas desvantagens inerentes à análise de conteúdo (Herscovitz, 2007), uma vez que foi o tipo de metodologia empírica utilizada, isto é: o tempo e a dedicação exigida; a limitação às informações previamente registadas pelos



media, não se podendo analisar o que está ausente; a sujeição à produção de interpretações erróneas e simplistas.

Uma das formas de ultrapassar estas limitações é a associação da análise de conteúdo a outros métodos como por exemplo a entrevista pessoal e o inquérito por questionário, o que pode ser desenvolvido em futuros trabalhos sobre esta temática.

Propomos ainda para futuras investigações a análise da contribuição dos utilizadores para a construção de uma opinião pública fundamentada sobre outras temáticas sociais, percebendo a opinião dos profissionais sobre este novo paradigma comunicacional, bem como a expansão da pesquisa a outros meios de comunicação social.

Esperamos que o presente trabalho possa ser considerado com um contributo positivo no âmbito do jornalismo participativo, atribuindo mais conhecimento a um paradigma comunicacional em constante mudança.

## **BIBLIOGRAFIA**

Álvarez, R.; Rodriguez, E. & Talavera, M. (2010) Facebook: una nueva narrativa informativa. In *XI Congreso de Periodismo Digital de Huesca, España*, vol. 6. (pp. 424-435). Acedido em 10 de Janeiro de 2012 em <http://undecimo.congresoperiodismo.com/pdf/libro.pdf>

Amaral, I. (2005). A interactividade na esfera do ciberjornalismo. *Livros de Actas* (pp. 135-145). 4º SOPCOM.

Barbalho, A. (2005). Cidadania, Minorias e Mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In Paiva, R. & Barbalho, A. (orgs.), *Comunicação e cultura das minorias* (pp. 27-40). São Paulo, Brasil: Paulus.

Berghe, P. (1996). Minorities. In Cashmore, E. (org.), *Dictionary of Race and Ethnic Relations* (pp. 242-244). 4ªed. Nova Iorque: Routledge Books.

Cabecinhas, R. (2002). Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século* (pp. 407-418). Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Vega.

Cabecinhas, R. & Amâncio, L. (2004). Dominação e exclusão: Representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. *Actas do V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção* (pp. 139-146).

Cádima, F. R. (2009). O campo dos media, a experiência democrática e a cultura participativa. In *Domesticações na era dos self media*. (pp. 83-98). Revista Media & Jornalismo, nº 16, volume 9, nº1.

Carvalho, M. (2007). *A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa. Uma análise comparativa de dois jornais diários*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Cashmore, E. (1996) Ethnicity. In Cashmore, E. (org.), *Dictionary of Race and Ethnic Relations* (pp. 119-124). 4ªed. Nova Iorque: Routledge Books.

Cardoso, G. & Lamy, C. (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. In *JANUS.NET e-journal of International Relations* (pp. 73-96)., Vol. 2, N.º 1, Primavera 2011. Acedido em 6 de Dezembro de 2011 em [observare.ual.pt/janus.net/pt\\_vol2\\_n1\\_art6](http://observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6).

\_\_\_\_\_ (1993) Código Deontológico dos Jornalistas de 1993.

Dahlgren, P. (2011) As culturas cívicas e a internet: para uma contextualização da participação política. In *Media & Jornalismo - Digital Divides/Fracturas Digitais* (pp. 11-30), nº 18, vol. 10. Acedido em 25 de Março de 2012 em: [http://www.cimj.org/images/stories/docs\\_cimj/18artigo-1.pdf](http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/18artigo-1.pdf)

Dijk, T. (1987). *Communicating racism: Ethnic prejudice in thought and talk*. Newbury Park, CA: Sage Publications, Inc.

Dijk, T. (1995). Elite Discourse and the reproduction of racism (pp. 1-27). In Slayden, R. & Slayden, D. (Eds.) *Hate Speech*. Newbury Park: Sage.

Dijk, T. (2000a). 5 Ideologies, Racism, Discourse: Debates on Immigration and Ethnic Issues, In Wal, J. & Verkuyten, M. (Eds.), *Comparative perspectives on racism*. (pp. 91-116). Aldershot etc.: Ashgate.

Dijk, T. (2000b). New(s) Racism: A discourse analytical approach. In Cottle, S. (Ed.), *Ethnic minorities and the media*. (pp. 33-49). Buckingham, UK & Philadelphia, USA: Open University Press.

Dijk, T. (2005). *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Famalicão: Campo das Letras.

Domingo, D. (2011). Managing Audience Participation: Practices, workflows and strategies. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 76-95). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Esteves, J. P. (2010). Novos Media e Deliberação: sobre redes, tecnologia, informação e comunicação. In *IC - Revista Científica de Información y Comunicación* (pp. 171-191), nº 7.

Fenton, N. (2010). Drowning or Waving? New Media, Journalism and Democracy. In Fenton, N. et. al., *New Media, Old News: Journalism & Democracy in the Digital Age*. (pp. 3-16). Londres. Publicações SAGE.

Ferin, I. et. al. (2008). *Media, imigração e minorias étnicas 2005-2006*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Fidalgo, A. (2009) Especificidade epistemológica do jornalismo: desfazendo uma ilusão do jornalismo-cidadão. In Cardoso, G.; Cádima, F. R. & Cardoso, L. L., *Media, Redes e Comunicação: Futuros Presentes*. (pp. 219-229). Quimera.

Francisco, K. C. (2010) O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais? In *PRISMA – Especial Ciberjornalismo2010*, nº12. Acedido em 20 de Dezembro de 2011 em <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/754/681>

Freire, F. C.; Cepeda, A. M. & Santiago, L. O. (2010) Tudo Redes sociales y personales vs medios convencionales. Diferencias en el tratamiento informativo. In *PRISMA – Especial Ciberjornalismo2010*, nº12. Acedido em 20 de Dezembro de 2011 em <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/749/676>

Gillmor, D. (2010) *Mediative*. Acedido em 4 de Novembro de 2011 em <http://mediactive.com/book/table-of-contents-2/>

Gillmor, D. (2004) *We the Media: Grassroots Journalism By the People, for the People*. O'Reilly Media, Inc. Estados Unidos da América.

Heinonen, A. (2011). The Journalist's Relationship with Users: New dimensions to conventional roles. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 34-55). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Hermida, A. (2011a). Mechanisms of Participation: How audience options shape the conversation. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 13-33). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Hermida, A. (2011b). Fluid Spaces, Fluid Journalism: The role of the “active recipient” in participatory journalism. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 177-191). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Herscovitz, H. (2007). Análise de conteúdo em jornalismo. In Lago, C. & Benetti, M. (Org.) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. (pp. 123-142).

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo – O que os profissionais devem saber e o que o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.

Primo, A. (2011). Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. In *Intexto*, (pp. 130-146). v. 02, nº 25, Porto Alegre. Acedido em 12 de Dezembro de 2011 em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/24309/14486>

Primo, A. & Trasel, M. (2006) Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In *Contracampo* (UFF). (pp.37-56). vol. 14.

Quandt, T. (2011). Understanding a New Phenomenon: The significance of participatory. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 155-176). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações, Lda..

Recuero, R. (2009) *Redes sociais na internet*. Meridional, Coleção Cibercultura. Porto Alegre.

Reich, Z. (2011). User Comments: The transformation of participatory space. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 96-117). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Rodrigues, C. (2006). *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Universidade da Beira Interior. Labcom.

Rodrigues, R. (2010) *Ciberespaços Públicos: As Novas Ágoras de Discussão*. Acedido a 28 de Abril de 2012 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cibrespacos-rodrigues.pdf>

Silva, M. T. (2004) A Cimeira de Copenhaga e os comentários dos leitores às notícias da TSF. In *Media & Jornalismo*, nº 4, pp. 59-72.

Singer, J. (2011a). Introduction: Sharing the Road. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 1-9). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Singer, J. (2011b). Taking Responsibility: Legal and ethical issues in participatory journalism. In Singer, J. et al., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers*. (pp. 121-138). Inglaterra. Wiley-Blackwell.

Sodré, M. (2005). Por um conceito de minoria. In Paiva, R. & Barbalho, A. (orgs.), *Comunicação e cultura das minorias*. (pp. 11-14). São Paulo, Brasil: Paulus.

Sá, A. (2004). Luanda literária a várias cores. O tema do racismo em Luandino Vieira e Uanhenga Xitu. In Gonçalves, A. (coord.), *O Racismo, Ontem e Hoje* (pp. 127-138). Actas do VI Colóquio Internacional - Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana. 6-7 de Maio 2004. Porto: Universidade do Porto.

Torres, A. (2004). Racismo, islamismo político e modernidade. In Gonçalves, A. (coord.), *O Racismo, Ontem e Hoje*. (pp. 23-39). Actas do VI Colóquio Internacional - Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana. 6-7 de Maio 2004. Porto: Universidade do Porto.

Viegas & Pereira (2006). A Cor da Comunicação. In *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Intercom. Acedido em 2 de Abril de 2012 em <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1214/959>

Wilson, C., Gutiérrez, F. & Chao, L. (2003). *Racism, sexism, and the media – the rise of class communication in multicultural America* (3ª ed.). Estados Unidos da América: Sage Publications.

Zhang, Y. (2005). *Stereotypes of and discrimination against racial/ethnic minorities: can media exposure help change people's racial/ethnic prejudice for the better or for the worse?* Dissertação de mestrado. Washington State University, Washington.

# ANEXOS

## **Índice de Anexos**

Anexo 1: Tabelas utilizadas para organizar os dados quantitativos

Anexo 2: Peças jornalísticas do correio da manhã

Anexo 3: Peças jornalísticas do público



## Anexo 1: Tabelas utilizadas para organizar os dados quantitativos

O Anexo 1 constitui as tabelas utilizadas para organizar os dados recolhidos, quer para a análise das peças jornalísticas quer para a análise dos comentários.

**Tabela 4: Peças Jornalísticas sem comentários**

|                                |                               | Público  |            |          |            |          |            |          |          |           |            | Correio da Manhã |            |          |            |          |            |          |            |           |            | Total     |
|--------------------------------|-------------------------------|----------|------------|----------|------------|----------|------------|----------|----------|-----------|------------|------------------|------------|----------|------------|----------|------------|----------|------------|-----------|------------|-----------|
|                                |                               | Nov.     | %          | Dez.     | %          | Jan.     | %          | Fev.     | %        | Tot.      | %          | Nov.             | %          | Dez.     | %          | Jan.     | %          | Fev.     | %          | Tot.      | %          |           |
| Temas                          | Políticos                     | 0        | 0          | 1        | 25         | 0        | 0          | 0        | 0        | 1         | 8          | 0                | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 1        | 20         | 1         | 5          | 2         |
|                                | Discriminação étnica e racial | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 2        | 33         | 2        | 25         | 0        | 0          | 4         | 19         | 4         |
|                                | Imigração Ilegal              | 1        | 33         | 0        | 0          | 2        | 40         | 0        | 0        | 3         | 25         | 1                | 50         | 0        | 0          | 2        | 25         | 3        | 60         | 6         | 29         | 9         |
|                                | Crimes                        | 2        | 67         | 1        | 25         | 3        | 60         | 0        | 0        | 6         | 50         | 1                | 50         | 1        | 17         | 3        | 38         | 1        | 20         | 6         | 29         | 12        |
|                                | Outros Temas                  | 0        | 0          | 2        | 50         | 0        | 0          | 0        | 0        | 2         | 17         | 0                | 0          | 3        | 50         | 1        | 13         | 0        | 0          | 4         | 19         | 6         |
|                                | <b>Total</b>                  | <b>3</b> | <b>100</b> | <b>4</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>12</b> | <b>100</b> | <b>2</b>         | <b>100</b> | <b>6</b> | <b>100</b> | <b>8</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>21</b> | <b>100</b> | <b>33</b> |
| Fontes de Informação           | Membros das minorias          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         |
|                                | Fontes Políticas              | 1        | 25         | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 1         | 7          | 0                | 0          | 1        |            | 0        | 0          | 1        | 17         | 2         | 9          | 3         |
|                                | SEF                           | 0        | 0          | 0        | 0          | 3        | 60         | 0        | 0        | 3         | 21         | 2                | 100        | 1        |            | 2        | 25         | 4        | 67         | 9         | 39         | 12        |
|                                | Fontes Policiais              | 2        | 50         | 1        | 20         | 2        | 40         | 0        | 0        | 5         | 36         | 0                | 0          | 0        | 0          | 2        | 25         | 0        | 0          | 2         | 9          | 7         |
|                                | Fontes                        | 1        | 25         | 1        | 20         | 0        | 0          | 0        | 0        | 2         | 14         | 0                | 0          | 1        |            | 0        | 0          | 0        | 0          | 1         | 4          | 3         |
|                                | Associações/ Instituições     | 0        | 0          | 1        | 20         | 0        | 0          | 0        | 0        | 1         | 7          | 0                | 0          | 1        |            | 2        | 25         | 0        | 0          | 3         | 13         | 4         |
|                                | Cidadãos comuns               | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 2        |            | 0        | 0          | 0        | 0          | 2         | 9          | 2         |
|                                | Especialistas                 | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 1        |            | 0        | 0          | 0        | 0          | 1         | 4          | 1         |
|                                | Outras                        | 0        | 0          | 2        | 40         | 0        | 0          | 0        | 0        | 2         | 14         | 0                | 0          | 0        | 0          | 2        | 25         | 1        | 17         | 3         | 13         | 5         |
|                                | <b>Total</b>                  | <b>4</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>14</b> | <b>100</b> | <b>2</b>         | <b>100</b> | <b>7</b> | <b>100</b> | <b>8</b> | <b>100</b> | <b>6</b> | <b>100</b> | <b>23</b> | <b>100</b> | <b>37</b> |
| Género                         | Notícias                      | 3        | 100        | 4        | 100        | 5        | 100        | 0        | 0        | 12        | 100        | 2                | 100        | 4        | 67         | 4        | 50         | 4        | 80         | 14        | 67         | 26        |
|                                | Breves                        | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 2        | 33         | 4        | 50         | 1        | 20         | 7         | 33         | 7         |
|                                | Reportagens                   | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0        | 0         | 0          | 0                | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         |
|                                | <b>Total</b>                  | <b>3</b> | <b>100</b> | <b>4</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>12</b> | <b>100</b> | <b>2</b>         | <b>100</b> | <b>6</b> | <b>100</b> | <b>8</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>21</b> | <b>100</b> | <b>33</b> |
| Âmbito                         | Local                         | 0        | 0          | 1        | 25         | 3        | 60         | 0        | 0        | 4         | 33         | 1                | 50         | 2        | 33         | 5        | 62         | 4        | 80         | 12        | 57         | 16        |
|                                | Nacional                      | 2        | 67         | 1        | 25         | 2        | 40         | 0        | 0        | 5         | 42         | 1                | 50         | 2        | 33         | 1        | 13         | 1        | 20         | 5         | 24         | 10        |
|                                | Internacional                 | 1        | 33         | 2        | 50         | 0        | 0          | 0        | 0        | 3         | 25         | 0                | 0          | 2        | 33         | 2        | 25         | 0        | 0          | 4         | 19         | 7         |
|                                | <b>Total</b>                  | <b>3</b> | <b>100</b> | <b>4</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>0</b> | <b>0</b> | <b>12</b> | <b>100</b> | <b>2</b>         | <b>100</b> | <b>6</b> | <b>100</b> | <b>8</b> | <b>100</b> | <b>5</b> | <b>100</b> | <b>21</b> | <b>100</b> | <b>33</b> |
| Total de peças sem comentários |                               | 3        | 25         | 4        | 33         | 5        | 42         | 0        | 0        | 12        | 100        | 2                | 10         | 6        | 29         | 8        | 38         | 5        | 24         | 21        | 100        | 33        |

Tabela 5: Peças Jornalísticas com comentários

|                                |  | Público    |            |            |            |           |            |          |            |            |            | Correio da Manhã |            |          |            |           |            |           |            |            |            | Total      | %          |
|--------------------------------|--|------------|------------|------------|------------|-----------|------------|----------|------------|------------|------------|------------------|------------|----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|
|                                |  | Nov.       | %          | Dez.       | %          | Jan.      | %          | Fev.     | %          | Tot.       | %          | Nov.             | %          | Dez.     | %          | Jan.      | %          | Fev.      | %          | Tot.       | %          |            |            |
| Temas                          | Políticos  | 0          | 0          | 0          | 0          | 1         | 50         | 0        | 0          | 1          | 11         | 0                | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         | 0          | 0          | 0          | 1          | 2          |
|                                | Discriminação étnica e racial                        | 2          | 67         | 2          | 67         | 0         | 0          | 1        | 100        | 5          | 56         | 3                | 17         | 0        | 0          | 0         | 0          | 3         | 30         | 6          | 16         | 11         | 23         |
|                                | Imigração Ilegal                                     | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 2                | 11         | 0        | 0          | 4         | 50         | 0         | 0          | 6          | 16         | 6          | 13         |
|                                | Crimes   | 0          | 0          | 1          | 33         | 1         | 50         | 0        | 0          | 2          | 22         | 8                | 44         | 2        | 100        | 3         | 38         | 6         | 60         | 19         | 50         | 21         | 45         |
|                                | Outros Temas   | 1          | 33         | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 1          | 11         | 5                | 28         | 0        | 0          | 1         | 13         | 1         | 10         | 7          | 18         | 8          | 17         |
|                                | <b>Total</b>   | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>2</b>  | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>9</b>   | <b>100</b> | <b>18</b>        | <b>100</b> | <b>2</b> | <b>100</b> | <b>8</b>  | <b>100</b> | <b>10</b> | <b>100</b> | <b>38</b>  | <b>100</b> | <b>47</b>  | <b>100</b> |
| Fontes de Informação           | Membros das minorias                                 | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 1                | 4          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         | 0          | 1          | 2          | 1          | 2          |
|                                | Fontes Políticas                                     | 0          | 0          | 0          | 0          | 2         | 50         | 0        | 0          | 2          | 13         | 1                | 4          | 0        | 0          | 0         | 0          | 2         | 15         | 3          | 7          | 5          | 8          |
|                                | SEF  | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 6                | 26         | 0        | 0          | 3         | 38         | 4         | 31         | 13         | 28         | 13         | 21         |
|                                | Fontes Policiais                                     | 0          | 0          | 1          | 33         | 0         | 0          | 0        | 0          | 1          | 7          | 3                | 13         | 2        | 100        | 4         | 50         | 2         | 15         | 11         | 24         | 12         | 20         |
|                                | Fontes Judiciais                                     | 0          | 0          | 1          | 33         | 0         | 0          | 0        | 0          | 1          | 7          | 0                | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 2         | 15         | 2          | 4          | 3          | 5          |
|                                | Associações/ Instituições                            | 4          | 57         | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 4          | 27         | 3                | 13         | 0        | 0          | 0         | 0          | 1         | 8          | 4          | 9          | 8          | 13         |
|                                | Cidadãos comuns                                      | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 3                | 13         | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         | 0          | 3          | 7          | 3          | 5          |
|                                | Especialistas  | 1          | 14         | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 1          | 7          | 0                | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         | 0          | 0          | 0          | 1          | 2          |
|                                | Outras   | 2          | 29         | 1          | 33         | 2         | 50         | 1        | 100        | 6          | 40         | 6                | 26         | 0        | 0          | 1         | 13         | 2         | 15         | 9          | 20         | 15         | 25         |
|                                | <b>Total</b>   | <b>7</b>   | <b>100</b> | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>4</b>  | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>15</b>  | <b>100</b> | <b>23</b>        | <b>100</b> | <b>2</b> | <b>100</b> | <b>8</b>  | <b>100</b> | <b>13</b> | <b>100</b> | <b>46</b>  | <b>100</b> | <b>61</b>  | <b>100</b> |
| Género                         | Notícias   | 3          | 100        | 3          | 100        | 1         | 50         | 0        | 0          | 7          | 78         | 17               | 94         | 1        | 50         | 7         | 88         | 7         | 70         | 32         | 84         | 39         | 83         |
|                                | Breves   | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 1        | 100        | 1          | 11         | 1                | 5          | 1        | 50         | 1         | 13         | 3         | 30         | 6          | 16         | 7          | 15         |
|                                | Reportagens  | 0          | 0          | 0          | 0          | 1         | 50         | 0        | 0          | 1          | 11         | 0                | 0          | 0        | 0          | 0         | 0          | 0         | 0          | 0          | 0          | 1          | 2          |
|                                | <b>Total</b>   | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>2</b>  | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>9</b>   | <b>100</b> | <b>18</b>        | <b>100</b> | <b>2</b> | <b>100</b> | <b>8</b>  | <b>100</b> | <b>10</b> | <b>100</b> | <b>38</b>  | <b>100</b> | <b>47</b>  | <b>100</b> |
| Âmbito                         | Local  | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 7                | 39         | 1        | 50         | 5         | 63         | 2         | 20         | 15         | 39         | 15         | 32         |
|                                | Nacional   | 3          | 100        | 1          | 33         | 0         | 0          | 0        | 0          | 4          | 44         | 8                | 44         | 1        | 50         | 2         | 25         | 5         | 50         | 16         | 42         | 20         | 43         |
|                                | Internacional  | 0          | 0          | 2          | 67         | 2         | 100        | 1        | 100        | 5          | 56         | 3                | 17         | 0        | 0          | 1         | 13         | 3         | 30         | 7          | 18         | 12         | 26         |
|                                | <b>Total</b>   | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>2</b>  | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>9</b>   | <b>100</b> | <b>18</b>        | <b>100</b> | <b>2</b> | <b>100</b> | <b>8</b>  | <b>100</b> | <b>10</b> | <b>100</b> | <b>38</b>  | <b>100</b> | <b>47</b>  | <b>100</b> |
| Total de Peças com comentários | Total de peças com comentários no site               | 2          | 67         | 2          | 67         | 2         | 100        | 1        | 100        | 7          | 78         | 14               | 77         | 2        | 100        | 6         | 75         | 9         | 90         | 31         | 82         | 38         | 81         |
|                                | Total de peças com comentários no Facebook           | 0          | 0          | 0          | 0          | 0         | 0          | 0        | 0          | 0          | 0          | 1                | 5          | 0        | 0          | 1         | 13         | 1         | 10         | 3          | 8          | 3          | 7          |
|                                | Total de peças com comentários no site e no Facebook | 1          | 33         | 1          | 33         | 0         | 0          | 0        | 0          | 2          | 22         | 3                | 17         | 0        | 0          | 1         | 13         | 0         | 0          | 4          | 11         | 6          | 13         |
|                                | <b>Total de Peças</b>                                | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>3</b>   | <b>100</b> | <b>2</b>  | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>9</b>   | <b>100</b> | <b>18</b>        | <b>100</b> | <b>2</b> | <b>100</b> | <b>8</b>  | <b>100</b> | <b>10</b> | <b>100</b> | <b>38</b>  | <b>100</b> | <b>47</b>  | <b>100</b> |
| Total de Comentários           | Total de Comentários no Site                         | 59         | 23         | 36         | 16         | 39        | 100        | 1        | 100        | 135        | 26         | 130              | 36         | 3        | 100        | 23        | 44         | 63        | 91         | 219        | 45         | 354        | 35         |
|                                | Total de Comentários no Facebook                     | 196        | 77         | 186        | 84         | 0         | 0          | 0        | 0          | 382        | 74         | 228              | 64         | 0        | 0          | 29        | 56         | 6         | 9          | 263        | 55         | 645        | 65         |
|                                | <b>Total de Comentários</b>                          | <b>255</b> | <b>100</b> | <b>222</b> | <b>100</b> | <b>39</b> | <b>100</b> | <b>1</b> | <b>100</b> | <b>517</b> | <b>100</b> | <b>358</b>       | <b>100</b> | <b>3</b> | <b>100</b> | <b>52</b> | <b>100</b> | <b>69</b> | <b>100</b> | <b>482</b> | <b>100</b> | <b>999</b> | <b>100</b> |

**Tabela 6: Participação nos sites e das páginas do Facebook em análise**

|                             |                                | Público                     |    |                                 |   |  |     |                  |     |      |     | Correio da Manhã            |    |                                 |   |  |    |                  |     |      |     |       |
|-----------------------------|--------------------------------|-----------------------------|----|---------------------------------|---|--|-----|------------------|-----|------|-----|-----------------------------|----|---------------------------------|---|--|----|------------------|-----|------|-----|-------|
|                             |                                | Peças c/<br>com. no<br>site | %  | Peças c/<br>com. no<br>Facebook | % | Peças c/<br>com. no site<br>e no<br>Facebook | %   | Peças<br>s/ com. | %   | Tot. | %   | Peças c/<br>com. no<br>site | %  | Peças c/<br>com. no<br>Facebook | % | Peças c/<br>com. no site<br>e no<br>Facebook | %  | Peças<br>s/ com. | %   | Tot. | %   | Total |
| Blogues                     | Nº de Partilhas                | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 2  | 100 | 0                | 100 | 2    | 100 | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 0  | 0  | 0                | 0   | 0    | 0   | 2     |
| Participação<br>no Site     | Nº de Partilhas<br>no Facebook | 40                          | 93 | 0                               | 0 | 0  | 0   | 3                | 7   | 43   | 100 | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 0  | 0  | 2                | 100 | 2    | 100 | 45    |
|                             | Nº de Tweets                   | 4                           | 67 | 0                               | 0 | 1  | 17  | 1                | 17  | 6    | 100 | 4                           | 50 | 0                               | 0 | 1  | 13 | 3                | 38  | 8    | 100 | 14    |
|                             | Nº de Gostos no<br>Facebook    | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 36   | 95  | 2                | 5   | 38   | 100 | 578                         | 52 | 0                               | 0 | 530  | 47 | 13               | 1   | 1121 | 100 | 1159  |
| Participação<br>no Facebook | Nº de Gostos                   | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 560  | 100 | 0                | 0   | 560  | 100 | 0                           | 0  | 16                              | 8 | 193  | 92 | 0                | 0   | 209  | 100 | 769   |
|                             | Nº de Partilhas                | 0                           | 0  | 0                               | 0 | 265  | 100 | 0                | 0   | 265  | 100 | 0                           | 0  | 4                               | 4 | 108  | 96 | 0                | 0   | 112  | 100 | 377   |
| Votos nos<br>artigos        | Nº de votos                    | 13                          | 50 | 0                               | 0 | 10   | 38  | 3                | 12  | 26   | 100 | 86                          | 54 | 5                               | 3 | 32   | 20 | 37               | 23  | 160  | 100 | 1146  |

**Tabela 7: Tipos de Linguagem**

|                              | Comentários no Site dos jornais |         |      |    |                     |         |      |    | Comentários nas Páginas do Facebook dos jornais |         |      |    |                     |         |      |    |
|------------------------------|---------------------------------|---------|------|----|---------------------|---------|------|----|---|---------|------|----|---------------------|---------|------|----|
|                              | Linguagem Formal                |         |      |    | Linguagem Informal  |         |      |    | Linguagem Formal                                |         |      |    | Linguagem Informal  |         |      |    |
|                              | Correio da<br>Manhã             | Público | Tot. | %  | Correio da<br>Manhã | Público | Tot. | %  | Correio da<br>Manhã                             | Público | Tot. | %  | Correio<br>da Manhã | Público | Tot. | %  |
| <b>Nº de<br/>Comentários</b> | 85                              | 74      | 159  | 45 | 134                 | 61      | 195  | 55 | 86  | 98      | 184  | 29 | 177                 | 284     | 461  | 71 |

**Tabela 8: Contribuição para o debate público**

|                             | Nº de Comentários |            |            |                    |            |            |
|-----------------------------|-------------------|------------|------------|--------------------|------------|------------|
|                             | Site              |            |            | Página do Facebook |            |            |
|                             | Não Contribui     | Contribui  | Total      | Não Contribui      | Contribui  | Total      |
| <b>Correio da<br/>Manhã</b> | 122               | 97         | 219        | 178                | 85         | 273        |
| <b>Público</b>              | 40                | 95         | 135        | 194                | 188        | 372        |
| <b>Total</b>                | <b>162</b>        | <b>192</b> | <b>354</b> | <b>382</b>         | <b>263</b> | <b>645</b> |
| <b>%</b>                    | 46                | 54         | 100        | 58                 | 42         | 100        |

**Tabela 9: Identificação dos Comentários**

|           |                               |             | Correio da Manhã | %   | Público | %   | Total | %   |
|-----------|-------------------------------|-------------|------------------|-----|---------|-----|-------|-----|
| Site      | Comentários não identificados | Anónimos    | 68               | 31  | 31      | 23  | 99    | 28  |
|           |                               | Pseudónimos | 56               | 26  | 35      | 26  | 91    | 26  |
|           | Comentários identificados     | Nomes       | 95               | 43  | 69      | 51  | 164   | 46  |
|           | Total                         |             | 219              | 100 | 135     | 100 | 354   | 100 |
| Face book | Comentários não identificados | Pseudónimos | 31               | 12  | 25      | 7   | 56    | 9   |
|           | Comentários identificados     | Nomes       | 232              | 88  | 357     | 93  | 589   | 91  |
|           | Total                         |             | 263              | 100 | 382     | 100 | 645   | 100 |

## **Anexo 2: Peças Jornalísticas do Correio da Manhã**

O Anexo 2 constitui algumas peças jornalísticas do Correio da Manhã com e sem comentários. . As peças jornalísticas e os comentários estão transcritos na íntegra e foram selecionados de acordo com os exemplos dados na parte empírica da dissertação.

- **Lista de peças jornalísticas de Novembro:**

Peça 1 de Novembro CM - “Espancam e roubam família estrangeira”

Peça 2 de Novembro CM - “Aveiro: comunidades ciganas mandam filhos à escola”

Peça 3 de Novembro CM - “Cidadão brasileiro morre ao cair da muralha em Óbidos”

Peça 4 de Novembro CM - “Estrangeiro ilegal mora em hospitais”

Peça 5 de Novembro CM - «Alan: “Javi Garcia chamou-me preto de merda”»

Peça 6 de Novembro CM - “SEF detém cidadão procurado por tráfico”

Peça 7 de Novembro CM - “Brasileiro extraditado para cumprir pena de quase sete anos”

Peça 8 de Novembro CM - “SEF extradita estrangeiro capturado em Odivelas”

Peça 9 de Novembro CM - “Porto: SEF detém estrangeira por explorar prostitutas”

Peça 10 de Novembro CM - “Capturado romeno “perigoso” procurado à dez anos”

Peça 11 de Novembro CM - “Vítimas de crimes racistas terão homenagem na Alemanha”

Peça 12 de Novembro CM - “Ciganos vítimas de discriminação laboral”

Peça 13 de Novembro CM - “SEF detém traficante Holandês de 65 anos”

Peça 14 de Novembro CM - “Estrangeiro detido frente à AR só é julgado dia 6”

Peça 15 de Novembro CM - “SEF notifica sete para abandonar o país”

Peça 16 de Novembro CM - “Brasileiros aproveitam cruzeiros para ‘fugir’ da Europa”

Peça 17 de Novembro CM - “Estremoz: quatro feridos em rixa entre imigrantes”

Peça 18 de Novembro CM - “Brasileiro espancado até à morte em Maputo”

Peça 19 de Novembro CM - “SEF extradita estrangeiro violento”

Peça 20 de Novembro CM - “Racista presa por insultos”

## **Peça 1 de Novembro CM - “Espancam e roubam família estrangeira”**

Algarve: Gang invadiu vivenda à noite e levou dinheiro, jóias e BMW

### **Espancam e roubam família estrangeira**

Por: Teixeira Marques

Uma família estrangeira a viver na Quinta do Sobral, em Castro Marim, foi sequestrada, amarrada e violentamente agredida dentro de casa, anteontem à noite, por quatro assaltantes encapuzados. O pai, holandês de 56 anos, a mãe, inglesa de 51, e a filha de 26, ficaram sem computadores, cartões de crédito, dinheiro e jóias. O gang fugiu no BMW das vítimas.

"Foi meia hora de terror", das 22h00 às 22h30, com o casal a sofrer ferimentos na face provocados por socos e golpes de bastão. Marido e mulher – ele, funcionário no campo de golfe da zona e, ela, professora – foram assistidos no Hospital de Faro e tiveram de ser transferidos para o serviço maxilo-facial do Hospital de S. José, Lisboa. A filha, com hematomas nos olhos e na boca, teve alta ontem de manhã.

"O vizinho Hans, ensanguentado, bateu-me à porta, cerca das 22h30, afirmando que tinha sido assaltado", contou ontem ao CM um vizinho da família atacada, que pediu o anonimato.

"Contou-me que quatro homens, com máscaras, os tinham amordaçado e agredido, com socos e um bastão, exigindo dinheiro e ouro", diz a mesma fonte. Só quando saiu para o exterior da sua vivenda, contígua à assaltada, o vizinho viu o estado dos restantes membros da família.

"O casal e a filha estavam cobertos de sangue. A cara estava num estado deplorável", referiu o vizinho das vítimas, que chamou a GNR. "Foram rápidos a comparecer, bem como duas ambulâncias do INEM, que os transportaram para o Hospital".

As autoridades ainda fecharam, em vão, a fronteira da ponte internacional do Rio Guadiana, a cerca de cinco quilómetros da vivenda assaltada. O gang conseguiu escapar. A PJ investiga, havendo a forte possibilidade de o grupo ser o mesmo que, anteontem, agrediu e roubou um idoso em casa na Luz de Tavira.

### **Comentários (4)**

1. **Comentário feito por: Sabem quem sou** Foram os Bombeiros de Vila Real de Santo António que socorreram esta família e não o INEM.... Sempre o Inem sempre o INEM até chateiam.... Ficam sempre com os louros e nunca participam em nada.... Merito aos Bombeiros PF
2. **Comentário feito por: Victor Moreira** É imperioso que se comece a divulgar as caras (quando possível), nomes e nacionalidades desta escumalha. Fica-se a saber quem é quem, não se preocupem com o arcismo, temos é de nos defender e estar precavidos.

Votação 2 (2 votos)

3. **Comentário feito por: Anónimo** O ESTADO QUE PONHA AQUI OS OLHOS E QUE PENSEM COMO SE HADE RESOLVER ESTE PROBLEMA GRAVE. POIS TODOS OS ACONTECEM CRIMES E O TURISMO CADA VEZ ESTA MAIS RARO. OS PORTUGUESES SAO ASSASSINOS. ESTA É A NOSSA FAMA NO MUNDO

Votação 2 (2 votos)

4. **Comentário feito por: antónio** É faltar vilanagem... enquanto a nossa justiça jaz moribunda... á espera que haja alguém com coragem que a ressuscite e a possa trazer de volta á vida para bem de ( TODOS ) nós...!

Votação 1 (1 voto)

## **Peça 2 de Novembro CM - “Aveiro: comunidades ciganas mandam filhos à escola”**

Projecto de inclusão dá prioridade à escolaridade

### **Aveiro: Comunidades ciganas mandam filhos à escola**

Por: Manuel Vitoriano / Correio da Manhã

As comunidades ciganas radicadas em Aveiro deixaram os acampamentos tradicionais, vivem em bairros sociais ou em casas erguidas em terrenos que compraram e começaram a mandar os filhos à escola, mudanças acompanhadas nos últimos três anos por um mediador municipal.

João Seabra, ele próprio de etnia cigana, trabalha num projecto de inclusão que dá prioridade à escolaridade. "No início era um pouco difícil porque eles não me viam como alguém da própria etnia, mas depois de confiarem em mim começaram a abrir mentalidades e perceberam que o futuro está na educação e escolarização desta juventude que está a crescer", descreve.

Três anos volvidos desde o início do projecto, que a autarquia candidatou ao Alto Comissariado para a Emigração e Diálogo Intercultural, os resultados estão à vista. Exemplo disso é a comunidade dos Ervideiros, que em 2009 tinha 37 crianças e jovens na escola e nenhum chegava ao oitavo ano de escolaridade. Hoje são já cinco os que estão matriculados naquele ano e um total de 61 crianças frequenta o ensino oficial.

João Seabra, como mediador, tem participado em reuniões com as escolas e conselhos de turma e considera que é possível aumentar o sucesso. Os principais problemas estão identificados: absentismo e comportamentos inadequados no espaço escola devido às diferenças culturais. Por isso, defende que "é necessário também que os professores recebam formação sobre a cultura cigana para entenderem as diferenças e conviverem com elas".

Segundo o responsável, "o professor desconhece a realidade e quando consegue perceber essas diferenças é muito mais fácil seguir o percurso escolar e ter-se aluno. Têm acontecido resultados muito positivos quando os professores se dedicam a esses alunos e entendem essas diferenças".

Apesar do reconhecimento de que "existe ainda um longo percurso a percorrer para que todas as crianças residentes obtenham a escolaridade obrigatória", Marisa Parada, coordenadora do projecto, fala numa "progressiva melhoria". A responsável ilustra também a melhoria com os progressos alcançados nos Ervideiros desde 2009, ano em que se iniciou o projecto, e especifica que frequentavam a escola 21 rapazes e 16 raparigas, nenhuma criança andava no jardim de infância e somente uma atingia o sétimo ano de escolaridade.

Agora, acrescenta, 30 rapazes e 31 raparigas frequentam o ensino oficial, já são 17 as crianças no jardim de infância e cinco jovens estão matriculados no oitavo ano de escolaridade. "Para as comunidades ciganas a família é o principal educador e não a escola e daí a dificuldade em enviar os filhos à escola, mas começam a perceber que a escola está lá também para ajudar e representa um futuro melhor para os seus filhos", comenta.

No concelho de Aveiro residem em empreendimentos de habitação social da autarquia e do IHRU 46 famílias ciganas, que correspondem a um total de 207 moradores, 97 dos quais com menos de 18 anos. Fora dos complexos de habitação social estão referenciados dois núcleos importantes: em São Bernardo, num total de cinco famílias, com 14 menores, e nos Ervideiros, que conta com 31 famílias, com 64 menores a cargo.

## **Comentários (5)**

1. **Comentário feito por:João Santos** O Sr. João Seabra se é quem eu penso ser frequentou pelo menos o ensino secundário complementar quando não havia subsídios, isto é, ele queria evoluir e é um exemplo creio que faria o mesmo se não os houvesse agora.

2. **Comentário feito por:brancovalenrte@gmail.com**

ew

Votação -2 (2 votos)

3. **Comentário feito por:Pedro** Metem-me tdos nojo..parasitas

Votação 5 (9 votos)

4. **Comentário feito por:Rui Lolo** Vão à escola porque senão acaba-se o rendimento mínimo. E talvez fosse melhor pagar mais para não irem, assim pelo menos os outros ainda iam aprendendo qualquer coisa.

Votação 11 (15 votos)

5. **Comentário feito por: Anónimo** E o rendimento de inserção social, não obriga a que estas comunidades enviem os filhos à Escola?! Retirem-lhes esses rendimentos e depois verifiquem quantas crianças jovens dessa etnia continuam na Escola.

Votação 15 (21 votos)



## **Peça 5 de Novembro CM - «Alan: “Javi Garcia chamou-me preto de merda”»**

Extremo disponível para levar acusações à Liga

### **Alan: "Javi García chamou-me preto de merda"**

Alan, extremo do Sp. Braga, revelou que foi alvo de insultos racistas por parte de Javi García, médio do Benfica, no decorrer do jogo de domingo, que terminou empatado (1-1).

"Um menino chamado Javi García insultou-me e chamou-me preto de merda, assim como ao Djamel. Desejou a morte dos meus filhos. Devia tomar cuidado com o que diz, pois o capitão do Benfica é negro e o lateral-esquerdo também, assim como 70 por cento dos adeptos do Benfica", disse Alan, em declarações prestadas à Antena 1, mostrando-se disponível para fazer estas acusações em sede de processo disciplinar na Liga.

O capitão do Braga reagiu ainda às declarações de Artur, seu antigo companheiro no Minho e agora guarda-redes do Benfica, que disse que em Braga "há truques fora do campo", referindo-se aos cortes de electricidade e à falta de água quente.

Alan manifestou-se "desiludido", mas sugeriu que elas aconteceram por indicação de outras pessoas. "Tratou-se de um problema técnico, não foi o mesmo que fizeram ao FC Porto, quando desligaram a luz e ligaram o sistema de irrigação da relva. O Artur sabe que também não havia água no nosso balneário, por isso acho que foram declarações incorrectas e que foi mandado dizer tudo isso pelos seus superiores."

### **Comentários (26)**

1. **Comentário feito por: Anónimo**..."Carrega uma conotacao negativa, como se ser preto ou negro fosse uma coisa má!"... Infelizmente é verdade 99,9% nada de bom vem com esta cor, seja humano ou não. E aqui está mais um exemplo. Ele é branco querem ver

Votação 5 (5 votos)

2. **Comentário feito por: André** Não estou a perceber qual o problema das afirmações do Javi...

Votação 2 (2 votos)

3. **Comentário feito por: Paulo Silva** Isso que ele te chamou(?) ate foi um ELOGIO tal e o teu nível cultural. Aquela simulacao a epoca passada fazendo com que um colega de profissao fosse expulso mostra bem o que vales como homen ZERO

Votação 2 (2 votos)

4. **Comentário feito por: Anónimo** Mentiroso de merd\* isso sim. Força Javi!

Votação 4 (8 votos)

6. **Comentário feito por: Pedro E** Para quem não sabe os pais do Alan são brancos e ele teve um problema à nascença que escureceu em demasia. Porque o Alan é branco como a cal. E o Javi disse o resto por causa do cheiro a medo.

Votação 4 (4 votos)

8. **Comentário feito por: Telma** Concerteza que a maioria dos comentadores aqui são brancos, se não saberiam o quanto Humilhante é ser chamado de preto de merda. Carrega uma conotação negativa, como se ser preto ou negro fosse uma coisa má!!!

Votação -2 (6 votos)

### ***Comentários no Facebook (167)***

*Futebolista diz que "70 por cento dos adeptos do Benfica" são negros*

**Alan: "Javi García chamou-me preto de merda"**

*www.cmjornal.xl.pt*

*Alan, extremo do Sp. Braga, revelou que foi alvo de insultos racistas por parte de Javi García, médio do Benfica, no decorrer do jogo de domingo, que terminou empatado (1-1).*

2. **ZeZitoo Pereira** Esse Javi é um porco.  
Gosto · 9

3. **Marco Vieira** Coitadinho...

33. **Marco Rebelo** sim david ..lisboa é uma provincia moçambicana...mas portugal é praticamente um Estado brasileiro  
Gosto · 3

## **Peça 6 de Novembro CM - “SEF detém cidadão procurado por tráfico”**

Homem será extraditado para a Alemanha

### **SEF detém cidadão procurado por tráfico**

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) anunciou esta terça-feira a detenção de um cidadão em cumprimento de um mandado de detenção europeu, por ligação ao tráfico de droga, com vista à extradição para a Alemanha.

Segundo o SEF, o homem, de 38 anos, foi detido domingo, no aeroporto de Faro, quando chegava de Manchester, no Reino Unido.

O detido ficou sob custódia do SEF e foi presente esta manhã ao Tribunal da Relação de Évora, que determinou a sua condução ao estabelecimento prisional de Beja, onde vai aguardar a tramitação do pedido de extradição formulado pela Alemanha, adianta aquele serviço de segurança, em comunicado.

## **Peça 10 de Novembro CM - “Capturado romeno “perigoso” procurado à dez anos”**

Cidadão de 34 anos

### **Capturado romeno "perigoso" procurado há 10 anos**

Um cidadão romeno de 34 anos, considerado "perigoso e violento" e procurado pelas autoridades do seu país e pela Interpol há 10 anos, foi capturado pela PSP em Moscavide, Loures, onde residia.

Fonte do Comando Metropolitano de Lisboa da PSP adiantou que o suspeito, detido na quinta-feira à noite, estava a ser investigado desde maio por elementos da Divisão Distrital de Aveiro depois de ter sido preso em flagrante delito quando se preparava para furtar diverso material informático do interior de uma escola básica.

Depois de elaborados os procedimentos decorrentes da detenção, incluindo recolha das impressões digitais, e ao abrigo da cooperação internacional com as autoridades policiais, foi possível, através da troca de informações, concluir que o suspeito utilizava uma identificação falsa e que era procurado na Roménia para cumprimento de pena de prisão por crimes de violação, abuso sexual de menores, tráfico de seres humanos e roubo.

Os elementos da PSP deslocaram-se à morada do suspeito, em Moscavide, conseguindo localizá-lo nas imediações, dentro de um restaurante, onde foi detido.

De acordo com a PSP, o suspeito, que está em Portugal há cerca de 10 anos e é considerado "perigoso e violento", tanto pela polícia romena como pela Interpol, vai ser ouvido no Tribunal da Relação de Lisboa para apreciação do pedido de extradição para o seu país de origem.

### **Comentários (11)**

1. **Comentário feito por:ata** Mais um coitadinho que teve uma infancia infeliz,nao é, snrs drs juizes?
2. **Comentário feito por: Anónimo** lá vao chover comentarios do genero que se ve. sejamos sinceros, se fez mal deve pagar sim mas dizerem:"este paraíso onde vem parar o lixo tdo"? é demais.atao e qd vçes "santos" v p fora e portam se mal? nem tdos s lixo

Votação -1 (7 votos)

### **Comentários no Facebook (31)**

*Preparava-se para roubar escola básica em Moscavide*

**Capturado romeno "perigoso" procurado há 10 anos**

[www.cmjornal.xl.pt](http://www.cmjornal.xl.pt)

*Um cidadão romeno de 34 anos, considerado "perigoso e violento" e procurado pelas autoridades do seu país e pela Interpol há 10 anos, foi capturado pela PSP em Moscavide, Loures, onde residia.*

1. **Paulo Ferreira** Extradita-lo mas é para o Tarrafal!!!  
Gosto · 5

2. **Jorge Ventura** E agora o que lhe fazem?? Espero que fique bastante tempo na gaiola e que nem lhe dê abébias de precária pk ele mete-se a milhas...  
17:41 · Gosto · 4
3. **Carlos Freire** A Roménia q lhe pague a estadia na cadeia...  
17:43 · Gosto · 6
4. **Bishop Tó Tavares** saudades do meu rico moscvide lol  
17:44
5. **Armindo Baptista** AHHHHHHHHHHHHHHHHHHH....ESTE É " ROMENO ".....POIS.....AINDA ANDAM POR AÍ MUITOS MAIS!!!!!!!!!!!!!!  
17:48 · Gosto · 2
6. **Jose Lima** AGUENTA O ZE GUARDA  
17:50 · Gosto
7. **Rui Lino** Nada melhor que recambiar ao seu pais de origem...nada mais correcto  
17:51 · Gosto · 4
8. **Marco Alves Dos Santos** Portugal é um género de off-shore da bandidagem, vêm todos cá parar!  
17:54 · Gosto · 6
9. **Lourenço Marcela** Falta por aí é Ladroes á solta!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!  
17:55 · Gosto · 1
10. **João M. Chaparreiro** mas ainda temos das polícias melhores do mundo, quando a deixam actuar...  
17:57 · Gosto · 3
11. **Paula Fialho** kem procura, encontra en portugal...  
18:02 · Gosto · 2
12. **Pedro Miguel Correia Franco** Com o histórico que este animal tem entre eles o crime de violação para mim era cabeça fora, chega de andarmos a sustentar estes animais sejam eles portugueses ou estrangeiros....  
18:07 · Gosto · 2

## **Peça 11 de Novembro CM - “Vítimas de crimes racistas terão homenagem na Alemanha”**

Diz presidente do Parlamento

### **Vítimas de crimes racistas terão homenagem na Alemanha**

A Alemanha vai organizar uma cerimónia de homenagem às vítimas de uma série de crimes racistas atribuídos a um grupo neonazi, declarou neste domingo o presidente do Parlamento.

O Bundestag falou do assunto com a chanceler Angela Merkel e o presidente Christian Wulff, precisou o seu presidente, Norbert Lammert.

"Estamos de acordo sobre a necessidade de organizar um tal evento", mas quanto "à forma da cerimónia, tem a ver com as expectativas das famílias", declarou ao jornal 'Tagesspiegel'. Não foi indicada qualquer data.

A Alemanha foi confrontada a semana passada com a descoberta de uma célula terrorista neonazi suspeita de ter morto nove imigrantes, oito turcos e um grego, entre 2000 e 2006 e uma polícia em 2007.

O grupo poderá ter estado também na origem de um atentado em 2004 num bairro de Colónia onde vivem numerosos imigrantes turcos e que causou mais de 20 feridos.

Merkel exigiu no sábado que o caso seja esclarecido. A ministra da Justiça, Sabine Leutheusser-Schnarrenberger, prometeu indemnizações às famílias.

### **Comentários (1)**

1. **Comentário feito por:jose pinto** Atitude louvavel. No entanto a homenagem deveria ser dirigida a todas as vitimas, INCLUINDO AS QUE SOFRERAM E SOFREM COM O RACISMO PRATICADO POR NEGROS. DEVE-SE DENUNCIAR E CONDENAR TODOS E NÃO SÓ UM LADO.

Votação -1 (1 voto) - 17h29

## **Peça 12 de Novembro CM - “Ciganos vítimas de discriminação laboral”**

Segundo o Centro Europeu para os Direitos dos Ciganos

### **Ciganos vítimas de discriminação laboral**

Os ciganos residentes em Portugal moram em habitações de baixa qualidade, possuem habilitações escolares reduzidas e são vítimas de discriminação no mercado de trabalho e de violência policial, segundo o Centro Europeu para os Direitos dos Ciganos (ERRC).

Analisando a situação dos ciganos em Portugal, o ERRC conclui que a maioria não possui o ensino primário e que as crianças são alvo "de atitudes hostis de pais não ciganos que recusam que os seus filhos partilhem as mesmas aulas". Investigações da associação internacional de defesa dos direitos dos ciganos indicam também que a violência policial sobre os ciganos ocorre com frequência no país.

Segundo o ERRC, em Portugal não existe uma política específica de promoção da inclusão, apesar de alguns ciganos beneficiarem da assistência social de programa de realojamento, como o Rendimento Social de Inserção e o Programa Especial de Realojamento. Cerca de um terço reside mesmo em barracas ou bairros sociais

Para a ERRC, os ciganos têm merecido em Portugal "menos atenção" do que em outros países europeus, sendo "preocupante" a sua situação em termos de inclusão social e acessos aos direitos fundamentais.

Concluiu ainda que as medidas previstas no Plano Nacional para a Inclusão, criado em 2008 com projectos que visam a integração dos ciganos, ainda não foram implementadas.

No início do mês, o Comité Europeu dos Direitos Sociais considerou que Portugal não garante à comunidade cigana residente no país condições de habitação adequada, violando o direito da protecção contra a pobreza e exclusão social.

A decisão do Comité surge no seguimento de uma queixa apresentada no ano passado pelo ERRC, que considera que os programas de realojamento em Portugal não conseguiram integrar os ciganos e, muitas vezes, resultaram em "segregação espacial" e habitações "inadequadas" com infra-estruturas "pobres", além do acessos aos serviços públicos ser "limitada" ou "nenhum".

De acordo com a Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, que hoje divulgou as conclusões do seu 38º encontro, em Portugal as políticas e estratégias de inclusão dos ciganos "não têm dado grandes resultados, continuando a maioria da população de etnia cigana a viver marginalizada, excluída, sem lhe serem reconhecidos os mesmos direitos de cidadania da restante população portuguesa".

### **Comentários (50)**

- 18. Comentário feito por: Anónimo** Ao ler esta notícia sobre os ciganos minha alma fica parva pois nota-se que quem fez este artigo não tem o mínimo de conhecimentos do que está a escrever sobre a vida dos ciganos pois é fácil de verificar a realidade

Votação 2 (2 votos) - 17h15

- 43. Comentário feito por: Anónimo** Estranho não tirarem fotos aos "meios de transporte" destes senhores... é uma pena que se defendam que não têm condições, mas que a falta de educação esteja sempre presente em tudo o que dizem e fazem !

Votação 33 (33 votos) - 15h13

- 44. Comentário feito por: Anónimo** "Para a ERRC, os ciganos têm merecido em Portugal "menos atenção" do que em outros países europeus, sendo "preocupante"..." - Preocupante é a situação de Portugueses na mesma situação.

Votação 28 (28 votos) - 15h12

- 45. Comentário feito por: Mikail336** Quem são estes idiotas da ERRC? Muita gente que trabalhou toda a vida recebe 300£ de desemprego ou reforma! E os coitados dos ciganos que são alérgicos ao mesmo recebem aos 700 e 800£! Vão gozar para a Sibéria!

Votação 30 (30 votos) - 14h59

- 46. Comentário feito por: Anónimo** Há bonitas maneiras de dizer que os ciganos passam os dias a roubar, a traficar droga e armas, a receber rendimentos sociais, criar confusões com a policia e que se estão a lixar para a escola.

Votação 40 (40 votos) - 14h57



## **Peça 15 de Novembro CM - “SEF notifica sete para abandonar o país”**

Em acção de fiscalização a zonas portuárias

### **SEF notifica sete para abandonar o país**

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) identificou sete cidadãos estrangeiros em situação ilegal, que foram notificados para abandonar Portugal, no âmbito de uma operação centrada nas zonas portuárias.

Durante a acção de fiscalização, que se estendeu a todo o território nacional, o SEF identificou 862 cidadãos, dos quais 352 cidadãos estrangeiros. Fiscalizou ainda 156 viaturas, 32 embarcações e 93 entidades empregadoras.

O SEF elaborou ainda “28 processos de contra-ordenação às entidades patronais, por emprego a cidadãos estrangeiros não autorizados a exercer actividade profissional, cujas coimas oscilam entre os 21.621 euros e 71.937 euros”, esclarece o comunicado.

### **Comentários (2)**

1. **Comentário feito por: Beto** Concordo com este anonimo... e ainda completo.. deveriam fazer isto no mundo todo, mandar de volta os tuga ai equilibrava... saia umas esculmalhas e entrava outras

Votação 1 (1 voto)

2. **Comentário feito por: Anónimo** sete??? só podem tar a gozar. só eu identificava praí 20 ou 30 na boa. basta andarem pelos bairros sociais ou passarem pela costa da caparica. isto ja nem parece portugal. nao trabalham, nao estudam, mas andam na boa..

Votação -1 (1 voto)

## **Peça 17 de Novembro CM - “Estremoz: quatro feridos em rixa entre imigrantes”**

### **Estremoz: Quatro feridos em rixa entre imigrantes**

Quatro homens feridos, um dos quais em estado grave, foi o resultado de uma rixa entre vários imigrantes, domingo à noite, em Estremoz.

Segundo disse à Lusa fonte da PSP, os desacatos, que envolveram vários imigrantes de países do Leste da Europa, ocorreram cerca das 23h30, numa residência na cidade de Estremoz.

Quatro homens foram assistidos no Serviço de Urgência Básica de Estremoz, um dos quais, cujo estado apresentava maior gravidade, foi depois transportado para o Hospital Distrital de Évora.

Os restantes três tiveram alta.

### **Comentários (4)**

1. **Comentário feito por: jreis** A coisa bem averiguada ainda descubrem que esta gente tem uma lista grande de criminalidade.

Votação 1 (1 voto) - 19h18

2. **Comentário feito por: Facto** Portugueses, acordem e organizem-se e actuem um refrendo ao povo soubre se concordam com as fronteiras sem controlo e as leis que protegem os criminosos, assim como a destruissam da agricultura e industria nacional

Votação 1 (1 voto) - 19h01

## **Peça 19 de Novembro CM – ‘SEF extradita estrangeiro violento’**

Condenado a pena de prisão de seis anos

### **SEF extradita estrangeiro violento**

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras capturou, com a colaboração da PSP, um estrangeiro de 36 anos conotado com marginalidade e prática criminal, para afastamento do País.

O homem tinha sido condenado a uma pena de seis anos de prisão pelos crimes de roubo qualificado e carjacking, tendo cumprido a pena de dois anos de prisão efectiva. O detido, que se encontrava em situação irregular, foi capturado em Lisboa e ficou entregue à custódia do SEF até à data do afastamento para o país de origem, concretizado no sábado. Ao arguido foi aplicada uma medida de interdição de entrada em Portugal durante sete anos.

### **Comentários (2)**

1. **Comentário feito por: Anónimo** so um deviao ir todos aqueles que praticam roubos e ma conduta em portugal

Votação 1 (1 voto) - 13h24

2. **Comentário feito por: Anónimo** Todos os estrangeiros com cadastros em Portugal deviam ser todos postos fora do nosso pais.

Votação 7 (7 votos) - 12h57

- **Lista de peças jornalísticas de Dezembro:**

Peça 1 de Dezembro CM - “Mais um caso de racismo”

Peça 2 de Dezembro CM - “Sete chineses acusados de imigração ilegal e lenocínio”

Peça 3 de Dezembro CM - “Portugal é dos que mais reconhece a importância dos imigrantes”

Peça 4 de Dezembro CM - “Imigrante encontrado morto no rio”

Peça 5 de Dezembro CM - “Portimão: SEF prende foragido”

Peça 6 de Dezembro CM - “Desemprego no Açores com “particular incidência” entre imigrantes”

Peça 7 de Dezembro CM - “Terry acusado de racismo”

Peça 8 de Dezembro CM - “Estrangeiro detido por violar a própria mulher há um ano”

## **Peça 2 de Dezembro CM - “Sete chineses acusados de imigração ilegal e lenocínio”**

Vítimas integravam rede de tráfico humano

### **Sete chineses acusados de imigração ilegal e lenocínio**

O Ministério Público acusou sete cidadãos chineses pela prática de crimes de associação criminosa para a imigração ilegal e de lenocínio (incentivo à prostituição com fins lucrativos), divulgou esta segunda-feira a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL).

Três arguidos encontram-se em regime de prisão preventiva, tendo a actividade criminosa decorrido entre o ano de 2010 e 6 de Fevereiro de 2011, data da intervenção policial executada pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), que desmantelou o grupo.

Este grupo de sete arguidos fazia parte de uma associação criminosa de exploração sexual de mulheres provenientes da China, recorrendo para o efeito a redes transnacionais.

"As mulheres angariadas desta forma criminosa eram exploradas em vários prostíbulos na cidade de Lisboa e no sul do país, na sua maioria em situação ilegal, sendo provenientes de rotas clandestinas que passavam por França e Espanha, por exemplo", nota a PGDL, sublinhando as "situações de grande vulnerabilidade" das vítimas.

Segundo os investigadores, as mulheres são quase todas devedoras e vítimas de uma rede de tráfico humano que lhes cobrou elevados montantes para as traficar para a Europa e que lhes subtraiu todos os documentos de viagem e identificação.

Por este motivo, ficavam reféns das elevadas dívidas contraídas à rede que as traficou da China para a Europa e cujos líderes e traficantes de seres humanos são vulgarmente designados por "Cabeça de Cobra".

Com esta actividade, os arguidos obtinham lucros elevados à custa da especial vulnerabilidade das mulheres imigradas ilicitamente e prostituídas à força.

A investigação foi dirigida pelo Ministério Público da 7ª seção do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa e executada pelo SEF.

### **Comentários (2)**

1. **Comentário feito por: D'Almeirim** Que tal legalizar a prostituição e vigiar de perto a actividade?

Votação 4 (4 votos) - 17h07

2. **Comentário feito por: manuela** DEMOCRACIA FRONTEIRAS ABERTAS PESSOAS QUE NA SUA REGIÃO GANHAM POUCO OUTROS QUEREM GANHAR DINHEIRO FACIL, ASSIM VAI O NOSSO PORTUGALITO A BEIRA MAR PLANTADO. PORTUGUESES COMEÇAM ABRIR OS OLHOS PORQUE EM IDANHA ELES VÃO C

Votação 2 (2 votos) - 16h52

### **Peça 3 de Dezembro CM - “Portugal é dos que mais reconhece a importância dos imigrantes”**

O nosso País é o 2º que mais beneficia importância dos imigrantes

#### **Portugal é dos que mais reconhece importância dos imigrantes**

Os portugueses estão entre os europeus que consideram que os imigrantes contribuem muito para o seu país, ficando apenas atrás dos suecos, revela o Relatório Mundial da Migração de 2011, divulgado esta terça-feira.

14h08

De acordo com uma tabela com os 27 países da União Europeia do Eurobarómetro, 79 por cento dos suecos consideram benéfica a presença de imigrantes no país, uma opinião que é partilhada por 66% dos portugueses, que surgem em segundo lugar nesta lista.

Os números inscritos no Eurobarómetro de 2006 mostram que, em média, apenas 40 por cento dos europeus concorda que os imigrantes são importantes para o seu país. No final da tabela encontram-se países como a Eslováquia (12%) a Estónia (16%) ou a República Checa, onde a maioria dos nacionais não reconhece grandes vantagens na presença de estrangeiros.

Apesar das médias apresentadas, o Relatório Mundial de Migração de 2001 sublinha que existem diferenças muito acentuadas entre os países. Nos países com maiores desigualdades, as pessoas são mais defensoras de que os empregos devem ser atribuídos prioritariamente aos cidadãos locais e não aos estrangeiros, revela o estudo, sublinhando, no entanto, que os países com níveis semelhantes de desigualdades podem ter atitudes muito diferentes perante a discriminação.

No relatório pode ler-se que nos países mais ricos as pessoas se opõem mais à entrada de imigrantes, mas depois de os estrangeiros chegarem acabam por ter uma atitude mais positiva: "Acreditam e defendem a igualdade de tratamento no mundo do trabalho e têm menos dificuldades em ter como vizinhos os imigrantes".

O estudo mundial apresenta também um quadro comparativo entre a taxa de desemprego e a importância dos imigrantes para o país realizado entre 1974 e 2010 na Austrália. O trabalho mostra que existe uma relação directa: quanto mais alta é a taxa de desemprego maior é a percentagem de pessoas que defendem que existem imigrantes a mais no país.

- **Lista de peças jornalísticas de Janeiro:**

Peça 1 de Janeiro CM - “Estrangeiro ilegal apanhado por roubo armado em Sintra”

Peça 2 de Janeiro CM - “Violência entre etnias no Sudão do Sul já matou três mil”

Peça 3 de Janeiro CM - “SEF detém homem com mandato de captura Europeu”

Peça 4 de Janeiro CM - “Imigrantes ilegais descontam para a segurança social”

Peça 5 de Janeiro CM - “Sacavém: Ilegal preso e expulso”

Peça 6 de Janeiro CM - “SEF expulsa mulheres ilegais”

Peça 7 de Janeiro CM - “Imigrante morto no centro histórico de Viseu”

Peça 8 de Janeiro CM - “GNR desmantela rede de casamentos por conveniência”

Peça 9 de Janeiro CM - “Casamentos legalizavam imigrantes”

Peça 10 de Janeiro CM - “Três estrangeiros detidos por crimes aguardam expulsão”

Peça 11 de Janeiro CM - “Grupo estrangeiro apanhado com quase 20 cartões de crédito falsos”

Peça 12 de Janeiro CM - “Apreensão de passaportes: SEF contra acusações”

Peça 13 de Janeiro CM - “Angola: barco com imigrantes ilegais afunda-se”

Peça 14 de Janeiro CM - “Naval 1.º de Maio investigada por auxílio à imigração ilegal”

Peça 15 de Janeiro CM - “Refugiados: mais de 1500 mortos no Mar Mediterrâneo em 2011”

Peça 16 de Janeiro CM - “Seis ilegais detidos em Armação de Pêra”

## **Peça 1 de Janeiro CM - “Estrangeiro ilegal apanhado por roubo armado em Sintra”**

Fica em prisão preventiva

### **Estrangeiro ilegal apanhado por roubo armado em Sintra**

Um estrangeiro, em situação irregular em Portugal, foi detido em Lisboa por suspeita de práticas de crime de roubo, ofensas à integridade física e uso de arma proibida.

Os factos verificaram-se em Sintra, em Maio de 2011, quando o detido, armado, assaltou um homem na via pública, agredindo-o e roubando-lhe objectos em ouro no valor de 1.250 euros.

“O suspeito era já possuidor de antecedentes policiais e criminais, por delitos da mesma natureza”, refere a PJ em comunicado.

Com 24 anos, o suspeito foi presente a primeiro interrogatório judicial, tendo-lhe sido aplicada a medida de coacção de prisão preventiva.

### **Comentários (5)**

**3. Comentário feito por: Anónimo** Tiro na testa destes gajos pá!!!!

Votação 4 (4 votos) - 16h06

**4. Comentário feito por: Maria A.** Para a terra dele, JÁ!!!!!!

Votação 4 (4 votos) - 15h52

**5. Comentário feito por: FIALHO** Qual nacionalidade ?

Votação 1 (1 voto) - 15h40



## **Peça 6 de Janeiro CM - “SEF expulsa mulheres ilegais”**

Fiscalização: Operações em Albufeira, Almancil e Faro

### **SEF expulsa mulheres ilegais**

Por: Rui Pando Gomes

Um total de 20 mulheres estrangeiras foram identificadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) a trabalhar em casas de alterne e clubes de striptease, nas zonas de Albufeira, Almancil e Faro. Destas, seis brasileiras, foram detidas por estarem ilegais e vão ser expulsas do País.

As operações de fiscalização, ao que o CM apurou, foram realizadas na madrugada de sábado e tiveram como objectivo combater a imigração ilegal, o tráfico de mulheres e outra criminalidade ligada à imigração.

Entre as 20 mulheres identificadas, 19 são de nacionalidade brasileira e a outra moldava. Das seis mulheres em situação ilegal, uma já tinha sido detida várias vezes e notificada para abandono voluntário do País. Como não cumpriu a ordem, vai ser expulsa pelo SEF, nos próximos dias, do território nacional. Outras duas foram notificadas da decisão de afastamento no âmbito de processos de expulsão em curso e três mulheres foram notificadas para abandono voluntário de Portugal, no prazo de 20 dias.

Os inspectores do SEF levantaram ainda três processos de contra-ordenação aos proprietários das casas de diversão nocturna, por emprego de mão de obra ilegal, cujas multas podem atingir os 72 mil euros.

### **Peça 13 de Janeiro CM - “Angola: barco com imigrantes ilegais afunda-se”**

Embarcação para dez pessoas transportava 51

#### **Angola: Barco com imigrantes ilegais afunda-se**

Uma embarcação com dezenas de imigrantes ilegais oriundos de vários países africanos naufragou na barra do rio Dande, norte de Luanda, e as autoridades angolanas lançaram uma operação de busca e salvamento, noticia esta segunda-feira o Jornal de Angola.

O naufrágio ocorreu quarta-feira e a bordo da embarcação, com capacidade para 10 pessoas e registada na vizinha República Democrática do Congo, seguiam 51 emigrantes ilegais, além da tripulação.

Segundo o Jornal de Angola, a embarcação preparava-se para fazer o transbordo para outra, que levaria os imigrantes ilegais para terra, de onde seguiriam para Luanda, com o auxílio de intermediários angolanos.

A Polícia Nacional deteve 16 dos ilegais que seguiam a bordo, dos quais 13 da República da Guiné, um líbio, um senegalês e um da República Democrática do Congo.

Dos 35 emigrantes ilegais desaparecidos apenas foi recuperado um cadáver.

Segundo a Polícia, citada pelo Jornal de Angola, a rede de transporte de emigrantes ilegais utiliza as rotas de Ponta Negra (República do Congo), Muanda (República Democrática do Congo) e barra do Dande.

Pela sua extensão e vulnerabilidade, a fronteira com os dois Congos tem sido a mais utilizada.

Esta operação sucede à registada há duas semanas, também na barra do Dande, quando a polícia deteve 42 cidadãos estrangeiros de diversas nacionalidades a bordo de uma canoa.

#### **Comentários (1)**

- 1. Comentário feito por: eduardo** grande canoa era essa as veses dou-me a pensar que grande bronca

- **Lista de peças jornalísticas de Fevereiro:**

Peça 1 de Fevereiro CM - “SEF investiga Naval”

Peça 2 de Fevereiro CM - “Jonh Terry só responde por insultos racistas depois do Euro2012”

Peça 3 de Fevereiro CM - “SEF detém dois ilegais em controlo na Linha de Sintra”

Peça 4 de Fevereiro CM - “SEF identifica 8 estrangeiros ilegais”

Peça 5 de Fevereiro CM - “Insultos racistas a jogador do Man. City alvo de investigação policial”

Peça 6 de Fevereiro CM - “Imigrantes dominam assaltos”

Peça 7 de Fevereiro CM - “SEF: reforço durante o Verão”

Peça 8 de Fevereiro CM - “Duas ilegais detidas em bar”

Peça 9 de Fevereiro CM – “SEF apanha estrangeiro suspeito de roubos por esticção”

Peça 10 de Fevereiro CM - “EUA: vistos de imigração para portugueses emitidos em Paris”

Peça 11 de Fevereiro CM - “SEF detém homem suspeito de tráfico de pessoas”

Peça 12 de Fevereiro CM - “Sete estrangeiros detidos por tentativa de assalto a ‘Shopping de Vila Real’”

Peça 13 de Fevereiro CM - “SEF detém traficante no Aeroporto da Portela”

Peça 14 de Fevereiro CM - “Ciganos e nómadas sofrem “racismo flagrante” na Europa”

Peça 15 de Fevereiro CM - “SEF detém jovem com droga no Aeroporto”

## **Peça 6 de Fevereiro CM - “Imigrantes dominam assaltos”**

Roubos a ourivesarias aumentaram durante 2011

### **Imigrantes dominam assaltos**

Por: Sérgio Pereira Cardoso/N.M.C

A maioria dos assaltantes que realizam furtos e roubos em ourivesarias é de nacionalidade estrangeira. Esta é uma das conclusões que se extrai do estudo sobre o fenómeno do ataque ao ouro, realizado por uma Equipa Mista de Prevenção Criminal (EMPC) do Sistema de Segurança Interna.

"No que concerne às nacionalidades identificadas, verifica-se uma preponderância global de cidadãos portugueses (45,3%) na prática de furtos e roubos", lê-se no relatório. A restante percentagem refere-se a imigrantes.

No mesmo documento a que o CM teve acesso, cuja informação compilada se refere ao período compreendido entre Janeiro de 2009 e Junho de 2011, descreve-se o ladrão-tipo: a maioria dos ataques ao ouro será perpetrada por homens e de idade jovem – entre os 18 e os 25 anos.

Relativamente ao crime de roubo, ao que o CM apurou – números que não constam no referido relatório –, em 2011, só até Novembro, registaram-se 150 ataques ourivesarias e lojas de compra de ouro. Um número relevante quando comparado com os roubos verificados em todo o ano de 2010: 120, de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna.

Segundo o trabalho da EMPC, dos roubos contabilizados de 2009 a Junho de 2011, 83 por cento foram realizados com recurso a arma de fogo, 5% com arma branca e 9% com força física.

Entre as conclusões do estudo a este fenómeno, a Equipa Mista sugere a alteração e a modernização legislativas, tendo em vista o combate à receptação do ouro roubado. "Uma parcela muito significativa do ouro (...) terá como destino estabelecimentos de comércio em todo o País", lê-se ainda no relatório que propõe também medidas aos ourives – "difíceis, dado o contexto económico" – como videovigilância ligada a central de alarmes ou ainda separação física entre público e atendimento.

### **VIDEO VIGILÂNCIA NAS SUCATAS PARA TRAVAR VAGA DE FURTOS**

O Governo está a preparar legislação específica para a instalação de câmaras de videovigilância nas sucatas. O objectivo é identificar suspeitos de furtos de metais que ali se desloquem para vender material e, ao mesmo tempo, garantir a segurança das empresas, também elas alvo de uma vaga de furtos. Os números são claros. De acordo com dados da GNR revelados ontem durante um seminário da Associação Portuguesa dos Operadores de Resíduos e Recicladores, foram registados 9491 furtos nos primeiros dez meses de 2011, uma acentuada subida face às 3726 registadas em todo o ano de 2010. Também o número de detidos aumentou quase 50% na transição entre os dois anos (503 em 2011 e 225 no ano anterior). Encarando o furto de metais como uma "prioridade" de investigação, a GNR apreendeu 118 toneladas de metais furtados em 2011.

### **COMPRA DE METAL FEITA SÓ COM RECURSO A CHEQUES**

Os sucateiros só vão poder comprar metal se pagarem em cheque, descontável apenas três dias depois para que se averigüe a origem do material adquirido. Esta é uma das iniciativas legislativas que o Governo quer fazer aprovar, tendo em vista o combate ao furto de metais.

Segundo o secretário de Estado da Administração Interna, Juvenal Silva Peneda, não existe ainda enquadramento legal para impedir que um sucateiro apanhado a receptar metais furtados veja barrada a actividade. De acordo com fonte do Ministério do Ambiente, apenas 20% das empresas da gestão de resíduos estão licenciadas. Cinquenta por cento estão em fase de legalização e as restantes 30% são ilegais. "O Governo vai exigir registo criminal aos empresários que de futuro queiram abrir negócio", concluiu Silva Peneda.

**Comentários (28)**

**16. Comentário feito por: ztfcad** Qual cheques, qual quê ! Roubam aqui vendem em espanha

Votação 4 (4 votos)

**21. Comentário feito por: Anónimo** Não há qualquer vigilância nas fronteiras ou perto delas, bendito Ministro da Administração Interna, é entrar, roubar e sair à vontade com o produto dos assaltos.Maravilha!

Votação 2 (4 votos)

**22. Comentário feito por: J.Costa** E quais as nacionalidades? Ou é preciso que eu as diga....

Votação 7 (9 votos)

## **Peça 12 de Fevereiro CM - “Sete estrangeiros detidos por tentativa de assalto a ‘Shopping de Vila Real’”**

Suspeitos com idades entre os 19 e os 34 anos

### **Sete estrangeiros detidos por tentativa de assalto a ‘shopping’ de Vila Real**

A PSP de Vila Real deteve, nesta sexta-feira de madrugada, sete cidadãos estrangeiros, entre os 19 e os 34 anos, e suspeita que se preparavam para assaltar o centro comercial da cidade.

Fonte da polícia disse à agência Lusa que os indivíduos foram apanhados dentro de duas viaturas que terão sido roubadas na margem sul, em Lisboa.

Os suspeitos foram detidos cerca das 05h30 nas imediações do Centro Comercial Dolce Vita Douro, encontrando-se a PSP a fazer ainda diligências para apurar se os homens estão relacionados com outros roubos que ocorreram no País.

A fonte referiu que, já no sábado, imagens de videovigilância capturaram uma das viaturas com pessoas encapuzadas no interior, suspeitando-se que se possa ter tratado de uma primeira tentativa de assalto àquele estabelecimento comercial.

Os detidos deverão ser ouvidos em tribunal, nesta sexta-feira à tarde ou sábado de manhã.

### **Comentários (7)**

- 1. Comentário feito por: carlos filipe nogueira de oliveira** Ainda vamos ter que lhes dar de beber e comer, façam-nos um favor corram com eles

16h05

- 2. Comentário feito por: Luis** Portuguese apanhados a roubar em outro País, são recambiados, como são estrangeiros em Portugal, vão receber uma casa (prisão) se não aguardarem em liberdade, e comida, paga com os meus impostos. welkome to paradise.

15h52

## **Peça 14 de Fevereiro CM - “Ciganos e nómadas sofrem “racismo flagrante” na Europa”**

São "discriminados em educação, emprego, acesso a um alojamento decente e saúde”

### **Ciganos e nómadas sofrem "racismo flagrante" na Europa**

Os ciganos e os nómadas sofrem um “racismo flagrante” na Europa, lamentou esta segunda-feira o comissário para os direitos humanos do Conselho da Europa, Thomas Hammarberg, que propõe num relatório medidas para alterar a situação.

"Em muitos países europeus, os ciganos e os nómadas continuam privados de direitos básicos e sofrem um racismo flagrante", considerou Hammarberg no relatório, que apresentou hoje em Bruxelas.

O comissário indicou que ciganos e nómadas são "claramente discriminados em relação a outros grupos em matéria de educação, emprego, acesso a um alojamento decente e saúde", constatando existir na população cigana uma menor esperança de vida e uma maior taxa de mortalidade infantil.

Thomas Hammarberg lamentou ainda o comportamento de certos dirigentes, comunicação social e grupos extremistas activos na Internet, que têm um discurso de ódio em relação aos ciganos.

A comunidade cigana inclui entre 10 a 12 milhões de indivíduos nos 47 Estados-membros do Conselho da Europa.

### **Comentários (16)**

- 12. Comentário feito por:abu baghdadi** ... e os ciganos k fazem para se integrar na sociedade?... Roubar, tráfico de droga, passagem de moeda falsa, viveram dos dinheiro dos impostos que todos nós pagamos e eles nada produzem e ainda por cima agressivos...

Votação 26 (28 votos) - 18h14

- 13. Comentário feito por: Anónimo** dao-lhe casa,rendimento minimo para a vida toda,um balurdio por cada filho e isso é racismo!?quem me dera a mim...

Votação 34 (36 votos) - 18h05

### **Anexo 3: Peças Jornalísticas do Público**

O Anexo 3 contém algumas peças jornalísticas do Público com e sem comentários. As peças jornalísticas e os comentários estão transcritos na íntegra e foram selecionados de acordo com os exemplos dados na parte empírica da dissertação.

- **Lista de peças jornalísticas de Novembro:**

Peça 1 de Novembro Público - «Alan acusa Javi Garcia de insultos: “Chamou-me preto de merda”»

Peça 2 de Novembro Público - “Nove em cada dez funcionários orientais em situação ilegal”

Peça 3 de Novembro Público - “Ciganos são vítimas de discriminação laboral e violência policial em Portugal”

Peça 4 de Novembro Público - “Preso mais um suspeito de crimes racistas na Alemanha”

Peça 5 de Novembro Público - “Imigrantes brasileiros e angolanos saem de Portugal devido à crise financeira”

Peça 6 de Novembro Público - “Julgamento de jovem estrangeiro detido frente à AR adiado para dia 6”



## **Peça 1 de Novembro Público - «Alan acusa Javi García de insultos: “Chamou-me preto de merda”»**

Futebol

### **Alan acusa Javi García de racismo: "Chamou-me preto de merda"**

O brasileiro Alan, jogador do Braga, acusou nesta segunda-feira o espanhol Javi García (Benfica) de ter feito insultos racistas durante o jogo de domingo entre as duas equipas.

“Um menino chamado Javi García insultou-me. Chamou-me preto, só que colocou a mão à frente, porque não é homem para dizer isso. Chamou-me preto de merda. Eu sou negro com muito orgulho. E desejei que os meus filhos morressem”, disse Alan, em declarações à Antena 1, acusando o médio do Benfica de também ter injuriado Djamel, outro jogador bracarense.

Questionado se tem testemunhas sobre os alegados insultos de Javi García e se está disposto a reafirmar estas palavras perante a Comissão Disciplinar da Liga, Alan referiu que “ainda vai passar muita água por esse rio”.

“Ele [Javi García] tem de tomar cuidado com o que diz, porque o capitão dele é negro, o lateral-esquerdo dele é negro e 70 por cento da torcida dele é negra. Tem de tomar cuidado com o que diz”, acrescentou Alan.

O capitão do Braga reagiu ainda às declarações de Artur, seu antigo companheiro no Minho e agora guarda-redes do Benfica, que disse que em Braga “há truques fora do campo”, referindo-se aos cortes de electricidade e à falta de água quente.

Alan manifestou-se desiludido com as declarações do guarda-redes, mas sugeriu que elas aconteceram por indicação de outras pessoas. “O Artur foi no nosso balneário. Viu que não tinha água para a gente”, explicou o médio bracarense, afirmando que o antigo colega “teve uma declaração incorrecta e foi mandado pelos superiores dele.”

“Tratou-se de um problema técnico. Não foi igual ao que fizeram quando o FC Porto foi lá e desligaram a luz e ligaram o sistema de rega”, acrescentou Alan, acusando o Benfica de “arranjar desculpas” para o empate. “O Braga foi melhor. Todo o mundo viu isso.”

Javi García, entretanto, já reagiu, negando ter proferido qualquer insulto contra Alan. “Sou um jogador leal, incapaz de fazer aquilo que hoje alguém me acusa. Estranho até, com acusações tão graves, que o jogador em causa só se tenha lembrado delas hoje”, diz Javi García, num comunicado publicado no site oficial do Benfica.

### **Comentários (53)**

- 10. Adepto Isento de Futebol, MAFRA.** Não se percebe porque numa crise de amnesia só se lembrou de falar um dia depois. Quanto a questão da temática jornalística, caros amigos notícia é o facto de o Benfica não ter chegado ao primeiro lugar, porque o segundo é o primeiro dos últimos em qualquer campeonato. O Braga é um clube pequeno, regional, onde ate na sua casa falta a Luz e a água quente. Devia ser chamado um outro Salvador para orientar este lar tão carenciado. Saudações ao João Pereira do Sporting, que pelo menos quando não gosta de alguém, trata do assunto logo ali a frente de toda a gente e no momento. Aqui ficam dois exemplos a preto e branco, de que a cor não define educação nem princípios.

18:54

- 11. Anónimo, Braga.** O Alan devia ter feito queixa dele às identidades competentes não era vir falar um dia depois á comunicação social. Se o Javi é um jogador duro? Claro que é mas é isso que faz dele muito bom jogador e ele tem respeito por os outtros jogadores por isso, custa acreditar que tenha dito estas coisas até porque tem companheiros de cor e um dos seus melhores amigos é Garay e ele não é claro! E quando é que ele lhe disse isso mesmo? é que a maior parte do tempo a luz estava apagada e ele estava com os seus companheiros, E o Artur

disse aquilo que pensava pois até o disse no seu twitter, onde o Benfica não tem qualquer tipo de controlo. Com Javi diz 'O teatro faz mal ao futebol'

41 votos - 17:41

- 12. Joao, Lisboa, Pt.** Ninguem me tira da cabeça que os cortes de corrente foram propositados, para prejudicar o Benfica. A PJ tem de investigar.

12 votos - 17:00

- 13. Anónimo, Açores.** As coisas até estavam calmas, ao contrário, do anti-benfiquismo da época passada... Esse Sr. Alan nem devia abrir a boca, com todas as agressões e faltas simuladas k tem no seu currículo. Se o Javi disse o k ele alega é simples, ele k faça uma exposição aos organismos competentes e próprios mas duvido porque o k eles gostam mesmo é de incitar à violência. A todos os benfiquistas, n se deixem levar por essas provocações... saudações

14 votos - 16:52

- 14. jeronimo, lisboa.** Benfica perde oportunidade de chegar à liderança! Esta é a ideia do jornalismo oficial. Braga perde quarto lugar para o Maritimo e não aproveita deslize do Porto. Esta seria a noticia, caso o nosso jornalismo desportivo fosse jornalismo de factos e não de estados de alma dos próprios profissionais.

4 votos - 16:51

- 34. António Dias, Matosinhos.** Lindo! Tudo declarações ao nível do orelhas e do masca chicletes de fossa aberta!

9 votos - 14:29

- 42. Anónimo, Knome.** O que aconteceu foi que ele te chamou preto (o que não é mentira, ele é branco), depois foram ditas algumas coisas pelo meio, e depois disse fiteiro de merda. E tu, só ouviste preto de merda.

11 votos - 14:03

- 43. big bang, universo.** conversa de caca, típica de pau-mandado. nem vale a pena perder mais tempo com isto.

11 votos - 14:02

- 44. mm, lx..** «Vai ser interessante ver-te a provar isso» vai, não; era interessante mesmo, mas não, estas cenas só se provam em campo, embora os custos para o agredido verbalmente sejam acrescidos, vê o caso do Wesley, esse pelo menos não deixou dúvidas que o JP, é um grande “pulha”; Já este Alan, coitado é bom moço, (para gozo teu, ou não fosse tu mais um “biltre” a juntar aos muitos que por aqui andam), vai ficar a pregar no deserto; é pena porque sois vós que andais há anos apregoando á “vossa” verdade desportiva. Olha meu caramelo, vai dar uma volta ao bilhar grande.

5 votos - 13:58

### **Comentários do Facebook (196)**

*Público*

*Jogador do SC Braga mostrou-se disponível para fazer estas acusações na Liga de clubes*

**Alan: Javi García "chamou-me preto de merda" e "desejou que os meus filhos morressem"**

*desporto.publico.pt*

*O brasileiro Alan, jogador do Braga, acusou o espanhol Javi García (Benfica) de o ter insultado durante o jogo de domingo entre as duas equipas, que terminou empatado (1-1)*

8. **Rocha Paulo** Este ::::::::::::::,devia ter mais respeito !!!!!!!!! pois nós sabemos onde aprendeu a dizer estas coisas ,,,,,,,, triste ,,,,,insurreto  
Gosto · 2
63. **Mara Lucia Cardoso Pires** pedro contreira o comentario de trampa começou no alan... devia estar preocupado com saber jogar e nao ser fiteiro. pq que ele é preto é uma verdade e deve ser o javi saber dos filhos dele. vê-se logo que é mentira... mas só não vê quem nao quer  
Gosto · 1

### **Peça 3 de Novembro Público - “Ciganos são vítimas de discriminação laboral e violência policial em Portugal”**

#### **Ciganos são vítimas de discriminação laboral e violência policial em Portugal**

Por Lusa

Os ciganos residentes em Portugal moram em habitações de baixa qualidade, possuem habilitações escolares reduzidas e são vítimas de discriminação no mercado de trabalho e de violência policial, segundo o Centro Europeu para os Direitos dos Ciganos (ERRC).

O ERRC realizou hoje em Lisboa um encontro para abordar os direitos dos ciganos, após o Comité Europeu dos Direitos Sociais ter considerado que as autoridades portuguesas violam a Carta Social Europeia no que toca ao acesso à habitação.

Analisando a situação dos ciganos em Portugal, o ERRC conclui que a maioria não possui o ensino primário e que as crianças são alvo “de atitudes hostis de pais não ciganos que recusam que os seus filhos partilhem as mesmas aulas”.

Investigações da associação internacional de defesa dos direitos dos ciganos indicam também que a violência policial sobre os ciganos ocorre com frequência no país e não tem cobertura noticiosa.

Segundo o ERRC, em Portugal não existe uma política específica de promoção da inclusão, apesar de alguns ciganos beneficiarem da assistência social de programa de realojamento, como o Rendimento Social de Inserção e o Programa Especial de Realojamento.

Esta associação internacional refere igualmente que aproximadamente um terço dos ciganos reside em habitações abaixo dos padrões comuns, quer se trata de bairros de barracas, quer em habitação social, além de quase metade da comunidade viver em áreas “insalubres”.

Para a ERRC, os ciganos têm merecido em Portugal “menos atenção” do que em outros países europeus, sendo “preocupante” a sua situação em termos de inclusão social e acessos aos direitos fundamentais.

Concluiu ainda que as medidas previstas no Plano Nacional para a Inclusão, criado em 2008 com projectos que visam a integração dos ciganos, ainda não foram criadas.

No início do mês, o Comité Europeu dos Direitos Sociais considerou que Portugal não garante à comunidade cigana residente no país condições de habitação adequada, violando o direito da proteção contra a pobreza e exclusão social.

A decisão do Comité surge no seguimento de uma queixa apresentada no ano passado pelo ERRC, que considera que os programas de realojamento em Portugal não conseguiram integrar os ciganos e, muitas vezes, resultaram em “segregação espacial” e habitações “inadequadas” com infra-estruturas “pobres”, além do acessos aos serviços públicos ser “limitada” ou “nenhum”.

Também hoje a Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos divulgou as conclusões do seu 38º encontro e concluiu que em Portugal as políticas e estratégias de inclusão dos ciganos “não têm dado grandes resultados, continuando a maioria da população de etnia cigana a viver marginalizada, excluída sem lhe serem reconhecidos os mesmos direitos de cidadania da restante população portuguesa”.

Nesse sentido, apelou ao Governo para que promova “o reconhecimento efectivo dos direitos básicos dos ciganos, como cidadãos portugueses de pleno direito, o qual deve ser concretizado obrigatoriamente a nível nacional, regional e local”.

Em Portugal vivem cerca de 33 mil ciganos.

#### **Comentários (4)**

##### **1. Jorge Silva, Mira.**

**Estudo fundamentado em quê?** Esses senhores deviam basear-se em factos concretos como: os ciganos têm as suas leis e costumes, não se misturam com outras etnias; não procuram habilitar-se para exercer uma profissão; habilidosamente conseguem obter RSI, casas em bairros sociais onde pagam uma pechincha, em contraste com verdadeiras "Bombas" estacionados à porta. E por último gostava que me mostrassem quantas mulheres e homens ciganos trabalham em empresas das várias áreas. A conclusão é que eles preferem manter-se à parte ao mesmo tempo que usufruem do sistema para o qual não contribuem. E assim podem dedicar-se muitas das vezes a tráficos vários, desde droga e armas e a venda ilícita de vestuário e outros. Paradigmático: quando tem problemas com a justiça nunca é defendido por oficiosos mas sim por advogados pagos a peso ...

17:13

##### **2. José Borges, Viana do Castelo.**

**A sério?** E quem é que se põe a "jeito"?

16:12

##### **4. Correia, Lisboa.**

**RE: Ai sim?** O mal dos outros não justifica o nosso. Experimente fazer-se passar por cigano, e com o seu (Alexandre Cardoso) curriculum vitae procurar emprego, tente alugar uma casa simulando um sotaque cigano, independente dos seus rendimentos e veja o resultado, só assim percebe o que é a discriminação, assim vai conhecer a realidade. Não digo que o que diz não seja verdade e também não digo que todos os ciganos querem uma plena integração. Mas negar aos que querem essa oportunidade é discriminação e isso acontece em Portugal. O que falta aos portugueses é reconhecer os seus erros, corrigi-los e seguir em frente.

## **Peça 4 de Novembro Público - “Preso mais um suspeito de crimes racistas na Alemanha”**

Ligações a grupo neonazi

### **Preso mais um suspeito de crimes racistas na Alemanha**

Por PÚBLICO

Um alemão de 32 anos, suspeito de ter apoiado um grupo de neonazis que foi responsável por uma série de mortes por motivos racistas em toda a Alemanha, foi preso esta quinta-feira perto de Potsdam (leste), anunciou a procuradoria federal.

Andre E. é “fortemente suspeito” de ter mantido “contactos estreitos”, desde 2003, com um trio de neonazis composto por dois homens e uma mulher.

O suspeito terá realizado um filme em 2007 onde este grupo reivindica a morte de nove estrangeiros, incluindo oito trucas, entre 2000 e 2006, todos abatidos com um tiro na cabeça, e um polícia, em 2007, segundo a mesma fonte judicial.

Nesse filme os autores utilizam a personagem da pantera cor-de-rosa e imagens de um atentado cometido em 2004 num bairro com uma população maioritariamente constituída por imigrantes, em Colónia (Alemanha ocidental), de que eventualmente também foram os autores.

A procuradoria de Karlsruhe (sudoeste), competente em matéria de terrorismo, suspeita igualmente que Andre E. terá emprestado o seu passe dos comboios bem como o da sua mulher a dois membros do grupo neonazi.

A polícia fez buscas em quatro apartamentos em três localidades da ex-RDA, incluindo a casa do suspeito agora detido em Zwickau.

Depois do suicídio de dois dos três membros do trio, durante um assalto a um banco que não correu bem, a Alemanha descobriu em meados de Novembro que este grupo esteve envolvido nas nove mortes dos estrangeiros, todos eles pequenos comerciantes.

A terceira personagem deste trio, uma mulher de 36 anos, entregou-se à polícia. Um outro homem, de 37 anos, encontra-se em prisão preventiva, suspeito de ter ajudado o grupo.

## **Peça 5 de Novembro Público - “Imigrantes brasileiros e angolanos saem de Portugal devido à crise financeira”**

Observatório da Imigração

### **Imigrantes brasileiros e angolanos saem de Portugal devido à crise financeira**

Por Lusa

Imigrantes brasileiros e angolanos em Portugal estão de regresso aos seus países de origem devido à crise no país e ao crescimento económico e baixo desemprego no Brasil e em Angola, disse hoje o coordenador do Observatório da Imigração.

“As taxas de desemprego no Brasil e Angola são menores do que em Portugal, assim, “é natural que as pessoas decidam voltar. É uma auto-regulação dos fluxos de imigrantes”, declarou à agência Lusa o coordenador do Observatório da Imigração, o engenheiro Roberto Carneiro.

Além dos imigrantes que voltam ao seu país de origem com recursos próprios, existem ainda os que pedem ajuda às instituições portuguesas.

O número de imigrantes em Portugal que pedem ajuda para regressar aos países de origem está a registar um “grande crescimento” e os brasileiros constituem a maioria, revelam dados fornecidos à Lusa pela Organização Internacional para as Migrações (OIM).

O aumento dos apoios ao regresso vem reforçar a tendência de crescimento do número de imigrantes no geral que voltam para os seus países de origem.

“Aqui, em Portugal, a situação do mercado de emprego está cada vez mais difícil, sendo que os imigrantes em Portugal têm maior probabilidade de estarem desempregados do que os nacionais”, declarou o antigo ministro da Educação.

“É obvio que o Brasil, sobretudo, e Angola são dois países pujantes, em grande desenvolvimento económico e registam baixas taxas de desemprego, procuram quadros qualificados, sobretudo entre pessoas que queiram trabalhar nesses dois países”, disse o também professor da Universidade Católica.

Para Roberto Carneiro, “Portugal está numa recessão imensa, com problemas imensos, gravosos no mercado de emprego”, sendo que Brasil e Angola são dois mercados de trabalho também para os portugueses.

De Janeiro a Outubro de 2011, 1790 pessoas candidataram-se ao Programa de Retorno Voluntário (PRV), uma média de 179 inscrições por mês – sendo já certo um aumento em relação a 2010, que registou, no total, 1791 inscrições. A tendência tem sido sempre de crescimento: em 2009, os candidatos foram 1011, em 2008 inscreveram-se 634 e em 2007 apenas 320.

Os brasileiros lideram a lista por larga margem, representando, nos primeiros dez meses deste ano, 87 por cento das candidaturas ao PRV e 84 por cento dos retornados (382 pessoas), percentagens superiores às registadas nesta comunidade em 2010.

Segundo dados (de 2010) do SEF, há 119.363 brasileiros e 23.494 angolanos a residir legalmente em Portugal.

Das candidaturas deste ano, 455 pessoas já embarcaram. Durante o ano de 2010, 562 pessoas regressaram ao país de origem no âmbito do PRV.

Ainda que distantes dos brasileiros, seguem-se os angolanos, com 4,8 por cento (22 pessoas) de embarcados neste ano, quase metade do número registado em todo o ano de 2010 (9,4 por cento).

Cabo-verdianos e são-tomenses retornam menos aos países de origem, com taxas de 2,6 e 2,2 por cento em 2011, respectivamente. Ucrrianos (1,5 por cento), guineenses (0,9 por cento) e moçambicanos (0,9 por cento) recorrem menos ainda ao PRV.

Gerido pela OIM, em colaboração com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), e financiado pelo Fundo Europeu de Regresso (em 75 por cento) e pelo Estado português (em 25 por cento), o PRV financia a viagem de regresso do imigrante (o preço médio ronda os 900 euros) e atribui-lhe ainda 50 euros de dinheiro para despesas.

O programa impõe um período de interdição de três anos, que obriga os imigrantes que dele beneficiaram a, se voltarem a Portugal, ressarcirem o Estado no valor que lhes foi pago.

## **Comentários (2)**

### **1. joaquim horácio serra leitão , coimbra.**

**seria** seria interessante que informaszedem ao msmo tempo quantos portugueses emigraram desde 2007 para cá( com indicação dos nºs por ano) e também já agora as suas habilitações académicas.

16:46

### **2. Anónimo , fatima.**

**crise e desemprego** angola e brasil estao em nivel de crescimento de economia estavel e de boa saude.... este nosso Portugal agora deve pedir ajuda a estes Países, para que a economia cresça... isto está péssimo.....

16:30



- **Lista de peças jornalísticas de Dezembro:**

Peça 1 de Dezembro Público - “Tribunal vai julgar chineses que tinham escravas sexuais em Portugal”

Peça 2 de Dezembro Público - “Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar Natal na prisão”

Peça 3 de Dezembro Público - “Supremo tribunal dos EUA aceita recurso a favor da lei da imigração no Alabama”

Peça 4 de Dezembro Público - “Bispo de Beja denuncia “trabalho escravo” de imigrantes, mas autoridades ainda não detectaram nenhum caso este ano”

Peça 5 de Dezembro Público - “Inspectores do SEF dizem que estratégia de equipas mistas do MAI vai fracassar”

Peça 6 de Dezembro Público - “Pelo menos 38 migrantes haitianos mortos em naufrágio ao largo de Cuba”

Peça 7 de Dezembro Público - “Terry acusado criminalmente de racismo”

## **Peça 1 de Dezembro Público - “Tribunal vai julgar chineses que tinham escravas sexuais em Portugal”**

### **Tribunal vai julgar sete chineses que tinham escravas sexuais em Portugal**

Por José Bento Amaro

São sete os arguidos chineses (três estão em situação de prisão preventiva) que vão responder em tribunal pelos crimes de auxílio à imigração ilegal e lenocínio.

Os sete arguidos, identificados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) ao longo de uma investigação que se iniciou no ano passado e que só terá sido concluída em Abril deste ano, serão os responsáveis por uma rede transnacional com ramificações noutros países europeus. Esta rede trazia grupos de mulheres com o único intuito de proceder à sua exploração sexual, segundo refere o Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) numa nota divulgada esta segunda-feira.

De acordo com os investigadores, as mulheres identificadas nesta operação foram colocadas a trabalhar como prostitutas em estabelecimentos de Lisboa e de outras regiões do Sul. Para chegarem a Portugal tiveram que pagar a uma rede de tráfico de seres humanos cujos integrantes não só lhes cobraram elevados montantes não divulgados como se apoderaram de todos os seus documentos identificativos, inviabilizando assim qualquer tentativa de fuga.

Uma vez colocadas nos estabelecimentos nocturnos, as mulheres tinham de se prostituir para poderem pagar a alegada dívida ao grupo criminoso mas, em muitos casos, nunca conseguiram sequer amortizá-la, uma vez que lhes foram sendo sempre cobradas outras importâncias, fossem elas relativas ao alojamento, à alimentação ou até à segurança.

Este método agora denunciado pelo DIAP não é apenas praticado pelos chineses (os principais mentores destes grupos são conhecidos por “Cabeça de Cobra”), sendo igualmente frequente entre associações criminosas do Leste da Europa.

O primeiro caso do género desmantelado em Portugal, denominado “A Gaiola das Malucas”, remonta à década de 1980. Na ocasião foi a Polícia Judiciária quem, numa casa do Algarve, identificou um grupo de mulheres ucranianas que haviam despojadas de todos os documentos. Durante o dia estavam fechadas (as portas e janelas estavam reforçadas com grades de ferro) e à noite eram levadas para bares, onde se prostituíam. Todo o dinheiro ia de imediato para os bolsos dos homens que as exploravam, sequestravam e, por vezes, espancavam.

### **Comentários (1)**

## **Peça 2 de Dezembro Público - “Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar Natal na prisão”**

Reino Unido

### **Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar o Natal na prisão**

Por PÚBLICO

Uma mulher que foi filmada no metro de Londres a proferir comentários racistas e cujo vídeo foi posteriormente colocado no Youtube vai passar o Natal na prisão.

Após uma audiência em tribunal a mulher foi acusada de desestabilização da ordem pública agravada devido aos comentários de natureza racista, escreve o “The Guardian”. A britânica, de 34 anos, foi filmada gritando frases racistas às pessoas que viajavam com ela no metro, no sul de Londres, enquanto segurava no colo um menor.

A mulher, identificada como Emma West e moradora em New Addington (sul de Londres), chorou em tribunal enquanto os magistrados assistiam às imagens do que se passou no metro. O vídeo já foi visto mais de 11 milhões de vezes desde que foi colocado online, no dia 27 de Novembro.

A mulher vai agora passar o Natal da prisão depois de lhe ter sido negada a saída mediante pagamento de caução. No dia 3 de Janeiro Emma West será novamente ouvida em tribunal.

#### ***Com vídeo***

#### ***Comentários (34)***

##### **32. Emigra , Munique, Alemanha.**

**RE: Emigrar.** Não haverá racismo tb em Portugal?? a diferença para mim, é que neste caso a mulher será responsabilizada pelo que fez... já em Portugal, o mesmo não se passaria...

#### ***Comentários do Facebook (186)***

*Público partilhou uma ligação.*

***Mulher que fez comentários racistas no metro de Londres vai passar o Natal na prisão***

[www.publico.pt](http://www.publico.pt)

*Uma mulher que foi filmada no metro de Londres a proferir comentários racistas e cujo vídeo foi posteriormente colocado no Youtube vai passar o Natal na prisão.*

**11. Rúben Marques** hahah feliz natal minha senhora!!1 muahhaha

- **Lista de peças jornalísticas de Janeiro:**

Peça 1 de Janeiro Público - “Tribunal londrino condena dois homens por crime racista com 18 anos”

Peça 2 de Janeiro Público - “SEF detém homem com mandato de captura europeu”

Peça 3 de Janeiro Público - «Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”»

Peça 4 de Janeiro Público - “SEF detém estrangeiro alvo de mandado de detenção europeu”

Peça 5 de Janeiro Público - “Casal promoveu mais de 20 casamentos simulados”

Peça 6 de Janeiro Público - “Seis imigrantes ilegais detidos em Armação de Pêra”

Peça 7 de Janeiro Público - “SEF investiga imigração ilegal na Naval 1º. de Maio”

## **Peça 1 de Janeiro Público - “Tribunal londrino condena dois homens por crime racista com 18 anos”**

Arguidos vão cumprir penas mínimas de 14 e 15 anos

### **Tribunal londrino condena dois homens por crime racista com 18 anos**

Por PÚBLICO

É o desfecho de um caso com 18 anos, que pôs a nu tensões raciais até então negadas pelas autoridades britânicas. Gary Dobson e David Norris, hoje adultos, foram condenados a prisão perpétua pelo assassinio de Stephen Lawrence, um adolescente de origem jamaicana, brutalmente agredido por um gang no sudeste de Londres, em 1993.

Segundo a sentença lida hoje em Old Baley, o tribunal penal central de Londres, Dobson terá de cumprir uma pena mínima de 15 anos e dois meses, enquanto Norris passará na prisão pelo menos 14 anos e três meses.

O juiz presidente admitiu que a condenação é inferior ao que os familiares de Lawrence julgariam apropriado, mas explicou que foi obrigado a ter em conta factores atenuantes, como o facto de os dois acusados serem menores à data dos crimes.

“A gravidade deste caso é elevada”, afirmou o magistrado, citado pela BBC, dizendo não haver dúvidas dos propósitos racistas dos assassinos de Lawrence. E apesar de não ter ficado provado quem esfaqueou o jovem, os dois acusados “sabiam que alguém do grupo transportava uma faca” e estavam preparados para atacar quando a circunstância se proporcionasse. “Este foi um crime que manchou o país”, sublinhou, lamentando que nenhum dos dois tenha demonstrado qualquer arrependimento.

Stephen Lawrence foi atacado por um gang em Abril de 1993, quando esperava um autocarro numa paragem em Eltham, no sudeste de Londres. O ataque racista chocou os britânicos e, meses depois, a polícia deteve Dobson, Norris e outros três suspeitos. Mas as investigações acabaram por ser abandonadas, já que as provas e os testemunhos recolhidos foram considerados insuficientes.

No entanto, investigações posteriores revelaram falhas graves na actuação da polícia, com denúncias de racismo institucionalizado, o que acabaria por conduzir a profundas mudanças na Scotland Yard, incluindo o recrutamento de mais agentes oriundos de minorias étnicas.

O caso acabaria por ser reaberto e, em 2007, peritos forenses, recorrendo a técnicas que não estavam disponíveis à data do crime, encontraram uma microscópica mancha de sangue no casaco apreendido a Dobson e um fio de cabelo pertencente a Lawrence nos jeans que Norris usava. Os arguidos insistiram sempre na sua inocência, afirmando que as provas teriam sido contaminadas, mas o tribunal considerou os indícios suficientes para a condenação.

Os dois acusados foram durante os últimos anos visados por várias investigações relacionadas com a actividade de gangs e, em 2010, Dobson foi condenado por tráfico de droga, cumprindo actualmente uma pena de prisão de cinco anos.

### ***Comentários (8)***

#### **4. Rui Duarte , Lisboa.**

**Um bom exemplo** Um País civilizado com certeza. Uma lição para a medíocre justiça Portuguesa. Aprendam, copiem! Não é necessário inventar nada! Copiem os bons exemplos.

16:34

### **5. Graça Barrô , Odivelas Portugal.**

**Justiça feita!** Estava a viver em Inglaterra há 3 anos depois do assassinato de Stephen Lawrence e lembro-me de ver nas notícias a luta dos pais para trazer há justiça os assassinos do filho, finalmente foi conseguido, só esperam que cumpram o tempo na prisão!

15:42

### **6. Onu Real , Porto.**

**Exemplo** que sirva de lição à justiça portuguesa. um crime destes nunca pode prescrever. vejam o ridículo do caso do estripador de lisboa. Se se provar que foi aquele maluquinho que foi preso recentemente, não pode ser julgado pelos crimes por terem prescrito. Ridículo.

15:20

### **7. jf , pt. 04.01.2012**

**Perpétua ou 14 e 15 anos?!** Ainda bem que os delinquentes que cometeram este crime brutal foram finalmente condenados. A pobre família teve que esperar tanto tempo para que alguma justiça pudesse ter sido feita. Só não dá para perceber porque é que de prisão perpétua (para sempre) se aplicam sómente penas mínimas de 14 e 15 anos. Tem isto a ver com libertação condicionada por bom comportamento? Alguém me poderá explicar porquê.

14:48

### **Peça 3 de Janeiro Público - «Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros “qualificados”»**

Obstáculos devem continuar para candidatos pobres

#### **Brasil admite acelerar concessão de vistos para imigrantes estrangeiros "qualificados"**

Por Alexandra Lucas Coelho, no Rio de Janeiro

Uma nova política permitirá "drenar cérebros", aproveitando a crise e o desemprego na Europa. Obstáculos devem continuar para haitianos e outros candidatos pobres nas fronteiras.

O Governo brasileiro está a pensar mudar a lei de imigração para atrair imigrantes "qualificados", nomeadamente europeus. A nova política vai ser preparada por uma comissão com técnicos de três ministérios, Justiça, Defesa e Negócios Estrangeiros, confirmou ontem ao PÚBLICO Marcone Gonçalves, assessor da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), órgão dependente da Presidente Dilma Rousseff.

O jornal O Globo revelou a existência deste projecto na sua manchete de domingo. E lá dentro, num texto intitulado *Tapete vermelho para imigrantes qualificados*, os responsáveis da SAE desenvolvem a ideia. "Como o Brasil é uma ilha de prosperidade no mundo, há muita gente de boa qualidade que quer vir", explica o secretário Ricardo Paes de Barros. "Mas a fila do visto é a mesma para todos. Não estamos olhando clinicamente para ver quem vai trazer tecnologia."

O objectivo agora será "um processo de imigração selectiva", que acelere os vistos dos mais "qualificados", mas limite a entrada dos mais pobres, como os haitianos e outros imigrantes que se têm acumulado nas fronteiras da Amazônia.

#### **Tecnologia e pessoas**

"É preciso definir até onde irá a nossa generosidade", ressaltou Paes de Barros. "Como vamos contribuir para aliviar a pobreza do mundo e absorver essas pessoas. Solidariedade tem de ter limite e caber dentro do que o Brasil pode ajudar."

A prioridade será a drenagem de cérebros, como o ministro-chefe da SAE, Moreira Franco resume explicitamente no artigo publicado domingo: "Não se transfere [tecnologia] comprando produtos fora. É preciso drenar os cérebros. Tecnologia está na cabeça das pessoas."

No Brasil, onde o momento é de *boom* na construção civil e na exploração de petróleo, continua a ser grande a carência de quadros intermédios, por exemplo engenheiros. Ao mesmo tempo, muitos técnicos europeus enfrentam desemprego e falta de perspectivas. A possibilidade de serem atraídos para o Brasil é grande e os números têm comprovado o aumento destes novos imigrantes.

Entre Janeiro e Setembro de 2011, o ministério brasileiro do Trabalho concedeu 51.353 autorizações, mais um terço do que em 2010. Portugueses e espanhóis contam-se entre os mais interessados.

De acordo com *O Globo*, os trabalhos da comissão que vai preparar a mudança da lei da imigração deverão estar prontos daqui a dois meses.

#### **Cedo de mais**

Segunda-feira o PÚBLICO contactou a SAE para saber mais pormenores do novo projecto junto dos responsáveis citados no jornal. Até ao fim do dia, a expectativa do gabinete de imprensa era que Paes de Barros ou o próprio ministro falassem, mas imprevistos nos voos para Brasília obrigaram a adiar o contacto para o dia seguinte.

Ontem à tarde, depois de várias insistências, o gabinete de imprensa da SAE reencaminhou o PÚBLICO para o Ministério da Justiça, onde o secretário nacional Paulo Abraão seria a pessoa a ouvir. Mas este responsável estava fora, em Sevilha, e a sua assessora Bárbara Lobato disse que o Ministério da Justiça "oficialmente ainda não tem conhecimento do projecto".

Contactada novamente a SAE, o assessor Marcone Gonçalves garantiu que "o projecto vai avançar" quando a comissão estiver constituída, mas que até lá os dois responsáveis que prestaram declarações ao *Globo* "não voltarão a falar sobre o assunto" com mais nenhum órgão de comunicação social.

No decorrer deste vaivém telefónico entre vários gabinetes em Brasília, o PÚBLICO apurou que a manchete do *Globo* foi recebida com surpresa pelos ministérios que vão trabalhar juntos na comissão. Ou seja, os responsáveis da SAE terão anunciado cedo de mais um projecto que lhes coube idealizar, mas caberá a outros desenvolver. Com o estatuto de ministério e dependente da Presidência da República, a função da SAE é produzir políticas públicas.

Os entraves à concessão de vistos e a excessiva burocracia no que respeita a equivalências e outros documentos são a principal dor de cabeça da nova avalanche de imigração para o Brasil. As provas de qualificação que o candidato a imigrante para o Brasil tem de apresentar para conseguir trabalhar no país são morosas e minuciosas. Por outro lado, as empresas têm de declarar que não há mais nenhum brasileiro que possa desempenhar aquela tarefa.

A lei actual conserva obstáculos do tempo da ditadura militar, quando a situação política, económica e social no país mudou muito.

### **O drama da Amazónia**

Entretanto, nos últimos dias o número de haitianos a tentar entrar pelas fronteiras da Amazónia terá caído, depois de o Brasil ter anunciado que a partir de agora vai limitar a concessão de vistos a 100 por mês, todos emitidos na capital do Haiti, Port-au-Prince.

Diariamente, centenas de haitianos estavam a tentar passar a fronteira entre o Peru e o Brasil, buscando refúgio do outro lado. Somam cerca de 4000, principalmente nos estados do Acre e do Amazonas. O Governo brasileiro quer regularizar os que já estão dentro, e limitar a vinda de mais. Foram reforçadas as patrulhas de fronteira e o Peru também anunciou entraves à imigração.

### **Comentários (31)**

#### **1. Vitor Novo.**

**Tapete vermelho para imigrantes qualificados** Presidente Dilma Rousseff. Não deixe que isso aconteça, já tem muita gente qualificado no Brasil, é so preciso formar mais pessoas em quadro tecnicos, criar mais escolas tecnicas. Doutores, engenheiros, etc..., já tem de mais. É preciso incentivos para se levantarem da cadeira e botar pernas para trabalhar. Um amigo, meu que é quadro superior, anda por todo mundo, china, japão, australia, russi, europa, etc..., em negocio, disse-me que em são paulo onde el vive, tem todo o tipo de gente que veio no pós guerra e guerra do vietname, para a sua terra. Isso é bom claro, porque são todas as culturas e nações dentro de uma onde á mais diversidade, mas tem muita gente dentro de Brasil a precisar de um oportunidade que não chegou.

4 votos - 11:16 Via Facebook

#### **2. nunes , alm.**

**RE: Tapete vermelho para imigrantes qualificados** ate eu em portugal sei que não é assim. faltam cerca de 50 mil engenheiros no brasil. e a formação demora muitos anos...



**3. Mark Mmfb.**

**Que bonito.....** Sou licenciado e qualificado, por isso teria que ver esta medida como positiva. Mas pensando melhor, um país que tem exportado tanta pobreza e pessoas sem qualificações nenhuma, quer agora ser discriminatório no que diz respeito a quem pode ou não entrar no país. Vamos então globalizar esta medida. A partir de agora só entram em Portugal Brasileiros DR ou ENG com no mínimo 10 M na carteira!

09:00 Via Facebook

**4. António , Lisboa.**

**RE: Que bonito.....** Pessoas sem qualificação saem de toda a parte do mundo e não só do Brasil, limitar a imigração justamente para que a grande massa pobre e que não tem para onde ir seja beneficiada é a política correta e além do mais, esta medida não é adotada pela primeira vez no BR, visto que, aqui na Europa a política de imigração do Cartão Azul, onde só entrará pessoas altamente qualificadas já aprovada e em vigor em alguns países, faltando apenas Portugal, Alemanha, Itália e se não me engano a França fazerem a transposição para o regime interno. Logo, meu caro, se para Portugal vieram pessoas sem qualificação, também aqui adentrou muitos brasileiros qualificados, assim como os portugueses sem qualificação e qualificados que desde o século XV entram naquele país.

- **Lista de peças jornalísticas de Fevereiro:**

Peça 1 de Fevereiro Público - “Violência étnica na província chinesa de Xinjiang causa 20 mortos”

## **Peça 1 de Fevereiro Público - “Violência étnica na província chinesa de Xinjiang causa 20 mortos”**

China

### **Violência étnica na província chinesa de Xinjiang causa 20 mortos**

Por AFP

Treze “pessoas inocentes” foram mortas à facada em Yecheng, na província chinesa do Xinjiang, ao passo que a polícia abateu sete “terroristas”, indicou hoje o site oficial Tianshan.

Outros dois “terroristas” foram detidos pela polícia, precisa o mesmo site, acrescentando que está em curso um inquérito para apurar o que se passou.

As tensões étnicas no Xinjiang são comuns entre as autoridades chinesas e a comunidade uigur, população muçulmana de origem turcomena com ramificações em outros países.

### ***Comentários (1)***

#### **1. Felipe Gomes , Sintra.**

**Diz a notícia...** ... que «a polícia abateu sete “terroristas”»... não! não! não! estou em estado de choque... mas então a China comete execuções extra-judiciais? estou siderado... talvez o porta-voz do mundo comunista, Luís "Almada", nos possa esclarecer sobre isto...

14:42